

TRATADO DE ARTE UNIVERSAL

Luciano Moraes

“Não darás a beleza como isca para os sentidos, e sim como alimento para a alma.”

ÍNDICE

Prólogo

INTRODUÇÃO

– O QUE AS ESTRELAS NUMA NOITE DE LUAR IRÃO LHE DIZER

PRIMEIRA PARTE – A ARTE UNIVERSAL

CAPÍTULO UM – ENTRANDO NA CAVERNA

1. “Quando ouvimos os sinos, ouvimos aquilo que já trazemos em nós mesmos como modelo.”
2. “Aprender é recordar”
3. O princípio da Ideia
4. O Convite

CAPÍTULO DOIS – NO ATELIER DE JOHFRA

1. “Quem sabe mais sobre mim do que eu mesmo?”
2. A fogueira universal de Plotino

CAPÍTULO TRÊS – “A ARTE É A ALMA DO UNIVERSO”

A Definição de Arte

Arte, Ciência, Filosofia e Mística – Leonardo da Vinci

3. A arte Subjetiva e a arte Objetiva
4. A Causa da dor é o prazer

CAPÍTULO QUATRO – OS TRÊS FATORES DA REVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA E A ARTE

1. “Toda teoria é cinza, e só é verde a árvore de frutos dourados que é a vida”
2. Os Três Fatores da Revolução da Consciência e o amor
3. SETE PONTOS DA ARTE UNIVERSAL

CAPÍTULO CINCO – O Artista universal

1. O Artista Universal e o conhecimento superior
2. Ioga da Arte e Budismo Zen
3. O Papel , a Pena e o Tinteiro

CAPÍTULO seis – a imaginação criadora

1. O ANIMA MUNDI – A mulher nua que brilha como um sol
2. PRIMEIRO I – IMAGINAÇÃO
3. Relaxamento
4. Concentração no Coração
5. Concentração numa obra de arte
6. Concentração num copo de água
7. Imaginação Criadora em detalhes da natureza
8. A contemplação na hora que o sol se põe
9. Escutando as músicas de Beethoven
10. A Imaginação é a primeira etapa para o Despertar da Sensibilidade

CAPÍTULO SETE – A Natureza e a Inspiração

SEGUNDO I – INSPIRAÇÃO

A pintura contemplativa zen

Poetas e pintores românticos da Natureza

Prática do Córdias – desenvolvimento da Imaginação e da Inspiração

O terceiro I – A intuição – O mantra O

Capítulo OITO – A Simbologia Onírica

1. “O homem se conhece pelos seus sonhos”.
 2. Sonho de Luciano (do autor)
- Sonho de outro Luciano
Sonho e Arte

CAPÍTULO NOVE – O Corpo deve expressar a Alma

Michelangelo e o nu artístico

2. O eterno feminino e a beleza do corpo
3. Hieros gamus e a União espiritual
4. A arte indiana erótica e o tantrismo

Capítulo DEZ – O despertar e a Arte

1. O Sonho da Consciência
2. Não-identificação e auto-observação

3. O Despertar – A HISTÓRIA DE SIDHARTA GAUTAMA
4. O Despertar e a Arte

SEGUNDA PARTE – O PIANO CÓSMICO

Capítulo ONZE – o piano cósmico

1. O SENTIR e O REFLETIR

CAPÍTULO DOZE – MÚSICA DAS ESFERAS

1. “A música do coração vem e vai ao coração”
2. a música das esferas
3. As portas da percepção
4. Concentração na Música – AS QUATROS ESTAÇÕES DE VIVALDI
5. A FLAUTA MÁGICA de Mozart
6. Prática - Dança

CAPÍTULO TREZE – ARQUITETURA: DA CASA DO HOMEM A CASA DE DEUS

1. Projeto Urbanístico- A Cidade-campo do Novo Milênio
2. Feng Shui e a nova harmonização com a Natureza
3. A casa de Deus e as pirâmides do Egito
4. A nossa casa, o nosso lar

CAPÍTULO CATORZE – A ESCULTURA

1. Diferenças entre a escultura e a pintura
2. A Importância da escultura - Michelangelo
3. Bernini, Aleijadinho e Rodin
4. Bodhisatvas orientais e templos tântricos
5. Beleza gera beleza

CAPÍTULO QUINZE – A PINTURA E O DESENHO

1. Os mistérios de Dionísio em Pompeia e os murais de Ajanta
2. A ONDA CÓSMICA
3. Desenho e Pintura – Tintoretto e a União Cósmica
4. Gustav Doré e a Divina Comédia – O DESENHO
5. Durer e A Melancolia
6. Os Caprichos de Goya
7. O meu desenho do DESPERTAR
8. A Pintura – Van Ecky e o casal Arnolfini – CONCENTRAÇÃO

CAPÍTULO DEZESSEIS – A EXPRESSÃO CORPORAL E A DANÇA

1. A Arte do andar
2. Gesticulação
3. A Dança Cósmica
4. A dança dos Sufis

CAPÍTULO DEZESSETE – A LITERATURA

1. Livros sagrados da antiguidade
2. Mitologia comparada e o ciclo arturiano
3. O Renascimento e a Época Moderna

CAPÍTULO DEZOITO – UM POUCO DE POESIA

1. Todo ser humano é poeta, mesmo que não o saiba”. WILLIAN BLAKE
2. GOETHE
3. A Poesia expressando o conhecimento (poesias do autor)
4. Alguns poemas de Rumi
5. Leitura de uma poesia de Goethe – imaginação na poesia

CAPÍTULO DEZENOVE – O TEATRO DA VIDA

1. O teatro e sua origem sagrada
2. Willian Shakespeare
3. A ópera
4. A ópera de Mozart
5. Óperas românticas e A ARTE TOTAL de Wagner

CAPÍTULO VINTE – FOTOGRAFIA E CINEMA

1. O progresso tecnológico
2. A Fotografia
3. O Cinema
4. A mitologia da GUERRA NAS ESTRELAS
5. Matrix – a trilogia

CAPÍTULO VINTE E UM – HISTÓRIA EM QUADRINHOS E MANGÁ

1. Evolução dos Quadrinhos nos Estados Unidos
- o MANGÁ
- Conclusão – alguns avisos sobre a televisão

TERCEIRA PARTE – A ARTE UNIVERSAL ESOTÉRICA

CAPÍTULO VINTE E DOIS – COMO SURGEM OS GÊNIOS

1. Faça sua luz brilhar
2. Razão e Emoção – o movimento pendular
3. A Vocação – Gandhi
4. O Nascimento do GÊNIO

CAPÍTULO VINTE E TRÊS – A AURORA DE UM NOVO DIA

1. Encontrando a mim mesmo no nascer do sol
2. A concentração no que realizamos
3. A transformação das impressões
4. Reflexão e oração

CAPÍTULO VINTE E QUATRO - A ARTE ESOTÉRICA DE HIERONIMUS BOSH

CAPÍTULO VINTE E CINCO – A ARTE ESOTÉRICA DE ARCIMBOLDO

CAPÍTULO VINTE E SEIS – A ARTE ESOTÉRICA DE LEONARDO DA VINCI

- A Santa Ceia de Leonardo da Vinci
2. O sorriso da Monalisa

CAPÍTULO VINTE E SETE - A ARTE ESOTÉRICA DOS SIMBOLISTAS E PRÉ-RAFAELITAS

1. Simbolistas
2. Os pré-rafaelitas

CAPÍTULO VINTE E OITO – JOHFRA BOCHART

- A juventude de Johfra – Salvador Dalí e Einstein
- 2. Johfra , a Segunda Guerra Mundial e a Arte de Hitler
- 3. Johfra em Hague e na França – a beleza do nu artístico
- 4. Os Alpes Marítimos e o Zodíaco
- Maturidade do artista e sua morte
- A Arte Esotérica Atual – Andrew Gonzales e David Camp e outros
- 7. A Música New Age de Enya

CAPÍTULO VINTE E NOVE – A LEI DO SETE E A ARTE RÉGIA DA NATUREZA

1. A Lei do Sete
2. A Arte Régia da Natureza

CAPÍTULO TRINTA – A MUSA E A MÃE DIVINA

- 1 . A Musa inspiradora
2. A Mãe Divina – oração de Dante Alighieri

CAPÍTULO TRINTA E UM – ILUMINAÇÃO E BODHISATVA

- A arte e o espelho
- A dor e o prazer
- Você é um bodhisatva
- Eis o barco: a Gnose
- A Intuição Cósmica

CAPÍTULO TRINTA E DOIS – A ERA DE AQUÁRIO

1. Revolução e Sexo
2. Profecia da Arte Universal
3. Um pouco de reflexão

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS – CONCLUSÃO DO TRATADO DE ARTE

- O que eu pensei enquanto você dormia no meu aniversário – sobre A Arte e a Mãe Divina
- 2. A Cachoeira do Cerrado e as Ondas do Mar e o jardim de Nietzsche
- 3. A Vida é um sopro...
- 4. Castelos de Areia
- 5. Decálogo do Artista (de Gabriela Mistral)
- 6. CONCLUSÃO

PRÓLOGO

Quando eu ainda era um jovem com meus quinze anos, me inquietei, queria saber o porquê das coisas: Porque nascemos? Porque vivemos neste mundo? Queria saber sobre os mistérios da vida e da morte, das civilizações antigas, da origem do homem ... tantas inquietudes se criavam em minha mente que era muito difícil ordená-las.

Ao mesmo tempo em que não gostava de meus próprios defeitos: era tímido e cheio de temores, de desejos e de sonhos vãos; eu também almejava conhecer a verdadeira fonte da sabedoria, conhecer a realidade do Universo, ir além das aparências ilusórias, e descobrir o conhecimento dos antigos povos que reluziam em suas obras de arte, mesmo em ruínas...

Me assombrava com as pirâmides do Egito, o que seus construtores quiseram dizer com elas? Maravilhava-me com as esculturas de Michelangelo, tão fantásticas que pareciam vivas! Com os desenhos e as pinturas de Leonardo da Vinci, que pareciam tão enigmáticas como o sorriso da Mona Lisa! E a música inefável de Mozart, que me parecia muito mais que divina, sentia que ela me queria transmitir algo ... mas não sabia o quê?

Era, assim, um jovem de quinze anos cheio de dúvidas, medos, insatisfeito comigo mesmo e ansiando conhecer de verdade o Universo e seus mistérios.

Foi neste estado de espírito que recebi um convite para ir a um curso de auto-conhecimento, e como este era gratuito (eu não tinha dinheiro para pagar!), eu resolvi ir no dia marcado para assistir a conferência.

Me lembro daquele dia como se fosse ainda hoje, era o dia 17 de novembro, e, às 17 horas entrei naquela sala onde outras pessoas ansiavam pela mesma conferência, que dissertaria sobre como se auto-conhecer através das quatro colunas do Ser: Ciência, Arte, Filosofia e Mística.

Mas... antes da conferência (eu desenhava na folha de papel, um pouco ansioso) me detive para contemplar um quadro, uma gravura, que estava no centro da parede da sala de conferências, fiquei atônito, nunca antes tinha visto algo tão maravilhoso, durante quase um minuto minha respiração ficou suspensa, não conseguia mais tirar meus olhos do quadro: tantos detalhes! Luz! Raios! Figuras incrivelmente sobrepostas! Fantásticos rochedos! Estranhos seres! Homens voando em poses forçadas! Sereias e tritões! (o masculino de sereia, homens com caudas de peixes) Um desfile de monges! Enfim, uma paisagem transcendental... e no meio de tudo um homem formado de mil coisas: uma árvore, animais voadores, frutos dourados, duas mulheres, uma serpe... me era impossível explicá-lo.

Naquele único minuto eu vi tudo aquilo, era como se um raio houvesse caído sobre minha cabeça, sem saber como nem porquê havia recebido um ensinamento sublime que me era (e é) impossível de descrever.

Era o tríptico União Mística, e o seu pintor, Johfra, e minha vida nunca mais seria a mesma.

INTRODUÇÃO

O QUE AS ESTRELAS NUMA NOITE DE LUAR IRÃO LHE DIZER

“Daqui em diante eu espalho asas confiantes ao espaço;
Não temo barreiras de cristal ou vidro;
Eu penetro nos céus e vôo ao infinito.”
GIORDANO BRUNO

Quem sou eu para dizer coisas tão belas ao mundo? Quando, ontem, à noite, procurava contemplar a lua envolta num manto de nuvens, sentia o peso em minha alma, dos meus erros e inconstâncias, sentia uma tristeza sem fim em meu Ser, e poderia afirmar, como certa vez fiz como poeta:

“Minh'alma é triste!”

Poderia afirmar que existem outros, muito melhores que eu, que tem o dom da palavra, que são como águias que voam rumo ao infinito, mas ... novamente a voz invisível clamaria ao meu ouvido igual a um som que não se pode ignorar:

NÃO! És tu! ÉS tu!

A alma do artista busca aquilo que é invisível, e o mistério que enlaça a VIDA e a MORTE, todas as épocas numa única época, todos os seres em um único ser, todas as histórias numa única história, contemplando, à noite, as estrelas, seu desejo é de abraçá-las e, livre, sem o peso da gravidade ou a limitação de um corpo, se diluir com elas, para se tornar mais uma estrela brilhando no infinito!

Qual mistério faz viver este grande corpo de astros!? A galáxia é como um enorme ser vivo, o centro dela, com suas milhares e milhares de estrelas é seu coração que palpita, e seus braços espirais são como braços e pernas, e cada estrela é uma de suas células que vibram.

O sistema solar, em sua imensidão parece apenas um pequeno átomo, o centro é o sol, com sua carga positiva, e ao redor os planetas são os minúsculos elétrons que orbitam, aqui também tudo parece um enorme corpo humano: no centro o coração bombeando a vida, e ao redor os órgãos, cada um com sua importância para o funcionamento do organismo.

Por acaso a terra também não é um enorme ser vivo?!? O que levou a Leonardo da Vinci escrever certa vez: "os rios são suas veias, e os oceanos são mares de sangue ao redor de um coração que palpita." E que, por fim, cada um de nós era um de seus átomos vibráteis! Animais, plantas, seres humanos formando parte de um ser maior que vive e palpita como um grande SER VIVO.

Se o Universo é um cosmos dentro de outro cosmos, um ser vivo dentro de outro ser vivo, porque nós, humanos, nos achamos separados, ou pior, o centro de tudo isto?

Também somos um cosmos? Pequeno, mas também de infinitos átomos que, dentro de nós se assemelham a estrelas do céu, com quatro braços espirais que giram e circulam a energia ao redor do centro de nossa micro-galáxia: o nosso coração.

Na Idade Média diziam que Deus era o centro de tudo, depois, que o homem era o centro, porém, na verdade, como as estrelas estão dentro de nós e nós estamos nas estrelas, “tudo está em tudo”(1), e devemos descobrir dentro de nós mesmos todo o Universo refletido.

Existe um mistério que se principia no contemplar da arquitetura das galáxias, sistemas solares, planetas e homens, este mistério está em tudo e não se pode desvendá-lo com palavras. Podemos perceber que “Tal como é acima, é embaixo (1), ou seja, da mesma forma que se constroem as galáxias, de forma muito semelhante, é construído nosso próprio corpo físico, e, sendo assim, não será da mesma forma interiormente? Dentro de nossa mente e de nossa alma?!? Se nos auto-conhecermos, poderemos conhecer todo o Universo então, que é construído de maneira semelhante, o qual fazemos parte.

Por isto, o artista, ou todo ser humano que ama a beleza do mundo, da natureza, ao se sentar a noite para observar as estrelas tem o desejo de se unir a elas, porque nós e elas somos

um só, o desejo do artista é voar livre pelos espaços, sem nenhuma barreira de vidro ou de cristal que possa impedir seu avanço, como nos disse o filósofo e astrônomo Giordano Bruno, que, incompreendido em seu desejo de liberdade, foi condenado a fogueira da inquisição.

Quando eramos crianças, tínhamos tempo para contemplar o por do sol e contar as estrelas a noite, mas agora nós tornamos adultos, e perdemos este tempo, temos coisas mais importantes para fazer. Estamos presos dentro de compromissos, da correria para ganhar dinheiro e perdemos nossa sensibilidade e alegria interior.

A arte não é só contemplar coisas belas, e se transformar nelas, a arte é o sorriso e a própria alegria de viver, é mais que provado que aqueles que estão em harmonia com a natureza e a sua própria natureza interior vivem melhor, é uma medicina e um alimento para a alma, algo que faz abrir a mente para a verdadeira felicidade que é independente do valor monetário que possuímos ou da erudição, isto aprofundaremos neste livro.

Ficar em silêncio, contemplando o Universo, nos faz descobrirmos quem nos somos, nos faz começar realmente a viver, e não apenas 'sobreviver', correndo de um lado para o outro.

Contemple as estrelas, deseje mergulhar nelas como se o universo fosse um mar, e você estivesse numa praia de beleza infinita, não se ache pequeno, ou despreparado, todo o Universo reflete em si, e mistérios sem fim esperam para serem revelados por você.

Mas ... sempre surgem os problemas da vida, e querem te engolir de preocupações...

Fernão Capelo Gaivota, o personagem de Richard Bach, só desejava voar, e com isto conseguiu tudo o mais, mas as outras gaivotas só se preocupavam com comer, e eram limitadas as suas asas assim como seus desejos de ascensão o eram.

“O amor são as asas que Deus nos deu para que nossa alma se eleve”, lembro destas palavras de Michelangelo e das conversas que tive com todos os que pude me encontrar, mas em especial com minha querida amiga... e com as estrelas.

Se 'TUDO ESTÁ EM TUDO', você pode se sentir na chuva, no mar, em todas as coisas, ser tudo, e compreender todo o Universo?

Qual é a chave que desvela este mistério???

“ Oh! Homem! Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o Universo” (2)

Conhecer a si mesmo, serenar a mente e se auto-conhecer, escutar sua voz interior a te chamar para revelar seu mistério, mudar os erros do mundo, eliminar os seus próprios defeitos e limitações, buscar a verdadeira felicidade e o REAL AMOR, a liberdade de voar com asas perfeitas, você pode tentar fugir, pode tentar se esconder.

Mas no meio da noite as estrelas te dirão: NÓS SOMOS IGUAIS, não somos só gotas no oceano, temos que nos transformar em oceanos numa gota para compreender o GRANDE MISTÉRIO, descobrir dentro de nós todo o Universo, os astros em nossos átomos, e quando um dia pudermos nos sentir assim, olhando as estrelas elas te dirão como a voz do silêncio dentro de ti, bem dentro do seu coração, tudo o que você nunca pode imaginar ser possível.

Este livro dedico não apenas a todos os meus amigos e amigas, não apenas aos artistas e àqueles que buscam o auto-conhecimento, não apenas a natureza, esta GRANDE MÃE, , mas, principalmente, a você, que é também um grão de areia nesta praia infinita do Universo, e que, se deixar a luz do sol refletir em ti, brilhará como uma estrela.

O autor

1 - Hermes Trimegisto – em sua tábua de Esmeralda

2 – Frase do frontispício do Oráculo de Delfos, na Grécia

PRIMEIRA PARTE – A ARTE UNIVERSAL

CAPÍTULO UM – ENTRANDO NA CAVERNA

1 . “Quando ouvimos os sinos, ouvimos aquilo que já trazemos em nós mesmos como modelo.”

LEONARDO DA VINCI

Esta frase de Leonardo da Vinci ganhou um significado mais importante para mim, quando, no segundo encontro gnóstico, no dia 1º de fevereiro de 2004, vi-me no dilema de acordar meus amigos.

Juntos com outros, tínhamos dormido na varanda, eu e o Marcelo em duas redes, e os outros, nos sofás; o Áli também estava dormindo um pouco mais distante, em sua barraca de acampamento, e, perto dele, nosso amigo Aduato, que, apesar de todas as expectativas ao contrário (esperavam que ele roncasse um pouco), permaneceu silencioso...

Na noite anterior, Áli nos pedira para acordar aos demais, logo que as primeiras luzes da aurora começaram a despontar eu e meus amigos do sofá discutíamos como iríamos acordar aos que dormiam dentro da casa.

O céu se enchia aos poucos dos tons róseos, como se extraídos de um sonho, e as serras exalavam o profundo prana cheio das energias das manhãs.

Como acordar aos outros? Pensei, e observei em minha frente os pequenos sinos perto da porta de entrada da casa do Rinaldo, naquela chácara maravilhosa que seria chamada a partir daquele dia de O RECANTO DA MÃE DIVINA.

Com o som silencioso dos sinos, sim, acordei meus amigos...

Sim! Depois daquele despertar doce e harmonioso, um sorriso estendendo um BOM DIA e um abraço puro e sincero foi a mais bela das recompensas...

Mas... pensei naquele momento, após o BOM DIA e o abraço de uma grande amiga que adoro de todo coração, que existe outro despertar mais profundo, o DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA, estamos adormecidos internamente, não podendo ver a realidade do mundo, apenas a ilusão: tudo ao nosso redor é feito pelo tempo, e portanto passageiro, é maya, como dizem os budistas.

Refletindo sobre os sinos, lembrei: existe um sino interior, existe um sol interior, e me recordei de uma frase que gostava muito do mestre Samael Aun Weor :

“o exterior é reflexo do interior”.

Assim como haviam os sinos exteriores, que fizeram vibrar o som e acordar meus amigos e amigas adormecidos para o novo dia, também existe o sino interior, que deve ser tocado com o DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA, para que o Sol interior também brilhe.

2. “Aprender é recordar” PLATÃO

"Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que estavas dentro e eu fora. Estavas comigo e não eu contigo. Exalaste perfume e respirei. Agora anelo por ti. Provei-te, e tenho fome e sede. Tocaste-me e ardi por tua paz."

SANTO AGOSTINHO

Todo o conhecimento já está dentro de nós mesmos, Platão, discípulo amado de Sócrates, afirmava que este mundo que vemos é meramente um mundo de sombras, e que existe um mundo superior, o mundo das ideias, o mundo das causas reais...

Muitas vezes procuramos fora, nos sinos exteriores, o que deveríamos procurar dentro, todo o conhecimento já está dentro de nós, porém, adormecido, quando nos auto-conhecemos,

quando buscamos melhorar a nós mesmos, começamos a realmente aprender, porque nos RECORDAMOS de nosso próprio Ser.

Esta é a verdadeira beleza, tanto antiga como nova, que nos fala Santo Agostinho, que estava dentro dele (A BELEZA INTERIOR, O VERDADEIRO CONHECIMENTO DE SI E DO UNIVERSO), mas que na ilusão do mundo, ele não via, depois que a descobriu, ela se tornou tão maravilhosa como o perfume de uma flor, ou um alimento que tira a sede e a fome, um fogo que leva o ser humano a ter a verdadeira paz.

Se compreendemos que tudo neste mundo ao nosso redor é passageiro, e o real está além das coisas feitas pelo tempo, que surgem do pó e voltam ao pó, nós perguntamos, qual é a realidade de tudo o que vemos? De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?

Nenhuma filosofia, religião ou ideologia nos poderá dar essas respostas, mas somente redescobrimo-nos é que iremos aprender esta verdade.

3. O princípio da Ideia

Platão explicou o princípio da ideia: o mundo em que vivemos é mera sombra, onde nada é estável ou permanente, impossibilitando o verdadeiro conhecimento. Mas, felizmente, essa realidade visível não é tudo que existe, existe um reino mais elevado e espiritual, o mundo luminoso das ideias; como, antes de “cair” no mundo terreno, nosso espírito habitava esse mundo e lá conhecia a verdade, nós guardamos reminiscências dessa existência anterior.

Vamos imaginar que estamos no topo de uma montanha onde a paisagem é infinita, podemos contemplá-la para todos os lados, vendo a imensidão e a beleza da paisagem, e depois, de um momento para o outro, fossemos jogados num vale onde a neblina não permite observar sequer um palmo em nossa frente, então lutaríamos para achar o caminho que leva a montanha onde a visão é infinita.

As vagas lembranças de nossa antiga morada, elevada e plena de liberdade e visão, provocariam tremendas inquietudes na busca do caminho para retornar àquela montanha, assim ocorre em relação a nossa antiga morada celestial e nossa atual situação material.

As paixões do corpo, os sentidos, os preconceitos, os dogmas e as teorias, porém, nos desviam deste caminho; devemos, pois, lutar contra tudo isso e contra nossos próprios desejos e o egoísmo para atingir o conhecimento direto de nós mesmos e do Universo.

4. O Convite

Certa vez, Leonardo estava na frente de uma caverna, e nele surgiram dois sentimentos... o medo de avançar para dentro da caverna, e a curiosidade em descobrir as maravilhas que existiam lá dentro.

Houve uma tremenda luta entre estes dois sentimentos...

Poderia haver, pensou, ali dentro algo monstruoso, que poderia lhe tirar a vida, ou ... apenas escuridão, e, de repente, um mundo maravilhoso a sua espera...

Por fim, ele resolveu entrar, enfrentando seu medo, seu temor, e o que lá viu ...

Foi MARAVILHOSO! Viu um novo Universo, um lago adormecido, com o brilho azul transparente e místico do céu, sereno, e as estalactites se lançando, incredivelmente, iguais a cometas dançarinos no espaço, as suas gotas deslizantes em direção ao lago, provocando uma ressonância suave e profunda, e ondulações circulares nas águas plácidas...

Quem refletir, saberá o significado deste lago, desta caverna...

É indubitável que representa o próprio ser humano, seu universo interior desconhecido.

Por temer encontrar nossos “moregos” internos, não descobrimos o maravilhoso lago da vida em nosso interior, que pulsa igual às estrelas brilhantes do universo exterior.

Por muito tempo também hesitei, igual a Leonardo, mas não mais, resolvi entrar, inspirado pelo exemplo de alguém, que não convém falar o nome, mas que, aqueles que me conhecem bem sabem quem é.

Resolvi entrar, enfrentar a escuridão terrível da caverna, enfrentar o medo, me auto-conhecer, e descobrir na arte a beleza e o conhecimento do Universo, faço este convite a vocês, meus amigos e amigas, vamos entrar na caverna escura de nós mesmos, escutar os sinos dentro de nós, procurar o DESPERTAR !!!

CAPÍTULO DOIS – NO ATELIER DE JOHFRA

Estou de pé, sozinho, em silêncio, no estúdio onde JOHFRA pintou durante seus últimos vinte e cinco anos.

Há muito tempo anelava adentrar neste verdadeiro templo da arte, ele se assemelha, com sua penumbra misteriosa e mística, ao quarto de magia de um verdadeiro mago medieval, semelhante aos dos Merlins e dos alquimistas, que eu imaginava quando era uma pequenina criança cheia da mais plena fantasia ...

Quando eu lia a DEMANDA DO SANTO GRAAL ou sonhava em viver na corte do rei ARTUR PENDRAGON, lá havia um mago que dominava toda a natureza, assim via este lugar de plena magia ...

Eu vejo em seu cavalete uma paisagem transcendental, inexplicável, porém, ainda inacabada, com seus tons nebulosos e intensos...

Encima da mesa, em aparente desordem, algum dos seus cadernos de estudos e diários místicos , e os seus pincéis e suas pinturas...

Na estante, em repouso, instrumentos óticos intrigantes e crânios de animais, troncos de árvores trançados e intrincadas figuras geométricas.

Entre eles há um busto de Michelangelo. Enquanto isso, nas paredes um desenho amarelado de Leonardo da Vinci, posso vê-lo claramente: é o HOMEM DE VITRÚVIO, com seus braços e pernas abertas em forma de estrela, representa o homem que busca todas as suas potencialidades, se auto-conhecer e resumir em si mesmo todo o Universo. “O HOMEM É A MEDIDA DE TODAS AS COISAS”, disse o filósofo Protágoras, este homem forma uma estrela de cinco pontas, magnífica, está dentro do círculo e também do triângulo...

Vejo também, num canto, uma foto de Salvador Dali com seu hilariante bigode surrealista ...

Contemplo a todos estes objetos, procurando seus profundos significados...

Perto do estúdio, escondido por uma cortina, existe a entrada de seu quarto, semelhante a uma cela medieval, pequeno e escuro, cheio de livros maravilhosos, uns com monstros da imaginação, outros com desenhos de alquimia, rituais secretos de gnose, símbolos arquetípos de astrologia e de cabala ...

Sentei-me, por fim, no antigo lugar onde o pintor-mago realizava seus quadros e abri seu diário já empoeirado, então, e só então, foi que se revelou algo sobre o segredo do artista e de sua obra:

“Muitas pessoas tem tentado me rotular e examinar minha posição por certo ângulo.” Um escritor fez uma excelente biografia sobre mim, escreveu em seu livro que eu era um “Professor gnóstico que procurava comprar e adquirir discípulos através de minha pintura!”

Eu justamente queria deixar alguma coisa bem clara:

1. “Quem sabe mais sobre mim do que eu mesmo?”
(Sinfonia Fantástica, Johfra)

Neste momento da pergunta, fui transportado pela IMAGINAÇÃO CRIADORA do ATELIER DE JOHFRA até o universo dentro de mim mesmo, me vi numa enorme planície, entre um céu infinitamente azul, salpicado de nuvens brancas, e vastas terras verdes, com inúmeras copas de árvores espalhadas de forma aleatória; e assim é o nosso interior: enorme, gigantesco e ... inexplorado.

Quem pode saber mais sobre si mesmo do que nós mesmos? Pergunto ao leitor à mesma frase que o pintor nos deixou, não é a arte uma auto-revelação, descobrir a si mesmo e com isso descobrir o Universo e a harmonia que o rege?

Sendo assim, o primeiro obstáculo é o MEDO, ou a PREGUIÇA, ou a falta de entusiasmo de descobrir o mundo, assim como um viajante deve ter vontade de conhecer o mundo, países e pessoas diferentes, e se maravilhar com isto, também o auto-viajante deve estar pronto para descobrir coisas maravilhosas, não deve nem temer entrar na caverna, nem tampouco ter falta de vontade.

CORAGEM e FORÇA são valores absolutos, e a arte é um espelho maravilhoso deste Universo a se explorar.

“A arte é a janela onde se revela a alma” foi o que pedi para um artista de rua escrever numa pequena casa de durepox, quando estava nas ruas de Paraty. Quadros não são decorações de parede, mas sim janelas para a imaginação nos levar a caminhar dentro da paisagem, a música não é só pano de fundo, é o nosso próprio coração que palpita com todas as emoções da vida, do mais elevado Amor ao mais profundo sofrimento...

Onde busca o artista sua inspiração, eu me pergunto?

“O artista, retirando do universo as formas e as cores, com sua sensibilidade em sua arte, procura traduzir-nos as realidades invisíveis essenciais que estão presentes e que nossos olhos acostumados com as aparências, muitas vezes, não conseguem captar e admirar.”

“Colocar formas e cores naquilo que sente, é sublime revelação de sua capacidade de enxergar o invisível aos olhos, portanto, o essencial. Um grande artista é um grande homem ... uma grande criança...” Uma grande criança descobrindo o mundo, é assim que Victor Hugo nos descreve o artista.

“O Essencial é invisível aos olhos” está e a célebre frase de Exupéry, que reafirma os dizeres de Victor Hugo.

Leonardo da Vinci, Goethe, Platão, Michelangelo, Victor Hugo, Johfra e muitos outros homens e mulheres acreditavam estarem lutando para trazer ao mundo, em suas artes ou

trabalhos, uma verdade inimaginável, transcendental e luminosa, invisível aos olhos terrenos, trazendo-a para um mundo que sempre parece envolto em confusão e em trevas.

2. A fogueira universal de Plotino

Plotino, o “filho amado de Platão”, filósofo do século III, fala nos que Deus (o conhecimento absoluto, a perfeita perfeição) é como uma fogueira universal, podemos o imaginar da seguinte forma :

Que no meio da noite há uma fogueira, e se estamos perto dela, sentimos o calor e podemos observar bem os objetos, mas à medida que nos afastamos mais e mais da fogueira, os objetos se tornam mais difíceis de ver e se vai ficando cada vez mais frio, até o ponto que não podemos mais ver a sua luz, e caímos em trevas absolutas ; portanto o mal é a ausência da Luz, do Conhecimento ou de Deus.

Como o mundo exterior é o espelho em que devemos nos mirar, não podemos nos ufanar por chegar a uma etapa superior de civilização; o mundo ao redor é o fiel espelho nosso: violência sem limites, luxúria exacerbada e de todas as formas, transformando o corpo numa vil mercadoria, a caridade nesses tempos atuais esfriou tremendamente, já a natureza é assassinada da forma mais cruel e desumana, e enquanto de um lado se desperdiça com um superconsumismo, do outro há milhões de seres humanos que não tem sequer um pão para aplacar a fome...

O que tem a ver a Arte com tudo isso? Será que somos tão insensíveis à miséria, ao sofrimento, que podemos seguir nossa vida medíocre e não fazer nada, isso que se chama Compaixão ! Sentir que nós somos eles ! Que, afinal, tudo está em tudo, como as estrelas estão em nós e nós nas estrelas !?

Assim a arte, que é transmitir o conhecimento, deve ser também algo prático e aliado a esta ânsia de mudar a si mesmo e de melhorar radicalmente o mundo que nos rodeia.

A ignorância, a ausência de luz, é o que nos faz sofrer, mas, isto deve ser repetido milhares de vezes, conhecimento não é erudição, o erudito também passa por ignorante, pois não conhece a si mesmo.

“Quem sabe mais sobre mim do que eu mesmo?” Se não nos conhecemos, quem poderá nos dizer quem somos? De onde viemos? E para onde vamos?

Todos os males que infestam nosso enfermo mundo tem sua origem, inevitavelmente, dentro de nós mesmos, somos mentirosos , egoístas, temos luxúria, praguejamos de ira, invejamos e cobiçamos, possuímos preconceitos, e na maioria das vezes nos achamos bons, porque simplesmente acreditamos em algo, mas nós ignoramos a nós mesmos, nunca colocamos o olhar para dentro, sempre criticamos o de FORA e esquecemos do que levamos por DENTRO.

Na arte o artista deve expressar o que tem dentro de si, se tem ódio, como poderá transmitir AMOR? Se é ignorante, como poderá transmitir CONHECIMENTO?

Aqui começamos a compreender que existem duas artes, uma OBJETIVA, UNIVERSAL, CÓSMICA, outra, subjetiva, individual, egóica.

Aclarada a necessidade de auto-conhecimento, de auto-aperfeiçoamento, de negar a si mesmo (negar os defeitos e vícios dentro de si), se iniciará o longo caminho para a arte UNIVERSAL, iniciando a grande jornada que cada ser humano deve realizar com seus próprios pés, em direção àquela maravilhosa LUZ de onde viemos.

Vamos, por fim, iluminar a caverna interior que Leonardo desejou entrar, subir a montanha para ver a paisagem infinita, se aproximar da fogueira universal que nós permite ver a tudo claramente, por fim, sentir que nosso corpo é todas as estrelas do céu e que estamos unidos a tudo.

Sentado, na cadeira de Johfra, lendo seu diário, em seu atelier, me veio claramente estas ideias, então, como um forte clarão, com CORAGEM e FORÇA, decidido e confiante, vi uma porta que se abria, e lá dentro, todo o Universo com infinitas estrelas e sóis múltiplos, todos os conhecimentos, poderes, luzes, vida eterna, felicidade plena, todas as joias dos deuses, atrás da porta...

Esta porta, secreta e íntima, é a mesma caverna de Leonardo, o caminho que leva a montanha de Platão, a fogueira universal de Plotino, esta porta é o interior humano, e a luz que brilha é o nosso coração, que é sempre o centro de qualquer Universo, pequeno ou grande, dos infinitos cosmos, e é aqui dentro, bem dentro de nós, que reside toda a sabedoria e a alma do Universo.

Ó, PORTA DIVINA de meu Ser! Não tenho mais medo de entrar! Por muito tempo hesitei, mas não mais...

CAPÍTULO TRÊS – “A ARTE É A ALMA DO UNIVERSO”

A Definição de Arte

Se tem perdido a definição de arte por ela ser demasiado teórica, e muitos se perderam por procurarem respostas teóricas, chamando-a de nomes efêmeros e que podem ter vários sentidos: representação do belo (afinal o que é o belo?), representação dos sentimentos (até da luxúria e da ira?), representação das coisas (que coisa, afinal?), etc.

Querer definir a arte segundo conceitos particulares é ridículo, pois a um se contrapõe o conceito de outro e assim surgem ísmos e mais ísmos que não dão em nada, a mente é um instrumento de investigação nulo para a realidade da arte.

Estudos meramente intelectuais são perda de tempo.

Essas definições intelectuais nascem mortas, e de nada servem, é puro lixo

Devemos compreender primeiramente a relação entre a Arte e o Conhecimento, assim, em qualquer arte expressamos ou procuramos expressar o conhecimento que temos de todas as coisas, de nós mesmos, nossa visão do Universo e da Humanidade, isto é óbvio.

A Arte é intuitiva, não intelectual , ligando o homem a sua alma , foge portanto a qualquer definição.

A alma do homem, Microcosmo, por sua vez, o liga aos Macrocosmos: ao planeta, ao sistema solar, a galáxia, e a todo o Universo, que, como já vimos, possuem a mesma construção inteligentemente projetada pelo grande Arquiteto Universal.

TAL COMO É EM CIMA, É EMBAIXO, TAL COMO É EMBAIXO, É EM CIMA, disse o Grande Hermes Trimegisto, o três vezes grande iniciador egípcio, em sua Tábua de Esmeralda.

Todo os cosmos são organizados pelas mesmas leis, e um está contido dentro do outro de forma harmoniosa e interligada.

Arte, Ciência, Filosofia e Mística – Leonardo da Vinci

Leonardo da Vinci, que talvez tenha sido o maior dos Homens Universais foi pintor, arquiteto, urbanista, engenheiro, fisiólogo, químico, escultor, botânico, geólogo, cartógrafo, físico, filósofo, escritor, místico, precursor da aviação, da balística, da hidráulica; e ainda inventor do escafandro, do pára-quadras, do isqueiro ...

Da Vinci dizia que a Arte é a “A alma das coisas, a alma do Universo”.

Ou seja, “A ideia divina (que vem do mundo das ideias, causal) e que toma a forma perfeita e que está na intenção do Universo, e combina a ARTE com CIÊNCIA (o conhecimento direto), e , portanto, para que seja alcançado o arquétipo , o modelo divino , é necessário um trabalho científico (a própria busca do auto-conhecimento e do conhecimento do Universo) pois a arte é uma ciência”.

Deste modo, Leonardo da Vinci, este grande jardineiro do saber humano, criou uma ciência anatômica quando quis desenhar um corpo, uma teoria de sombras quando quis colorir, uma botânica quando precisava representar uma planta, pois necessitava conceber o modelo divino por meio da diversidade de estudos.

Combinava assim a arte eminentemente espiritual (a verdadeira Mística) com a projeção , vista dos seus olhos , do próprio espírito humano que toma contato com o espírito de Deus (que é a busca da expressão do Universo).

Era o promotor de uma nova estética, a da arte considerada como “algo mental” (expressão dos sentimentos e dos pensamentos).

Criou o sfumato, com o jogo de luz e sombras : “A pintura é sombra” , ele procura então a partir das sombras do sfumato criar a espiritualização de todos os objetos. Fez isto com o misterioso sorriso da MONA LISA, que parece sorrir e olhar sempre para nós, mergulhada em uma paisagem misteriosa, também o fez nas rochas que parecem vivas e respirando por trás da VIRGEM DOS ROCHEDOS, pintura que parece reafirmar suas ideias que a toda a terra é um enorme ser vivo e que todos nós somos suas células vivas.

Na arte é necessário também uma Filosofia ao se criar, a qual guiará sabiamente a busca do Ser e a filosofia de vida do artista Universal se complementa com sua Mística, a qual eleva o espírito humano em direção a divindade.

Enfim, na Arte é necessário a Ciência, a Filosofia e a Mística, pois estas são as quatro colunas que sustentam o templo da sabedoria, na antiguidade elas estavam unidas, mas hoje, os eruditos ignorantes as separaram com suas rotulações e teorias complicadas e inúteis, encontraremos estas colunas dentro de cada ser humano, no nosso próprio interior, aqui estão elas:

CIÊNCIA – o auto-conhecimento de si mesmo e do Universo

ARTE – expressar o seu Ser, os sentimentos e pensamentos e as verdades do Universo, para isso devemos nos auto-conhecer (Ciência)

FILOSOFIA – A busca do Ser – vencendo o dualismo “Ser ou não ser, eis a questão?” que Shakespeare imortalizou na sua peça teatral Hamlet.

MÍSTICA – a elevação espiritual ensinada pelos mestres de todas as épocas e civilizações.

O conhecimento parte da compreensão do Universo e de si próprio, e é este o ponto de partida, pois se não conhecemos nossos próprios sentimentos e pensamentos, como poderemos compreender o Cosmos, a Natureza, ou o que quer que seja?

3. A arte Subjetiva e a arte Objetiva

Existem duas artes, claramente distintas:

A Arte individual ou subjetiva- não procura expressar o conhecimento, é desordenada, confusa, procura só a expressão própria e particular, ou ainda é uma cópia servil de quadros antigos, num processo de escravidão mental; aqui estão tanto modernos que não possuem ordem estrutural, sem ciência, mística e filosofia, e os acadêmicos “frios e materialistas” ou “clássicos”.

A Arte UNIVERSAL ou OBJETIVA - a arte “sempre a frente”, baseada em estudos internos, procurando unir o mundo interior ao mundo exterior, buscando nos unir a realidade íntima do nosso Ser e do Universo. A Arte UNIVERSAL busca não apenas a expressão particular mas sim o CONHECIMENTO, como o buscou Leonardo da Vinci, e o que esta arte transmite é com o intuito de melhorar toda a humanidade, de transmitir o conhecimento Universal, de combinar na arte a ciência, a mística e a filosofia.

E entre todas as civilizações a exemplos da Arte UNIVERSAL: as pirâmides do Egito com seus grandes mistérios, enormes gigantes da literatura que mostraram o interior humano, as músicas de Beethoven, Bach e Mozart, o drama e o êxtase do Universo...

Somente a medida que vivenciamos o conhecimento, as virtudes e o equilíbrio, avançaremos em direção da Arte UNIVERSAL-OBJETIVA.

O conhecimento dos próprios sentimentos e pensamentos, para o auto-controle, a superação de si mesmo, tem sido abordado em todos os lugares e em todos os tempos ...

4. A Causa da dor é o prazer

Platão e sua filosofia, Jesus e seu sermão da Montanha, Budha e os sete princípios, o caminho do meio, Lao-Tsé e o TAO, Krishna e a batalha cósmica, Dante e seu inferno... Todos falam do mesmo conhecimento, a qual a arte é humilde serva.

Já chegou o tempo de saber, “a causa da dor é o prazer”, os desejos são entidades psicológicas dentro de nós totalmente negativas, as quais ocasionam na humanidade toda essa sede de luxúria e fornicação, cobiça e opressão, inveja e egoísmo, ódio e vergonha, preguiça e tédio, loucura, rixas, brigas, complexos, egos ...

Hermes Trimegisto, o três vezes grande, o iniciador egípcio falava que era necessário vencer a ignorância e todos os verdugos da matéria para se liberar, obter as virtudes, e ser feliz; Leonardo da Vinci, quando jovem, recebeu este conhecimento de seu “messenger” Verocchio, ensinado na Itália em bom tempo por Marsílio Ficino.

Como podemos comungar com o Universo e nos libertar das tragédias e sofrimentos que a arte UNIVERSAL quer nos mostrar? Como Combinar CIÊNCIA, MÍSTICA, ARTE e FILOSOFIA numa construção perfeita, como as colunas que sustentam o templo?

Através do trabalho sobre si mesmo, da eliminação dos desejos ou defeitos, para que possam surgir as virtudes, poderemos responder a essas perguntas, e encontrar a nossa real beleza interior.

Qualquer definição ou teoria que não parta daí é total perda de tempo

Podemos sim, emergir em meditação refletindo na frase de Leonardo da Vinci, que, por ser indefinível e inatingível, é a que melhor define a arte:

“A ARTE É A ALMA DAS COISAS, A ALMA DO UNIVERSO”

CAPÍTULO QUATRO – OS TRÊS FATORES DA REVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA E A ARTE

1. “Toda teoria é cinza, e só é verde a árvore de frutos dourados que é a vida”
Goethe

A Arte Universal, Cósmica, que vem do Ser, está além de todos os limites e surge somente a partir da prática, da árvore dos frutos dourados que é a vida, ou seja, apenas quando buscamos vivenciar o conhecimento, com uma CIÊNCIA que serve tanto para conhecer o mundo exterior como a própria psique oculta, uma MÍSTICA na busca da íntima divindade, e uma FILOSOFIA perene para a vida.

A Arte Universal, neste século XXI que se principia, e também para os futuros séculos XXII, XXIII e assim por diante, buscará a clarividência, partindo da IMAGINAÇÃO

consciente e da meditação transcendental, da renovação para uma nova era revolucionária e de auto-consciência, a Era de Aquário que já estamos vivendo plenamente nos dias atuais.

A existência do mundo astral, onde se cristalizam os sentimentos, e o mental, onde cristalizam os pensamentos, é inegável, através do desdobramento astral e mental nos os vivenciamos, cientistas modernos, como Waldo Viera, estudam intensamente a projeção, e este fato místico também é uma ciência exata, através de práticas podemos comprovar diretamente os outros planos de existência.

Quando dos meus quinze anos, já havia buscado conhecimentos sobre o desdobramento astral, e procurava o equilíbrio psíquico, não é muito afirmar que queria destruir a mim mesmo, não de todo, mas as minhas partes negativas que me faziam sofrer horrivelmente, me levavam a cometer erros e me manipulavam como se eu fosse um escravo.

O desejo, o egoísmo, os medos, os ódios ... anelava intimamente destruir tudo isso dentro de mim.

Sobre o desdobramento astral, havia lido os livros de Lobsang Rampa, primeiramente A TERCEIRA VISÃO, não é demais afirmar que foi este livro que me fez decidir estudar os assuntos ligados a mística prática: viagem astral, relaxamento, equilíbrio interior, sabedoria das civilizações antigas.

Após várias buscas, quando estava nessa tenra idade, me saciei na fonte do gnosticismo, palavra que significa conhecimento, nos livros de Samael Aun Weor, recebi este conhecimento no mesmo dia que descobri a arte esotérica de Johfra, e isso, como tudo na vida, é claro, não foi nenhuma coincidência, bem sabe nosso amigo, o famoso psicólogo Jung, que formulou sua famosa lei das casualidades.

Diz o ditado zen: “Quando está pronto o discípulo, o Mestre aparece”.

2. Os Três Fatores da Revolução da Consciência e o amor

Samael Aun Weor foi um filósofo e antropólogo colombiano, que entregou a humanidade técnicas diretas para o auto-conhecimento, não foi o primeiro, nem o último, mas sintetizou de forma prática o ensinamento dos grandes Mestres do passado, como Krishna, Lao-Tsé, Sócrates, Budha, Jesus e outros, seu livro Tratado de Psicologia Revolucionária, que foi o primeiro livro seu que estudei, explica detalhadamente o processo de eliminar os pensamentos e sentimentos negativos que o ser humano leva erroneamente em sua própria psique.

Procurando, desta forma, morrer em mim mesmo, procurei vivenciar essa revolução que se baseia em três fatores diretos e práticos:

A morte psicológica, a eliminação dos defeitos que causam todas as tragédias e comédias da vida humana.

O nascimento alquímico, construir corpos superiores para vivenciar e despertar em dimensões superiores.

O sacrifício pela Humanidade, é a entrega do conhecimento a todos, desinteressadamente, sem nenhum fim lucrativo.

A Arte Objetiva só segue um princípio: o de entregar o conhecimento a Humanidade, e para isso deve-se vivenciar os Três Fatores da Revolução da Consciência, como nos explica maravilhosamente Samael Aun Weor, entregando a humanidade doente esse grande ensinamento, as chaves que permitem a cada ser humano se auto-descobrir.

Não é possível ser objetivo ou universal se não se praticar os três fatores, se não nos auto-conhecermos, equilibrarmos nossas energias e amarmos a humanidade.

Em síntese das sínteses, a compaixão é o fator primordial: “Amai-vos uns aos outros como vós amei”, nós ensinou o Mestre Jesus.

O Amor é a síntese de todas as artes, místicas, ciências e filosofias.

“ Amar, quanto é belo AMAR! Somente as grandes ALMAS podem e sabem AMAR. O amor é ternura infinita... O amor é a vida que palpita em cada ÁTOMO, como palpita em cada sol.” (Samael Aun Weor)

Foi através da compaixão, deste amor incondicional, que o Budha Gautama trilhou o caminho que leva a iluminação.

Ao eliminarmos o egoísmo nos integrarmos a algo maior, o Cosmos, o Universo, que em síntese é Deus, pois o CRIADOR VIVE EM SUA CRIAÇÃO.

Compreendendo isto podemos vivenciar os sete pontos da Arte Universal que brilham como uma estrela no céu.

3. SETE PONTOS DA ARTE UNIVERSAL

A Arte Universal se baseia em Sete pontos que se revelam como vórtices de uma brilhante estrela de sete pontas:

Conhecimento – expressar Conhecimento é seu objetivo fundamental, esse conhecimento para ser real deve partir do interior do ser humano, e do Universo que o rodeia, da Natureza e da Arte que a demonstra com sua beleza e ensinamento.

CORPO – ALMA – é nosso mundo é formado de um duplo, matéria-energia, como Einstein já nos ensinou em sua teoria da RELATIVIDADE, a matéria se transforma em energia ($E=mc^2$). Assim, devemos ver que em toda matéria existe a energia que a anima, isto nos lembra a FÍSICA QUANTICA e seus estudos, que fazem nos ver como realmente somos semelhantes as estrelas e formados de energia. O corpo humano em si é algo muito sagrado, o corpo expressa a alma, o sexo é a força criadora do Universo e a grande alquimia, ele é sagrado, assim na arte ele deve expressar o Ser, o Amor, as Virtudes, e nunca a luxúria, a cobiça, a ira, a inveja, ou qualquer egoísmo, esses devem ser criticados na arte objetiva

Expressão - tudo deve levar a prática, para ocorrer a verdadeira Expressão, utilizando a IMAGINAÇÃO CRIADORA , imaginar as coisas com consciência e vivenciá-las, seja vendo os quadros como janelas, usando músicas para imaginar nosso mundo interior ou caminhando no meio da natureza e se integrando a ela. Este é o verdadeiro DESPERTAR DA

SENSIBILIDADE, que é igual a partimos em viagem num barco para atravessar um oceano desconhecido.

Técnica – dominar a técnica (no caso dos artistas, exemplo: o desenhista dominar as técnicas de representar os objetos, o músico deve tocar perfeitamente o instrumento que se propôs a aprender) .

SIMBOLOGIA – Simbologia e Recriação, ou seja, criar um significado particular para tudo (íntimo e pessoal), se inspirando na Natureza, e nas obras já existentes, recriando-as. (ou seja, em tudo que se vê, copia ou estudo, usar para refletir seu interior, pois o “exterior é reflexo do interior” . Cada um dá um valor aos objetos em sua volta segundo seu nível de mente, por isto certa vez um monge budista me disse: “ O puro vê tudo puro, o impuro vê tudo impuro”.

CONTEMPLAÇÃO - observar, saber olhar e ouvir, faz abrir o caminho para os três degraus da iniciação: a imaginação, a inspiração e a intuição

MEDITAÇÃO – assim como a lagarta, cansada da sua forma enorme e desajeita, adentra em seu casulo, e parece morrer para o mundo interior, a prática da meditação faz o artista (e todo o ser humano que busca a auto-realização), passar por um processo de aparente transformação), fechado em seu casulo a feia lagarta se transforma em bela libélula que pode voar pelos céus, algo que estudaremos mais profundamente mais a frente.

Dentro de nós deve brilhar a estrela, como uma criança que sorri e busca a felicidade, devemos nos libertar de nossos temores e fraquezas e vivenciar o AMOR a tudo e a todos, a síntese de todos os fatores, vértices, e colunas, como nos escreveu certa vez Michelangelo: “O amor são as asas que Deus nós deu para que nossa alma se eleve aos céus”,

CAPÍTULO CINCO – O ARTISTA UNIVERSAL

1. O Artista Universal e o conhecimento superior

O artista deve buscar nem honras, nem glória, nem sequer a fama , e sim buscar tão somente entregar o conhecimento a humanidade, para que cada ser humano desperte o Ser dentro de si, que vença seus sofrimentos e ilusões, procure alcançar a verdadeira paz, amor e felicidade, destrua o ódio, os desejos e o egoísmo.

Devemos considerar esse ponto de vista: “Não crio nada, é como um por do Sol belíssimo, ele está lá e as pessoas, com seus problemas diários nem o observam, então vai um fotografo com sua sensibilidade e tira fotos deste pôr-do-sol, e monta uma exposição aonde vão as mesmas pessoas que ignoraram o pôr-do-sol, e dizem “Que belo pôr-do-sol, como nunca vi”, porém o fotógrafo não o criou, ele(o pôr-do-sol) já estava lá , mas as pessoas, como que cegas, não viam; assim é o artista, a máquina fotográfica é sua sensibilidade, a lente sua imaginação, que capta o pôr-do-sol, que são os raios da inspiração divina, e a foto revelada é sua obra, é um cópia sim, mas uma cópia da obra do grande artista, que criou o pôr-do-sol, que é Deus”

Aqui encontramos a chave do artista universal: A sensibilidade e a imaginação, com justa razão escreveu o Mestre Samael Aun Weor:

“Imaginação, inspiração e intuição são os três caminhos obrigatórios da Iniciação.”

Por acaso como chamavam Deus na Idade Média? O Grande Arquiteto, o Grande Demiurgo (Criador), assim ele é o verdadeiro artista, bem sabemos que Deus é indefinível, e está dentro de cada um de nós, nas nossas partículas divinas.

Deus como Pai está dentro de nós em nosso Real Ser particular, nossa parte divina e inefável, e como mãe naquela que os hindus chamam de a inefável Mãe Divina, em todas as religiões existe a sagrada Mãe Divina, a mãe celestial que nos protege.

Deus como Pai e como Mãe é que nos inspira, mas somente quando estamos abertos para essa luz que vem de cima, semelhante a uma cachoeira cristalina de luz, ou seja, quando trabalhamos intensamente com os três fatores da Revolução da Consciência.

2. Ioga da Arte e Budismo Zen

Ensinar muito valioso é o que nos revela a arte hindu, Coomaraswamy, na sua obra Transformation of Nature in Art nos cita os textos que descrevem o processo que deve seguir o artista em sua obra, sendo um verdadeiro tratado de ioga:

“É exigido que, após uma purificação (o trabalho sobre si mesmo), o artista entre em MEDITAÇÃO (sentar-se em posição de lótus ou outra confortável, fechar os olhos para o mundo e se concentrar interiormente) para visualizar, mediante a uma intensa concentração, a divindade que deve representar.

A forma e os atributos do deus ou da deusa devem aparecer-lhe pouco a pouco, graças a intensa devoção.(MÍSTICA)”

Quando o objeto da criação mental tiver sido totalmente captado através de uma intuição contemplativa, então, e só então, pode fazer a tradução da imagem divina, em todos os seus delicados planos, através das formas plástica materiais (usando as técnicas)”

Segundo esses textos, uma artista nunca conseguirá ter êxito total em sua atividade criadora se não for capaz de submergir num estado contemplativo e “ver” o seu modelo no mundo espiritual, no reino dos arquétipos universais (o mundo das ideias platônico).

Esta é a imaginação, a imaginação criadora, que nos fala Samael, concentrados chegamos ao segundo degrau, que é a inspiração, quando se atinge o modelo arquétipo.

Aprofundaremos sobre os três Is (Imaginação, Inspiração e Intuição) nos próximos capítulos .

A verdadeira arte vem do nosso Real Ser, nossa parte divinal e espiritual, cabe a nós sempre estarmos treinando, nos aperfeiçoando, a partir do visível, mas sempre anelando atingir o invisível, esse é o equilíbrio no meio termo, valioso ensinamento búdhico, e a própria espiritualização dos objetos que Leonardo da Vinci nos ensinou.

Essa linguagem que busca o divino, que extraímos da Índia , tem um sentido Universal, e ordena ao artista que seja um iogue (quem controla a si mesmo), um santo (que elimina seus

defeitos) , um monge (que pratica meditação e viagens astrais) e um asceta (que renuncia aos desejos materiais)

Os monges budistas zen compreenderam esta lição, tanto que as pinturas chinesas ou japonesas mais perfeitas foram realizadas por monges budistas ou por contemplativos taoístas. Da mesma forma foram escritos os poemas zens e os hai-kais japoneses.

Em todas as grandes civilizações do passado vemos essa busca: o ensinamento nas figuras egípcias , como a misteriosa esfinge, nos templos gregos e suas esculturas, nas civilizações pré-colombianas , em síntese:

o artista deve buscar aquilo que não é visível, o que é verdadeira realidade do mundo.

Para, depois, poder transmiti-la, portanto, antes de tudo, o verdadeiro artista objetivo deve ser clarividente e desperto.

A arte se degenerou intensamente porque os artistas, como a maior parte da humanidade atual, caiu no culto ao materialismo e ao individualismo, hoje se cultua a liberdade artística, o eu que é diferente, fazer algo novo, pessoal ... bem sabemos que isso é uma ilusão, pois não há “nada de novo sobre a terra” (Eclesiastes) e a verdadeira arte não vem de nós, mas vem através de nós, semelhante a cachoeira que faz passar a água, mas que não cria a água...

Somos tão somente instrumentos, o verdadeiro artista é o Real Ser de cada um, é Deus.

A Ele, nosso PAI INTERNO, e a nossa Mãe Divina particular, é que devemos orar intensamente, pedindo imaginação e inspiração, pois nós não somos nada sem nossas partículas divinas, assim como a cachoeira não é nada sem a água que vem da FONTE MISTERIOSA.

Para compreendermos como servimos de instrumento ao Nosso Real Ser, da mão divina de Deus, se segue uma pequena fábula inspirada nas maravilhosas fábulas de Leonardo da Vinci:

3. O Papel , a Pena e o Tinteiro

Leonardo da Vinci pegou uma folha em branco, e logo começou a realizar nela diversos estudos, desenhou nela uma paisagem ampla, cheia de cavalos que corriam com vitalidade, e de arquitetura imponente ... após algum tempo de trabalho a folha se viu por inteira coberta de desenhos maravilhosos, terminado o trabalho, Leonardo guardou a folha num lado da escrivaninha juntamente ao tinteiro com a pena, e saiu.

Realmente – disse a folha – agora sou importante, pois fui desenhada com uma bela paisagem ! Antes eu era plana e sem vida, e agora em mim posso ver um universo ilimitado, com um simples traço vejo a linha do horizonte, com traços elaborados, sinto cavalos correndo de um lado ao outro da folha, agora tenho profundidade e um significado para poder existir.

Isto é verdade – disse a caneta - mas o que você vê em ti fui eu que marquei, através de traços perfeitos , portanto, esta nova dimensão que você vê em si nada mais é que os traços dos lugares onde eu passei.

Neste ponto, o tinteiro, que sempre permanecia quieto, resolveu falar:

Vocês estão muito orgulhosos, mas eu que, no final de contas, sou sacrificado, nunca me exultei, pois a verdade é esta: todos nós, sem exceção, somos apenas instrumentos, que se tornam úteis na mão de um artista habilidoso, mas são inúteis se querem fazer as coisas sozinhas, para que serviria o tinteiro, a pena, e o papel, sem o artista habilidoso para utilizá-los e criar maravilhas? A tinta não criaria as formas, a pena não dançaria como o mais belo bailarino sobre o papel, e nem sequer o papel se transformaria num novo universo cheio de profundidade ! Em verdade, tanto eu, como vocês somos apenas instrumentos na mão do artista habilidoso.

Sim, isso é verdade – reconheceram os agora humildes papel e pena.

Logo Leonardo retornou e guardou o papel numa gaveta da escrivaninha.

Esta fábula é dedicada a todos os seres humanos que acham-se senhores de si, mas são, na verdade, simplesmente instrumentos para a Mão divina, quando se revoltam e não permitem com humildade serem “desenhados”, se tornam inúteis, e por isso merecedores de serem atirados a lareira quando o inverno chegar, e não ser guardados na escrivaninha por toda a eternidade.

CAPÍTULO SEIS – A IMAGINAÇÃO CRIADORA

“Entendido em sentido metafísico, a beleza é uma das manifestações do Ser Absoluto. Emanada de um harmonioso raio do plano Divino, ela atravessa o plano mental a brilhar novamente a caminho do plano natural, onde ela obscurece dentro da matéria”

Jean Delville

1. O ANIMA MUNDI – A mulher nua que brilha como um sol

Em 1899, o pintor místico rosa-cruz de Jean Delville escreveu estas palavras acima citadas.

Podemos ver três etapas do descenso da verdade.

A verdade pura no mundo das ideias, o mundo das causas (o plano causal) – imagine ela como uma mulher nua – ANIMA MUNDI – que brilha em seu esplendor áureo. Sua luz invade todos os espaços, é uma nudez pura, direta, sem nada para cobrir a sua beleza.

A verdade vestida – “ela atravessa o plano mental a brilhar novamente” – a verdade no PLANO MENTAL-ASTRAL está vestida com as roupas da SIMBOLOGIA, que se revelam através dos sonhos, ela não é pura, mas é possível compreendê-la decifrando o sentido das parábolas oníricas, que são mensagens do Real Ser, do Ser Absoluto

A verdade escondida – O PLANO MATERIAL- mundo físico – neste mundo ilusório ela está escondida por trás da matéria, e necessário não se identificar com as coisas passageiras para encontrá-la, ou seja, não se fascinar com as coisas feitas pelo tempo, como a beleza de uma jovem que depois, com o tempo, se transformará numa velha, buscar sempre a essência

interior de cada objeto, pessoa, ser, e também a verdadeira beleza, que são as virtudes interiores: o amor, a caridade, a compaixão, a paciência, a amizade, a coragem, a humildade, e muitas outras, e não a beleza exterior passageira e ilusória .

Devemos nos elevar até o mundo intermediário através da reflexão na SIMBOLOGIA, e no mundo superior das ideias, através da prática da Meditação, para atingirmos o conhecimento superior.

2. PRIMEIRO I – IMAGINAÇÃO

“Imaginação, inspiração e intuição são os três caminhos obrigatórios da Iniciação.”
SAMAEL AUN WEOR

Vamos aprofundar o PRIMEIRO I – A IMAGINAÇÃO, que nos conduzirá ao êxtase superior.

O poder da imaginação é maravilhoso, a imaginação consciente é ver, com a imaginação podemos ver qualquer coisa, atingir o seu âmago profundo.

A fantasia é de todo prejudicial, devemos nos apartar dela de forma enfática, e procurar desenvolver a imaginação consciente.

A imaginação se centra em dois pontos primordiais:

a atenção ativa- observar atentamente o objeto, sujeito ou lugar de nossa concentração, sem tirar ou desviar a atenção, quando algo (outro objeto ou pensamento ou sentimento) procura nos distrair, devemos eliminar a reação interna e voltar a atenção para o que estamos concentrados.

imaginação consciente: imaginar os processos vitais daquilo em que estamos concentrados , como surgiu, se desenvolveu, como acabará, sua função, sua forma, seu significado, suas características, REFLETINDO sobre tudo isso.

Concentração é fundamental, centrar-se numa obra de arte ou numa árvore – aqui vamos explicar a concentração a partir da prática, pois a prática é o que interessa para desenvolver a concentração e a imaginação.

Atualmente, se tem veiculado muito na imprensa sobre o poder da concentração, é óbvio que o ser humano perdeu esse poder tão fundamental para a vida diária e para o desenvolvimento psíquico, somos desconcentrados, não conseguimos nos fixar numa única coisa de forma total e ampla.

Se desenvolvêssemos o poder da imaginação de forma direta, poderíamos conhecer o Universo, pois a imaginação consciente é ver.

3. Relaxamento

O primeiro passo é o relaxamento, e isso exige imaginação.

Certamente, quando éramos criança, já nos sentamos observando as nuvens alegremente, sem nenhuma preocupação; agora o tempo passa cada vez mais depressa, parecendo devorar

nossa vida, sem mais tempo para nada, um monte de coisas e sem tempo, ficamos nervosos e desequilibrados ...

Devemos relaxar, desprender o corpo da mente, ou seja, sentir-se leve como se fosse uma pluma, ou como se estivesse flutuando numa nuvem; geralmente, o nosso corpo é tenso, cheio de dores e não conseguimos relaxar, quando vamos deitar simplesmente caímos na cama e desmaiamos.

Ao relaxar o corpo fica leve e o pensamento tranquilo, só de relaxar viveremos melhores e mais felizes.

Para quem quer começar com esta prática, a melhor posição é deitado de barriga para cima, de maneira confortável, com os olhos fechados para que as coisas do mundo não possam nos atrapalhar, e respirar de maneira tranquila.

Estando assim, vamos colocar a nossa atenção em nosso próprio coração, e vamos imaginar dentro dele uma belíssima luz azul (da cor do céu) surgindo como uma pequenina estrela e se expandindo pouco a pouco por todo o coração.

Imaginamos que essa luz, após tomar o coração, vai descendo até a ponta dos pés, como uma cascata ou de outra forma qualquer, estando na ponta dos pés, essa luz vai penetrando por dentro e por fora em todo nosso corpo, relaxando por onde passa, e assim vai subindo gradativamente, passando e relaxando todas as partes do corpo:

os pés.
sobe, até os joelhos.
vai subindo, as coxas.
os quadris, subindo e relaxando tudo, por dentro e por fora
o ventre, relaxando tudo
o peito
os ombros.

Chegando aos ombros, desce como cascata novamente até os dedos das duas mãos e sobe novamente relaxando:

as mãos
os braços
o pescoço
a cabeça, os olhos, a boca, as orelhas e até a última raiz dos cabelos.

Quando esta luz azul encobrir todo o corpo, observaremos se sentimos ainda alguma parte do corpo, algum nervinho ou sensação, e então concentraremos esta luz azul celestial nesse ponto de tensão, relaxando; se já não sentimos nada, imaginaremos a luz retornar ao nosso coração; o que importa neste processo é a IMAGINAÇÃO, cada um encontra sua maneira de imaginar, e essa luz diminui até desaparecer como uma estrelinha dentro de nosso coração

4. Concentração no Coração

Após relaxarmos, vamos nos concentrar em nosso próprio coração, como órgão físico, assim, cada um, com sua própria imaginação, observará como ele é exteriormente, se imaginará

entrando nele, vendo suas cavidades, o bombeamento de sangue e muito mais, que cabe a cada um ver com sua própria imaginação, não se deve reproduzir as imagens que vimos em fotos, isto não tem nada a ver, cada um imagina do seu jeito, posso citar meu exemplo, quando imagino o meu coração, ele se assemelha a uma enorme cachoeira com um rio subterrâneo aonde vou nadando ... o importante é imaginar e não sair do coração, tudo que desviar da concentração é fantasia e não leva a nada.

Imagino também o meu coração batendo, e irradiando uma luz dourada que atinge todos os seres, àqueles que estão sofrendo são banhados por esta luz, que é igual a 'joia dos desejos' budista, satisfaz os desejos: ao doente, traz saúde, a quem tem fome, traz alimento, saciando o sofrimento de todos os seres, esta prática da luz dourada desenvolve no ser humano a COMPAIXÃO, um virtude indispensável.

Outra concentração importante é a concentração no cárdias, explicada no capítulo A Natureza e a Inspiração, esta concentração dá ótimos resultados, sendo que pode ser ensinada até para as crianças, da mesma forma que a ensinei a minha irmã quando ela era criança, e ela mesmo visualizou o bosque e todos os seus detalhes.

5. Concentração numa obra de arte

Sentamo-nos diante de uma obra de arte, ou de uma gravura desta, relaxamos nosso corpo e passamos a observá-la atentamente para captar lhe o significado. Para ficar claro, vamos dar o exemplo do quadro o Parnaso, de Andrea Mantegna :

Após o corpo estar bem relaxado, vamos começar a observar atentamente o quadro, vamos perceber os vários deuses que povoam essa magnífica obra: Mercúrio com seu caduceu esta ao lado do cavalo Pégasus, aqui está uma simbologia do pintor, vamos observar Vulcano trabalhando em sua forja, e Vênus e Marte num colóquio amoroso, enquanto as musas dançam e Apolo toca sua lira poeticamente.

Observamos também a paisagem, após tudo isso, utilizamos a imaginação, fechando os olhos e procurando nos imaginar dentro do quadro, vendo realmente as musas dançando, escutando a música de Apolo, as frases de Vênus, vamos assim imaginando e dando vida ao quadro, observando os detalhes da paisagens e nos imaginando caminhando nela de forma tranquila e atenta.

Imaginemos a nós mesmos dentro do quadro, assim poderemos ver cada personagem de maneira tridimensional, de vários ângulos, e imaginar os movimentos que ele fez, como se o quadro fosse semelhante a um filme, mas um filme que estamos participando intensamente.

Esta concentração nos fará passar pelos três estados iniciáticos da arte, primeiro, a imaginação, onde o pintura nos transportará para dentro dela, como se fosse uma janela para um novo Universo, o segundo passo, a inspiração, onde sentiremos com o EMOCIONAL SUPERIOR o sentido elevado de cada simbologia, movimento, cena, lugar, e por último, a intuição, com a qual compreenderemos interiormente, além das palavras e dos sentimentos, o que aquilo nos transmite, sendo portanto, caminho para a auto-revelação.

6. Concentração num copo de água

A concentração na água desenvolve a SENSIBILIDADE e a CLARIVIDÊNCIA, é claro que devemos trabalhar sobre nós mesmos para o desenvolvimento pleno destas faculdades, mas está prática, realizada diariamente, permite intensa CONCENTRAÇÃO e ATENÇÃO ATIVA .

Sentados em frente a um copo (numa mesa), observamos a água no seu interior , procurando com os olhos ver sua forma central, após um tempo de prática, a visão ficará anuviada ou desfocada, devem-se evitar os pensamentos alheios, eliminando-os, e qualquer coisa ou som que tire a concentração, com o tempo de prática desenvolverá a hipersensibilidade, e começara a surgir cores e imagens na água do copo.

7. Imaginação Criadora em detalhes da natureza

Leonardo da Vinci nos ensina como aumentar o nosso talento e CRIATIVIDADE observando os detalhes da natureza, assim ensina o grande artista:

“... Olhe para as paredes borrifadas com um número de manchas ou pedras de várias cores misturadas. Se você tiver de inventar alguma cena, poderá ver ali semelhanças a um número de paisagens, adornadas com montanhas, rios, rochas, árvores, grandes planícies, vales e colinas, em vários sentidos. Você pode, também, ver várias batalhas, e vivas posturas de estranhas figuras, expressões nos rostos, trajes e um infinito número de coisas, as quais você pode reduzir a uma boa forma integrada.

Isso acontece nestas paredes e em pedras multicoloridas (que funcionam) como o SOM DOS SINOS, em cujo repicar você pode ouvir todo nome e palavra que imaginar.

Não despreze minha opinião, quando eu o lembro de que não deve ser difícil de vez em quando parar e observar as manchas das paredes, ou as cinzas de um fogo, ou as nuvens, ou a lama ou lugares semelhantes nos quais, se você considerá-los bem, encontrará ideias realmente maravilhosas.”

8. A contemplação na hora que o sol se põe

Da mesma forma que Leonardo, também procuro contemplar as nuvens no céu, principalmente no momento do ocaso, onde é possível ver inumeráveis formas que dão vazão a imaginação, quando éramos crianças observávamos as nuvens e conseguíamos ver as formas nelas, de animais, pessoas, lugares, mas quando nos tornamos adultos e sucumbimos diante da pressa do dia a dia, perdemos a tão preciosa faculdade do imaginar.

As cores maravilhosas que as nuvens formas, principalmente se refletidas num espelho d'água, como de um lago, tal como existe um próximo a minha casa, faz minha imaginação fluir, mas também costumo viajar para praias para poder ver o reflexo do por do sol nas águas, que são muitos inspiradoras e nos fazem transcender nossa pequena individualidade, por um instante deixamos de ser gotas no oceano e nos tornamos oceanos em uma gota.

Através desta contemplação, seja do tronco de uma árvore, dos veios de um armário de mogno, das nuvens no céu, ou das manchas de uma parede, fazemos nossa imaginação mergulhar, através destes detalhes, dentro de nós mesmos, e lá podemos ver todo o universo refletido, basta lembrar que VER É IMAGINAR, e TUDO QUE PODEMOS IMAGINAR, também poderemos conseguir vivenciar, realizar e compreender.

9. Escutando as músicas de Beethoven

Escutar as músicas de Beethoven são ALTAMENTE INSPIRADORAS, a Quinta e a Nona sinfonia podem ser escutadas com os olhos fechados, deitados num sofá confortável, escutando e sentido nota por nota, podemos mergulhar em sentimentos que estavam adormecidos dentro de nós e nós sentir melhores do que se comêssemos a mais saborosa refeição, por que é isto que na verdade estaremos fazendo neste instante, alimentando nossa alma de luz e sabedoria.

Existem outras músicas e compositores, como Bach, Chopin, Schubert, Mozart, outros modernos, etc., mas, o fato que a concentração nas obras de Beethoven, como sua Sonata ao Luar, nos farão despertar a Sensibilidade e a Intuição adormecidas dentro de nosso íntimo de uma maneira surpreendente e fantástica.

10. A Imaginação é a primeira etapa para o Despertar da Sensibilidade

A medida que trabalharmos com a imaginação, começaremos a sentir que as imagens nos levarão a sentimentos de inspiração, nesta etapa o praticante chegou ao conhecimento inspirativo. (lembrem-se da IOGA DA ARTE de capítulos anteriores!)

Ou seja, do VER, o devoto da arte objetiva começou a SENTIR a realidade interior dos objetos, lugares, e acontecimentos que imagina.

Com isso se chegará a clarividência, quando olharmos uma pessoa, não veremos a “casca”, sentiremos seu coração, vendo a sua vida interior: seus sentimentos, pensamentos, atos interiores.

Isto também ocorrerá com tudo, abandonemos o intelecto frio e improdutivo.

“Imaginação e compreensão são os cimentos das faculdades superiores do entendimento.”

Ou seja, a imaginação aliada a reflexão leva a compreensão superior de todos os fenômenos da natureza, do interior humano e do Universo.

Isso levará diretamente ao conhecimento INTUITIVO, ou seja, do SENTIR tudo se transformará em parte do nosso SER, nos ligaremos a todas as coisas e seres do Universo, enfim, a INTUIÇÃO nos fará UM com tudo; assim como os computadores se ligam através da rede da internet para comungarem num conhecimento maior, esta conexão cósmica adormecida dentro de nós mesmos é a INTUIÇÃO, e a imaginação é o primeiro passo para atingi-la.

Portanto, pratiquemos intensamente a imaginação criadora e os resultados serão fantásticos: o DESPERTAR DA SENSIBILIDADE.

CAPÍTULO SETE – A NATUREZA E A INSPIRAÇÃO

SEGUNDO I – INSPIRAÇÃO

Saindo do campo da imaginação, aos poucos adentramos numa esfera mais elevada: a da inspiração.

Podemos nos inspirar a partir da concentração no nosso próprio coração como também na natureza, e daí atingirmos o segundo estágio artístico: a inspiração, uma maneira sublime de chegar a inspiração é através da contemplação da natureza, como veremos neste capítulo.

As árvores e os bosques da natureza encerram grandes ensinamentos e lições, desde a mais remota antiguidade se sabia que para poder observar o equilíbrio e harmonia, tínhamos que contemplar a natureza .

Na antiguidade, na idade áurea da humanidade, o homem ainda vivia intimamente ligado com a natureza, respeitando as suas leis e seus seres vivos, era o tempo da lendária Arcádia, ali nos bosques a humanidade sentia uma grande alegria observando os regatos cristalinos e os pássaros cantando, nessas épocas haviam os pastores poetas, o amor romântico e puro e outras tantas coisas que nos lembra o grande poeta romano Virgílio em suas Bucólicas...

Toda esta contemplação fazia aumentar de forma poderosa a força da imaginação, influenciando decisivamente na inspiração, que desce em nós quando estamos preparados semelhante a uma cristalina cachoeira entre as pedras, ela vem do Pai, do alto, de todo o Universo, como anteriormente já vimos...

Hoje, porém, na nossa era ultra-moderna, em que nos dizemos civilizados, os bosques foram destruídos, o ar se encontra de todo poluído, os mares e os rios se converteram em grandes esgotos e lixeiras, tudo se mecanizou e o homem se fechou nas falsas vidas das cidades.

O amor verdadeiro já não existe, os poetas modernos, os cantores, usam suas músicas para falarem de traições, de vingança e de coisas antinaturais, tudo é permissividade e os valores antigos são ridicularizados, o homem abandonou a harmonia natural.

Isso bem lembra a parábola do Kabir Jesus sobre o filho pródigo: abandona o Pai que possuía grandes propriedades no campo e vai para a cidade, onde gasta tudo com festas, mulheres e libertinagem, no final, fica miserável e come a mesma comida dos porcos, e assim, nu e maltrapilho, retorna ao Pai que abandonou.

Reflitamos como estamos longe de nosso Pai Interno, mas também refletimos como estamos longe da Natureza, ela é o útero de onde tiramos nossa vida, ela nos dá comida, ela nos dá abrigo, ela nos dá sua beleza, ela é NOSSA MÃE na verdade a Terra é um grande Ser vivo, e temos que estar em profunda consonância com ela.

2. A pintura contemplativa zen

Os monges zen ou da escola ch'an, grandes pintores contemplativos, ficavam horas e horas observando os detalhes de uma árvore ou de uma paisagem buscando o grande conhecimento encerrado nessas obras primas de Deus.

Assim, na arte chinesa, a natureza abarca dimensões cósmicas, e imerso nela, o homem obtêm consciência de sua própria infância: sente o vôo dos pássaros, estuda amorosamente as

árvores, flores e pássaros, procurando registrar o íntimo de cada um desses seres, buscando os ritmos vitais da natureza.

Assim, sentimos na arte chinesa que os rios, as montanhas e as árvores são veículos do universo interior, de todos os sentimentos e noções intuitivas, como no caso do bambu agitado ao vento, que é empregado como símbolo do sábio que se inclina, mas não se quebra, diante da adversidade.

Vale a pena citar os grandes pintores chineses, muito mais valiosos do que os translocados modernos da arte ocidental: Wang Wei (699-759), que também foi célebre poeta, além de monge budista, e combinou de forma maravilhosa a imagem e a poesia; Wu Tao-tse (680-760) que dedicou a decoração dos templos.

Os pintores Fan Kuan e Kuo Hi (influenciado pela escola Ch'an) representaram a natureza de forma grandiosa; Mi Fei (1051-1107), renovador da expressividade, utilizando jogos sutis de atmosfera e luz; Hui-tsung (1082-1125) que buscou um grande realismo; Li Long-mien (1040-1106), pintor, calígrafo, poeta; Chao Mong-fu (1254-1322), paisagista esplêndido; Tai-Tsen (ativo entre 1430-56), famoso pelo seu grafismo como no rolo com pescadores; Wu Wei (1459-1508), tem as mesmas características de Tai-Tsen: grafismo e sutileza extraordinária.

Aqui damos um parêntese para falar de Schen-cheu (1427-1509), fundador da escola Wu, foi erudito, poeta e pintor e ao mesmo tempo que homem virtuoso e amante da solidão, inspirado em Ni Tzan, possui muita delicadeza e equilíbrio, ele, juntamente com seu discípulo Wen Ch'eng-ming, se concentravam intensamente na natureza buscando nela uma realidade superior e transcendental, como fonte de inspiração.

Certamente, não foi somente na China, mas em todas as civilizações antigas e modernas, em maior ou menor grau, que a natureza serviu de inspiração.

Leonardo da Vinci nos disse: “A Natureza tem vida, possui uma alma, os regatos são suas veias, a maré é seu alento, os seres vivos são seus átomos vibráteis, os oceanos são mares de sangue ao redor de um coração que palpita.”

3. Poetas e pintores românticos da Natureza

Quando o materialismo aterrador invadiu o ocidente, nos meados do século XVIII, e a humanidade começou a se precipitar numa industrialização desenfreada que levou a uma destruição exacerbada da natureza, muitos procuraram refúgio no culto à natureza, Goethe, ótimo botânico, buscou a civilização nas plantas e animais, Wordsworth tinha um atitude extremamente religiosa diante da natureza:

Se, com a Natureza tendo caminhado
E ofertado, até onde a fraqueza o permitia,
Meu coração à Verdade em sacrifício diário
Eu agora afirmo da Natureza e da Verdade
Que a sua Divindade
Revolta-se ofendida pelo comportamento dos homens.

Wordsworth anelava a simplicidade em vez da estupidez dos arrogantes cientistas modernos e materialistas:

Um impulso de planta pequenina
Nos ensina mais sobre o ser humano,
Sobre a moral, sobre o bem e sobre o mal
Do que todos os sábios do universo.

Doce é o conhecimento que a Natureza nos dá
Nosso raciocínio intruso
Deforma nas coisas a beleza
E, para dissecar, assassinamos.

Imaginava a mulher como uma verdadeira santa e profetiza. E na mesma Inglaterra surgiram os paisagistas como Turner e Constable; Constable pintou a natureza e foi uma “poeta” na pintura, transmitindo as mesmas ideias de Wordsworth, seu pincel representa a beleza pura e vibrante das árvores, céus, e todos os lugares naturais, quem contempla Constable sente a própria vida pulsar de suas pinceladas vibrantes e eloquentes.

Turner, também, pintor muito apreciado pela minha aluna e verdadeira irmã Laís, pintou, em suas telas, o sentimento de liberdade e amor a natureza, livre de contornos ou formas definidas, representou a liberdade da sensibilidade diante da beleza infindável da mãe natureza.

Mas foi Goethe o Grande Profeta da Natureza, esse iniciado afirmou que se devia sentir a natureza como um grande organismo, como já afirmara Leonardo e os chineses.

Ruskin se inspirou na Teoria das Cores de Goethe; já Luke Howard, em 1802, publicou um ensaio chamado A modificação das Nuvens, procurando fazer com o céu o que Lineu fizera com as plantas (classificá-las), Goethe ficou tão encantado que escreveu um poema para Luke, assim Ruskin tentou desenhá-las, classificando, mas, desesperado, teve de desistir diante do espírito anárquico das nuvens.

Infelizmente, como na parábola do filho pródigo, nos separamos da Natureza, e, a perdição das perdições, ainda por cima a destruimos, logo o nosso fracasso é claro, como quem destrói ao próprio útero em que vive, está condenado a total miséria existencial, e como se cometesse um suicídio.

A atual humanidade caminha para o suicídio, por estar destruindo a mãe natureza, a natureza se revoltará contra a humanidade e se inicia uma era de calamidades e catástrofes naturais sem fim, que só findarão quando o homem retornar ao seio da MÃE NATUREZA.

Devemos saber que um dos aspectos de nossa Mãe Divina Individual é a Mãe Natura particular, aquela que criou nosso corpo físico, e que, no Éden, na região paradisíaca, está dentro da Quarta coordenada, nos estados de jinas.

Hoje, nós devemos também nos integrar a natureza, comungar com ela, essa grande fonte de inspiração, e anelando retornar a ela como o filho pródigo.

A Natureza é a grande tela do artista divino, em cada crepúsculo ou aurora qualquer, o grande Artista plasma centenas de telas ... a cada segundo tudo muda de maneira maravilhosa, existe um grande conhecimento na natureza, chamado a Arte Régia da Natureza, que também detalharemos no capítulo sobre a Arte Esotérica.

4. Prática do Córdias – desenvolvimento da Imaginação e da Inspiração

No seu livro O Matrimônio Perfeito (1950), o grande mestre Samael Aun Weor nos entrega uma prática importantíssima para desenvolver o córdias, o centro magnético do coração, centro relacionado as viagens astrais e a emoção superior:

“Devemos primeiramente relaxar nosso corpo físico, sentados num sofá confortável ou deitados no chão em decúbito dorsal ou com os braços e pernas abertos formando uma estrela, a posição escolhida deve ser agradável; estando relaxados, devemos nos concentrar no nosso coração, imaginando que dentro dele existem raios e trovões, nuvens que voam até perderem-se no ocaso, impulsionados por fortes furacões. Também imaginaremos muitas águias voando neste espaço infinito que está por dentro, muito por dentro do nosso coração. Imaginando os bosques profundos da natureza, cheios de luz e de vida, com o canto dos pássaros e o silvo adorável dos grilos, imaginaremos ainda os regatos de água cristalina que atravessam esses bosques, o perfume adorável das flores, imaginaremos tudo isso de forma natural, e todas as imagens que surgirem relacionadas a esse bosque: as árvores, as flores e outros muitos e muitos detalhes, vamos imaginando e sentindo o sono, é necessário combinar esta prática com o sono, imaginamos também neste bosque uma mulher muito divina, inefável, sentada num trono de ouro, é a Deusa Kakini (a nossa Mãe Divina), devemos ter paciência e praticar muito, para desenvolvermos os córdias.”

5. O terceiro I – A intuição – O mantra O

Antes de prosseguirmos, falemos rapidamente sobre a intuição, que vai além da imaginação e da inspiração, essas três ferramentas fundamentais do artista Universal devem ser ampliadas em conjunto: quanto maior a imaginação, maior será a inspiração e consequentemente a intuição.

Todas as coisas do Universo estão conectadas, como se fosse uma grande rede de computadores, a mente intelectual é um computador separado, isolada, a mente cósmica é um computador integrado a uma grande rede: o Microcosmos integrado ao Macrocosmos.

Contemplando obras de arte, trabalhando sobre si mesmo, evitando o pensamento intelectual, desenvolvendo a imaginação aos poucos adentraremos no mundo da Intuição Cósmica, que será aprofundado mais a seguir.

As três (Imaginação-Inspiração-Intuição) são partes de uma mesma escada, e devem ser utilizadas em conjunto.

Podemos adiantar um mantra maravilhoso para desenvolver a intuição, o sagrado mantra O : com os olhos fechados, relaxados e concentrados no nosso coração, imaginemos nele a energia circulando em sentido horário, esta prática é uma ótima ferramenta para o desenvolvimento intuitiva, que será abordado também mais a frente em nosso tratado.

CAPÍTULO OITO – A SIMBOLOGIA ONÍRICA

1. “O homem se conhece pelos seus sonhos”.

PLATÃO

Tradicionalmente se cria uma analogia da vida com três coisas; a primeira é o teatro, assim é a vida, tem seus atores que entram em cena e repetem tragédias ou comédias, vão interpretando e tudo no final chega num desfecho, feliz ou trágico.

Também a vida é comparada com os acontecimentos da natureza, os quais são cíclicos, como um dia : bem cedo o sol se levanta iniciando a atividade humana, logo chega esta atividade no ápice ao meio-dia, e vai diminuindo gradativamente até cessar no momento que o sol chega ao seu ocaso, e a noite engolfa por fim a luz, assim como a morte engolfa a vida, mas a aparente trevas é somente a preparação para uma nova aurora.

Por fim, a vida é comparada a um sonho, “um sonho dentro de um sonho dentro de um sonho”, parafraseando Carlos Castañeda.

Tudo isto é analogia, e não deve ser compreendida da forma lógica, mas sim analógica, o pensamento analógico é usado na interpretação das parábolas e dos sonhos, os fatos e os objetos são simples símbolos para representar uma verdade elevada e transcendental .

Freud, a cerca de 100 anos (1899) publicou seu livro sobre o estudo dos sonhos, e até hoje essa parte da vida humana é muito pouco estudada.

Basta refletirmos que um homem, com a idade de 60 anos, dormindo em média 8 horas por dia, passou um terço de sua vida dormindo, portanto 20 anos, um tempo considerável, o qual nós, apressados com a correria do dia-a-dia, não damos atenção.

As pessoas dormem, andam no dia-a-dia achando que estão despertas, mas dormem o Sonho da Consciência, Goya no Epitáfio da sua série de gravuras Os Caprichos (publicado pela primeira vez em 1799, onde ele representava os horrores e barbáries praticadas pelos seres humanos) escreveu que “o Sonho da Consciência produz monstros”, e esta é uma verdade inegável, basta ver a nosso redor a falta de compaixão, a violência, a destruição da natureza, o desrespeito ao próprio corpo e as leis da natureza, o ódio e o egoísmo são os monstros que este sonho da consciência produziu.

Devemos lutar para despertar do sonho da Consciência em que estamos através da Revolução da Consciência, não nos identificando com as ilusões do dia, trabalhando intensamente com a Morte Psicológica, como nos ensina Samael Aun Weor, mas também devemos despertar no mundo dos sonhos, compreendendo e vivenciando o significado profundo dos experiências oníricas.

Podemos começar através da reflexão desta frase escrita na Eneida de Virgílio:

“Gêmeas são as portas do sonho, das quais se diz que uma é de chifre e através dela se dá saída fácil à verdadeiras sombras; a outra, reluzente, primorosamente lavrada em branco marfim, é aquela pela a qual as almas enviam à terra os falsos sonhos.”

Certamente, as maior parte dos sonhos são meras repetições dos fatos do dia, ou cristalização dos desejos inconscientes os quais foram reprimidos durante o estado de vigília, porém, há sonhos diferentes, onde existe um conhecimento superior, são os sonhos simbólicos, como os que são narrados na Bíblia e em outros livros maravilhosos, os sonhos simbólicos que

interpretados por José salvaram o Egito da fome, ou muitos outros, tem significados incríveis, maravilhosos.

Mas como e porque eles ocorrem? É claro que neste pequeno Tratado não poderemos nos aprofundar neste assunto que tem vários livros e estudos, podemos resumir tudo neste depoimento do grande artista esotérico Jean Delville, que já estudamos anteriormente:

“Entendido em sentido metafísico, a beleza é uma das manifestações do Ser Absoluto. Emanada de um harmonioso raio do plano Divino, ela atravessa o plano mental a brilhar novamente a caminho do plano natural, onde ela obscurece dentro da matéria”

O nosso Universo é formado por diversas dimensões, o homem intelectual desconhece o que vai além do mundo tridimensional, Einstein já se aventurou na quarta coordenada, mas há outras dimensões superiores que o homem atual é totalmente ignorante.

O plano divino, o plano luminoso das ideias que falava Platão, a sexta dimensão, o vazio iluminador, é o mundo das causas e das origens, lá está a verdade dos fatos, e é de lá que as coisas “descem” para as dimensões inferiores.

Chegamos assim a região intermediária, o mundo mental e astral, onde o conhecimento brilha novamente, agora não de uma forma direta, mas revestida com a roupagem arquetípica dos símbolos oníricos, as imagens dos sonhos simbólicos e das parábolas, captadas através do desenvolvimento da INTUIÇÃO.

Chegando assim ao plano físico, a beleza e o conhecimento fica encoberto pela ilusão, mas com o trabalho sobre si mesmo, vendo a ilusão das coisas, esse conhecimento vai se tornando acessível.

2. Sonho de Luciano (do autor)

Portanto, no sonho simbólico existe um conhecimento que vem do alto, do nosso Real Ser, que geralmente nos dá recados, mostrando nossa situação e vários conhecimentos. Vamos compreender a partir de um sonho simbólico que me ocorreu aos sete anos de idade :

É como num sonho, certa vez
vi uma caravana subindo a montanha!
com carroças e seus pertences ...
Logo param, pois levam muitas coisas
“Aqui está bom”, dizem
Mas alguns poucos seguem
e abandonam os seus pertences
mas, mais adiante se cansam

“Aqui está bom”, dizem os poucos
Mas eis que um se levanta
suas próprias roupas arranca
não se importa com o sangue
que lhe sai das feridas
e chega ao topo

glorioso e nu!

Cada um deve interpretar seus sonhos, compreendendo quando este tem um simbologia, se ver numa caravana subindo a montanha, neste caso intuimos que é o “caminho” da auto-realização, portanto as carroças são os apegos, os defeitos, os desejos que nos prendem e impedem a ascensão, renunciar a tudo e até as próprias roupas é o indicado para atingir o topo da montanha, onde, apesar de estar nu, brilha luminoso; aqui está uma profunda simbologia, o que vale para cada um são suas próprias experiências, viver algo vale mil vezes mais do que ler mil livros. Assim, todos devemos lutar para ter nossas próprias experiências oníricas.

Devemos nós sentar de manhã ou em outro momento para recordar nossos sonhos e REFLETIR se eles tem algum significado onírico.

Sonho de outro Luciano

Luciano de Samozata, o escritor grego do século dois, narrou vários sonhos seus, na sua juventude tentou ser escultor no atelier de um tio, porém, em um sonho lhe apareceu duas mulheres, a Retórica e a Escultura (duas das nove musas), neste sonho ele seguiu a retórica, conseguindo assim riquezas e glórias, na vida Luciano também seguiu a literatura, aqui observamos a correta avaliação e aplicação do sonho simbólico.

Sonho e Arte

Ao contrário do Surrealismo, onde o sonho subconsciente e sem sentido se faz presente, representando o desequilíbrio psíquico do ser humano, no Simbolismo e na Arte Objetiva, em diversos graus de objetividade, o artista procura transmitir um conhecimento que está revestido na imagem arquétipa, Jean Delville, Johfra, Bosch, Bruegel, Magritte, Leonardo da Vinci e muitos outros se alimentaram de seus próprios sonhos, procurando com grande luta o significado das imagens.

Existe um desenho de Giorgione, um grande pintor renascentista, chamado o Sonho, onde vemos duas mulheres nuas dormindo, e no fundo um paisagem misteriosa com alguns animais estranhos, o que significa? Me perguntei a primeira vez que o vi...

Num tema semelhante Fabrizio Clerici, o desenhista de intrincados labirintos, colocou várias figuras dormindo em várias plataformas... muitas outras imagens foram realizadas de sonhos e de simbologias, que, se investigássemos todas, nos lançariam num estudo quase infinito...

O próprio manifesto do Simbolismo, o quadro O pobre pescador de Puvis de Chavannes é um exemplo, o pobre pescador é uma representação da miséria humana e de algo mais profundo, que as palavras não podem explicar; ocorre o mesmo no Homem-Deus de Delville, onde um Cristo de braços abertos brilha luminoso como uma estrela e embaixo dele esta uma humanidade que se assemelha a um musgo verde e sem vida.

A simbologia onírica é uma fonte inesgotável para quem busca o auto-conhecimento, ali está a verdade vestida, que pode ser desvelada refletindo sobre as ROUPAGENS DA SIMBOLOGIA.

Refleta sobre os seus sonhos, descubra o significado deles, se são reflexos de seus desejos, ou se são mensagens recebidas pelo seu seu SOL interior, lembre-se sempre que “O homem se conhece pelos seus sonhos”.

CAPÍTULO NOVE – O CORPO DEVE EXPRESSAR A ALMA

Michelangelo e o nu artístico

Quando Michelangelo esculpiu o David provocou em Florença um verdadeiro alvoroço, nunca antes, era o que diziam, se tinha esculpido um nu tão glorioso, um homem musculoso observando com poderosa concentração no momento exato que vencia o gigante Golias; na verdade, foi David que se agigantou na colossal estátua de mais de quatro metros.

Resolveram colocar a estátua numa praça central da cidade, mas logo tiveram que voltar atrás, pois as mulheres ficaram chocadas ante as partes sexuais de David amostra de forma exuberante.

Michelangelo sofreu intensamente para pintar o teto da Capela Sixtina, bem o sabem os humanos e os divinos, ali colocou o desafio de mostrar o corpo nu como a coisa mais bela criação do Universo. Pois, criado a semelhança de Deus, o corpo humano é belo e divino, através dele ele deve expressar sua própria alma.

Naquela época, o corpo humano era sinônimo de vergonha, de pecado, de tabu, mas Michelangelo, em sua inspiração titânica, compreendia que tinha sido Deus que criará o corpo humano, e que a vergonha e o pecado, estes sim é que foram criação dos homens.

Ao terminar o afresco os padres da Igreja ficaram chocados, até o Cristo se encontrava nu no afresco, e contrataram um artista para cobrir as vergonhas deixadas de fora por Michelangelo, e é claro que o grande artista sofreu o indizível ...

Causa nos espanto, mas também sentimos vergonha diante de um corpo nu, isso se deve aos nossos defeitos, assim, quando os colonizadores portugueses aportaram no Brasil ficaram espantados, confusos e até excitados com a nudez dos indígenas, porém para estes isso tudo era indiferente.

Desejar esta liberdade do corpo, igual as crianças recém nascidas que não tem vergonha de si mesmas, só é possível se eliminarmos de nossa mente todos os preconceitos e tabus, e voltarmos a ser UM GRANDE CRIANÇA, pura, sem maldade ou luxúria, lembro-me que conversei certa vez sobre isto com minha amiga Larissa...

2. O eterno feminino e a beleza do corpo

Me lembrei do eterno feminino, que foi perseguido, da beleza da Eva primordial, e do templo onde existiam as sacerdotisas de Ísis, no antigo Egito, elas cuidavam do altar e de todos os serviços dos deuses.

Háthor, a amante amorosa, Bast, a mãe atenciosa, e a própria Ísis, mostravam a beleza da criação e do eterno feminino.

Nos templos gregos da antiguidade brilhavam as estátuas dos deuses inefáveis : Apolo, Afrodite, Zeus, Hermes, e muitos outros, com a libido transmutada em sua forma divina, o nu era considerado algo sagrado, e o belo corpo devia ser um reflexo das virtudes da alma.

Leonardo da Vinci, com sua Leda sexual, chocou os fanáticos monges do tempos inquisitoriais, e, quando estes tomaram o poder em Florença, com os discursos fanáticos de Savonarola (que prometia que o mundo ia acabar em 1500!!!) não hesitaram em jogar a obra prima na fogueira, junto com outros quadros inspirados na simbologia sexual, extraídos da mitologia clássica.

É bom aclarar, que, depois de tantos excessos e crimes cometidos contra as artes, os fanáticos monges vieram acabar na mesma fogueira onde antes destruíram tantos quadros, isso se deu com o retorno dos gloriosos Médicis ao poder, e estes, para comemorar a volta da República, é que contrataram Michelangelo para esculpir o glorioso David.

3. Hieros gamus e a União espiritual

Nos templos orientais vemos casais divinos abraçados, desfrutando de intenso amor, num erotismo espiritual , pois o sexo é a força mais poderosa do ser humano e é intensamente sagrado.

No Tibet, um homem e uma mulher se unindo sexualmente são a mais sublime forma de representação da união espiritual do Universo, semelhante ao duplo ying-yang do TAO, e o sol e lua utilizados na Alquimia medieval e que se unem em eclipse para criar o novo ser humano.

A União sexual do homem e da mulher é o maior segredo da alquimia interna, e o HIROS GAMUS que é citado no livro o Código da Vinci de Dan Brown, é a prática do tantrismo, responsável pela criação dos corpos superiores do ser, esta energia criadora canalizada é que permite ao iniciado construir corpos e viver em outras dimensões da natureza.

Assim, o corpo humano é sagrado, e antes das atuais religiões castradoras, que favorecem o homossexualismo e a degeneração sexual com seus tabus, o SEXO era venerado como algo extremamente sagrado, ligado ao espírito e a própria criação.

Existe sempre duas forças oposta no Universo, e elas se unem para criar, surgindo a terceira força.

DEUS PAI E DEUS MÃE (ESPÍRITO SANTO) SE UNEM CRIANDO ASSIM O FILHO (O CRISTO).

O HOMEM e A MULHER devem se UNIR para encarnar o princípio CRÍSTICO

O princípio CRÍSTICO, em síntese, É AMOR, amor UNIVERSAL e sem nenhum tipo de limite ou preconceito.

É claro que, semelhante a dois pólos, entre o homem e a mulher, no ato sexual, a energia circula, criando, assim, um poderoso magnetismo, que é semelhante ao dos pólos da Terra e as explosões nucleares do próprio Sol, onde existe também o positivo e o negativo se unindo para criar.

Também nos minúsculos átomos dos quais somos formados ocorre este maravilhoso jogo, o núcleo é o positivo, e os elétrons o negativo, em toda a natureza, no sistema solar, em nossa galáxia, em todo o Universo, a energia sexual circula como a própria energia criadora, sagrada, superior.

Sabiamente, o grande Samael Aun Weor nos disse:

“AMOR CRIA e VOLTA A CRIAR” , “o amor é a vida que palpita em cada átomo, como também em cada sol”.

Vejamos a importância do erotismo na arte indiana e no trantrismo

4. A arte indiana erótica e o trantrismo

Intensamente ligada a natureza, na Índia o corpo humano se confunde com os contornos das plantas:

“Oh divinas mulheres nuas, deusas esplendorosas de seios majestosos”, o devoto tântrico ao adentrar nos templos hindus, adorava os seios e as formas sagradas, assim como nos festivais tântricos desfilavam as sacerdotisas que enormes símbolos fálicos de madeira.

Naquele tempo o sexo era visto como algo sagrado, e a união matrimonial era uma regra, não se pensavam porcarias como hoje, nem eram promíscuos como os cidadãos dos dias atuais, que vem o sexo como algo banal, hoje se entregam a um e amanhã a outro para satisfação da luxúria carnal, e não em busca da UNIÃO ESPIRITUAL

Não apenas doenças se ganham com as uniões sexuais desenfreadas, bem sabem os mahatmas hindus que com o conúbio íntimo se unem os karmas, todos os compromissos, portanto, deve se buscar apenas uma pessoa, a um homem, uma mulher, a uma mulher, um homem, que isto fique bem entendido, o que sair disto é degeneração sexual e leva a degeneração e a conseqüente auto-destruição.

Nos baixos-relevos de uma stupa budista de Sanchi podemos contemplar uma jovem e formosa yakshini que se apoia num ramo dobrado e continua o seu movimento flexível e ondulante.

As formas humanas assemelham-se a elementos naturais:

O rosto é “como uma flor de gétele”, os olhos têm “a forma das folhas da árvore chamada nin”, o nariz é como “a flor do sésamo”; os lábios são como o “fruto bimba” ou a “flor brhanduti”, o pescoço é modelado como uma concha ...

Poderíamos descrever desta forma inefável todas as partes do corpo, comparando-as com as criações sagradas da natureza, mas por hora não, isto é função dos poetas...

Vivenciemos a supra-sexualidade, vejamos o corpo humano como santuário da alma, e contemplemos as obras de arte da antiguidade clássica, da Índia, do renascimento, e outras com profunda devoção, vendo nela uma sublime criação das mãos de Deus.

Abaixo toda a luxúria, devemos eliminar radicalmente do nosso interior qualquer manifestação luxuriosa.

A realidade é o que o corpo é sagrado, o veículo para a expressão do nosso Ser, podemos observar as grandes obras de arte, elas vibram com uma força poderosa, que bem sabemos qual é ...

CAPÍTULO DEZ – O DESPERTAR E A ARTE

Devemos afirmar novamente que a humanidade vive adormecida. Que as pessoas realizam tudo sonhando. As pessoas andam pela rua sonhando, vão ao trabalho sonhando, passam toda a vida e por fim morrem sonhando . Devemos chegar a reconhecer a nossa ignorância, para que possamos Despertar a Consciência, devemos reconhecer, como Sócrates o fez , e acabou sendo morto por este fato, que somos ignorantes, pois não apenas não sabemos, mas também não sabemos que não sabemos.

Assim, a primeira etapa do trabalho sobre si mesmo é reconhecer a ignorância sobre a realidade verdadeira do mundo, mas principalmente sobre nós mesmos, lembremos esse nobre filósofo grego que usou a frase escrita no frontispício do templo do deus Apolo como seu lema:

Homo, Nosce te ipsun (Homem, conhece-te a ti mesmo).

Partindo desta afirmação, começamos a trilhar o caminho do auto-conhecimento, e, como consequência, do conhecimento verdadeiro do Universo.

1. O Sonho da Consciência

Todos andam fascinados com os objetos e acontecimentos, e esquecem lamentavelmente de si mesmos. Assim o bêbado no bar se fascina com a bebida e com os amigos e esquece de si mesmo; o trabalhador numa fábrica ou escritório, ou mesmo aquele que trabalha em sua casa, se fascina com seus problemas e esquece de si mesmo; um jovem vendo uma jovem se fascina com sua beleza e esquece de si mesmo, não vê que aquela forma é sujeita ao tempo, que irá envelhecer e virar pó, e que não pode ver a realidade interior daquela pessoa. Assim vamos todos dormindo.

A mãe de Sócrates era parteira, e em homenagem a ela, ele deu a esta técnica o nome de maiéutica (trazer a luz), nós também devemos trazer a luz nossa Consciência que se encontra aprisionada dentro dos defeitos e desejos, eliminando estes, poderemos despertar não apenas aqui e agora, mas também nas outras dimensões da natureza: no mundo astral, no mundo mental, no mundo causal e outras dimensões superiores onde conseguiremos a experiência direta.

2. Não-identificação e auto-observação

Devemos não nós identificar com nenhuma situação da vida, ao vermos um carro belo, devemos refletir: este é apenas um meio de transporte, útil desta forma, ficar fascinado com ele para nada serve, de repente pode-se bater num poste e o que foi feito de toda a sua beleza?

Isto é algo que cada um deve realizar, todo momento, uma verdadeira luta contra todas as coisas que nos fascinam. Vemos uma árvore linda e vamos nos fascinar, lutamos e refletimos: pode vir alguém e cortá-la, e o que foi feito da árvore, qual é a sua realidade?

Assim cada um deve refletir de sua forma diante de todas as coisas, imaginando-as sujeitas ao tempo como realmente são, e não pela forma ilusória que geralmente se apresentam, assim vamos deixando de nos identificar com os objetos, as pessoas e os acontecimentos e começamos a deixar de ser vítimas das circunstâncias.

Os acontecimentos da vida diária provocam reações internas, que são semelhantes a uma pedra que cai num lago e provocam ondas neste, devemos deixar de ser vítimas das circunstâncias, se alguém vem nos elogiar ficamos contentes e orgulhosos, se outra pessoa vem nos criticar ficamos nervosos e irados, qualquer reação interna, seja esta boa, má, ou indiferente a um acontecimento deve ser eliminada através da auto-observação, no acaso acima, se alguém elogia meu trabalho e fico orgulhoso, me acho mais que os outros quando, na verdade, estou fazendo simplesmente minha obrigação, esse orgulho e prepotência é prejudicial, é deve ser eliminado, assim como a ira também, devemos refletir e suplicar a uma parte divina nossa, a nossa Mãe Divina, a morte desses defeitos, de forma simples e com força, isto tudo internamente, realizando isto a todo o momento começaremos a nos auto-observar e a medida da Revolução se irá abrindo o caminho para o Despertar.

A auto-observação, a não-identificação e a morte dos defeitos são temas importantíssimos para todos nós, e estão bem elucidados nos livros A Grande Rebelião e o Tratado de Psicologia Revolucionária, de Samael Aun Weor, e neste pequeno espaço só podemos trazer um esboço dessas práticas maravilhosas e revolucionárias, que devemos realizar a todo o momento e em todo lugar.

3. O Despertar – A HISTÓRIA DE SIDHARTA GAUTAMA

A História de Sidharta Gautama, o Buda, é uma síntese maravilhosa do caminho do Despertar que cada ser humano deve trilhar dentro de si mesmo.

A primeira descoberta é que todos nós somos iguais, sujeitos a dor, ao sofrimento, a doença, a miséria, a velhice, e por fim, a irreduzível morte, o ser humano busca vencer esse sofrimento e alcançar a felicidade, mas ... qual é o caminho?

Sidarta nos mostra que é necessário renunciar a todos os desejos, ele mostra isto simbolicamente quando abandona o palácio, sua esposa, seu pai, seu futuro trono e a seu próprio filho; é claro que não devemos abandonar as pessoas, mas sim a identificação que temos com as coisas, somos apegados as tradições, aos familiares, ao lugar, aos objetos, e esses apegos e desejos impedem o caminho para o despertar, não devemos nos identificar com absolutamente nada.

Porém, no caminho cometemos vários erros, Sidharta nos mostra isso quando vai a floresta com os eremitas, força seu corpo ao máximo querendo vencer a dor, até que descobre na frase de um músico ao seu pupilo um grande ensinamento, simples e extremamente valioso:

“Se esticar demais a corda, ela quebrará, se deixar ela muito solta, ela não tocará.”

Nesta simples frase residia um grande ensinamento, que todas as coisas de nossa vida e do Universo encontram o equilíbrio no meio-termo, cabendo a cada um de nós descobrir este equilíbrio.

Um exemplo simples do equilíbrio é a alimentação, devemos comer muito ou pouco? Certamente ambos os extremos estão errôneos, comer muita leva a indigestão, comer pouco a inanição, devemos comer a quantidade certa, equilibradamente, e assim são com todas as coisas, temos que ter o equilíbrio no meio termo.

Outro grande passo é ver que tudo não passa de ilusão, esse é um trabalho muito difícil e extremamente pedregoso, pois temos que vencer os desejos que durante muito tempo foram nossos senhores, na história de Sidharta isto está representando pela luta dele contra o demônio Mara, o mestre da ilusão, suas tentadoras filhas (luxúria, cobiça, etc.) e seu exercito (os defeitos e egoísmos que temos dentro de nós).

Com a vitória total sobre os defeitos advém a iluminação, assim se tem conhecimento pleno sobre si mesmo, de onde viemos e para onde vamos, e se abre a porta para todos os mistérios do Universo, se torna um ser Desperto, um Iluminado, um Budha.

Neste último ano, li uma forma interessante da história de Budha, através dos mangas de Osamu Tezuka, sem dúvida, maravilhosos, os personagens tratam dos seus medos, o medo da morte, o medo de perder o que é querido, o medo de sofrer, Budha, em sua iluminação, consegue chegar ao estágio onde pode ajudar a todos os seres humanos.

Porém, ainda falta muito para terminar o trabalho, é necessário caminhar uma estrada difícil, a que leva ao Absoluto, que exige renúncia e total sacrifício pela humanidade, esta etapa está representada pela última tentação de Budha, quando ele renuncia ao Nirvana para auxiliar a humanidade doente e perdida.

Começa, então, esta luta ingrata, pois a humanidade não quer se dar conta que está perdida, as pessoas amaldiçoam os mestres e os perseguem, já estes seres que trilham o caminho do Despertar não querem seguidores, como pensam as pessoas comuns, que simplesmente querem acreditar em alguém, mas que cada um de nós realize o trabalho dentro de si: se temos que ir a um lugar, temos que ir com nossos próprios pés, não há como outra pessoa ir por nós:

“Não acredite na fé das tradições, por maiores que sejam seus méritos e honras através do tempo e do espaço.

Não acredite na fé dos sábios do passado.

Não acredite no que você imagina ter vindo de alguma divindade.

Não acredite em qualquer coisa que venha da autoridade de mestres e sacerdotes. Após a sua própria análise, acredite apenas no que você experimentar e reconhecer como correto, no que for bom para você e para todos os outros seres.”

(Kalama Sutra)

Cada um de nós deve buscar esse conhecimento em si mesmo, aqui e agora, para iniciar o caminho do seu próprio Despertar.

4. O Despertar e a Arte

Para transmitir o conhecimento o artista deve trabalhar intensamente sobre si mesmo e adquirir conhecimento, para que possa transmiti-lo, isto já vimos anteriormente neste tratado.

Desta forma, não ocorrerá o que vemos neste início de século XXI, uma arte subjetiva, que, quando a observamos, não aprendemos nada.

Nas civilizações antigas, onde existia o conhecimento transcendental, a arte o transmitia, seja nas pirâmides do Egito e do México Antigo, nos templos e estátuas gregas, nas estátuas de Buda indianas e chinesas, nas mandalas tibetanas, nas catedrais góticas, e em muitos outros exemplos.

O Artista deve ser clarividente, para ver o que os outros não veem e transmitir o conhecimento em sua arte, ele deve se entusiasmar verdadeiramente e lutar todos os momentos para isso, como o fez na música Beethoven e Mozart e outros inefáveis, ou ainda Michelangelo e Fídias na escultura, ou ainda Leonardo e Goya na pintura, Rumi, Goethe e outros na poesia, entre outros que lutaram, o importante é lutar, pois mesmo que não conseguimos o êxito, é melhor morrer no campo de batalha do que ser um covarde, os despojos de nossa luta ficarão para toda a humanidade, e não existe prêmio maior que este.

AMAR TODA A HUMANIDADE, com o coração repleta de luz e compaixão, eis o segredo do DESPERTAR. O AMOR É A SÍNTESE DE TODO O CAMINHO PARA O DESPERTAR.

SEGUNDA PARTE – O PIANO CÓSMICO

CAPÍTULO ONZE – O PIANO CÓSMICO

Com justa razão o gigante da Música chamado Beethoven afirmou :

“Música é revelação mais sublime do que toda sabedoria e filosofia”.

Poderíamos nos expressar beethovianamente, afirmando que a Arte Objetiva é, em seu todo, revelação mais sublime do que toda a sabedoria e filosofia.

Bem sabemos que tanto a música como a arte deve ser vivenciada intimamente, através do profundo despertar da Consciência.

Para compreendermos que as artes estão interligadas e que transmitem o mesmo conhecimento de diversas formas diferentes, usaremos o recurso do “piano cósmico”, ou diagrama das artes, imaginemos o “piano cósmico”, com suas notas ascendentes: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si e finalmente um Dó já numa oitava superior e assim por diante, assim concluiremos que as notas são sempre as mesmas, porém as oitavas são diferentes, elas começam nas mais graves e terminam nas mais agudas, assim também são as artes, são o mesmo conhecimento (as notas musicais) transmitidas de diferentes formas (diferentes oitavas, provocando diferentes sons).

Assim compreenderemos como muitos sábios do passado afirmaram que as sete notas musicais correspondiam as sete cores do arco-íris, ou seja, as sete cores que são a decomposição da luz branca.

Sete cores, sete notas, sete artes , sete oitavas ... O próprio Universo é construído dentro de uma lei Universal chamada sabiamente de Lei do Sete.

Em verdade é necessário afirmar que o Universo vai além das três dimensões euclidianas, ele é constituído de sete dimensões básicos.

Assim, as Sete Artes emanam o mesmo conhecimento, em oitavas diferentes, o que quer dizer que uma não é melhor que a outra ou pior, é a mesma coisa que imaginássemos o nosso “piano cósmico” com apenas uma oitava, por mais aguda que fosse, ele seria extremamente limitado na hora de tocar músicas, não poderia tocar quase nada, assim, sabiamente, as artes se complementam.

Após refletir profundamente sobre isso, observemos o nosso “piano cósmico”:

- poesia – literatura – expressão corporal – pintura – escultura – arquitetura – música -

Devemos compreender este diagrama como um resumo, pois vamos tratar destas artes uma a uma e todas elas são fundamentais e sua investigação não é limitada ao intelecto livresco. Observemos: Poesia, Literatura, Expressão Corporal , Pintura, Escultura, Arquitetura e Música.

As artes compostas são as que surgem a partir da combinação de mais de duas ou três destas artes, ou com inovações tecnológicas, assim, o teatro e a união da literatura (texto da peça), expressão corporal, e um pouco de outras artes, como música e cenografia (pintura do fundo, cenário – uma falsa arquitetura) é claro que o peso maior recai sobre os atores, e portanto a expressão corporal e a interpretação tem peso significativo. Assim, mesmo que o texto da peça seja de um Shakespeare, ela será um fracasso se seus atores forem ruins.

A ópera é um “teatro invertido”, podemos afirmar de forma simplificada que nela a literatura e a expressão corporal tem importância bem mais reduzidas do que a música, que é o centro da ópera.

Já o cinema é um teatro somado a inovações tecnológicas, o qual está evoluindo por si mesmo e criando suas características próprias, são todas estas, portanto, exemplos de arte composta.

Como atua este “piano cósmico”, onde está o seu som mais agudo? Ou o seu som mais grave? Lembrando sempre que todos estes sons se complementam no “piano cósmico” para criar uma música inefável: a Arte Objetiva.

1. O SENTIR e O REFLETIR

- - - - - S E N T I R ----->
←----- R E F L E T I R-----

- poesia – literatura – expressão corporal – pintura – escultura – arquitetura – música -

Nele há dois valores que se complementam:

O “sentir”- a Emoção Superior

O “refletir”- a Reflexão Superior

Por exemplo, a música, se tocarmos um concerto de Beethoven, em qualquer parte do mundo, mesmo numa primitiva tribo africana, mesmo desconhecendo quem é Beethoven, onde ele nasceu, sua língua, estes nativos poderão sentir o significado da música, portanto a música é a mais Universal das Artes.

Já no caso de uma pintura, se contemplarmos uma pintura egípcia cheia de deuses, poderemos ver os deuses com sua forma antropomórfica (meio humana e meio animal), as posições que tomam, mas se não conhecermos um pouco de cultura egípcia, não compreenderemos todo o sentido desta pintura, como por exemplo no Juízo de Anúbis: vemos um homem com cabeça de chacal pesando numa balança uma pena e um coração, reconhecemos todos esses símbolos visuais, aí está o sentir, sentimos a cor e os objetos, mas para entender este quadro, temos que refletir também, o que significa esta balança? a pessoa que está ao lado de Anúbis.

Se possuímos a chave da simbologia, tudo será mais fácil: ele está pesando a alma do condenado, e julgará seu destino: será que o lado das boas ações irá pesar mais do que o que deve pagar? No entanto a reflexão não para aí, é muito mais profunda, devemos mergulhar nela como se mergulha num lago cristalino.

Com a música não ocorreria isso, não pensaríamos “o que significa esta nota dó seguida por uma nota sol? Certamente que não. Se a música for triste, sentiremos, se for alegre, também sentiremos, se ela transmitir um conhecimento sublime, teremos que sentir isto no momento que ela está tocando. É claro que a música permite refletir nela, e o que veremos quando falarmos de música.

Falemos agora de uma poesia, num exemplo que eu próprio vivi, quando ansiando procurar poesias de Victor Hugo fui a uma biblioteca, após uma detalhada procura encontrei um livro que as possuía, porém não o pude ler, nem uma palavra sequer: estava em francês.

Assim, a medida que se avança do Universal para o Individual são exigidos mais conhecimentos culturais e reflexão nestes, uma Poesia pode ter muitas interpretações, mas temos que captá-la da maneira certa; assim, a cada trecho lido temos que refletir para compreendê-lo, e quando refletirmos, procuraremos dentro de nós, e sempre dentro de nós, o significado para aquilo que está escrito.

Apesar de todos os argumentos ditos acima, iremos inverter nossas afirmações: a música é muito reflexiva e a poesia deve ser também intensamente sentida. Assim os dois lados se complementam sabiamente. Em todas as Artes devemos usar a emoção superior e a mente superior.

Devemos evitar as emoções torpes e negativas que degeneram as Artes e o intelecto que escreve e interpreta tudo de maneira complicada. E para que não fiquemos presos a este piano acima exposto, podemos imaginar ele se fechando num círculo perfeito.

O verdadeiro artista deve sentir a arte em sua emoção superior e seu significado superior, transcendental, e também toda a pessoa que ama a arte ou simplesmente tem o amor em seu coração.

Ser simples e buscar uma vida feliz, é o que devemos ser, expressar felicidade e conhecimento em todos os nossos atos, e devemos deixar de lado estas discussões intelectuais que nunca levam a nada.

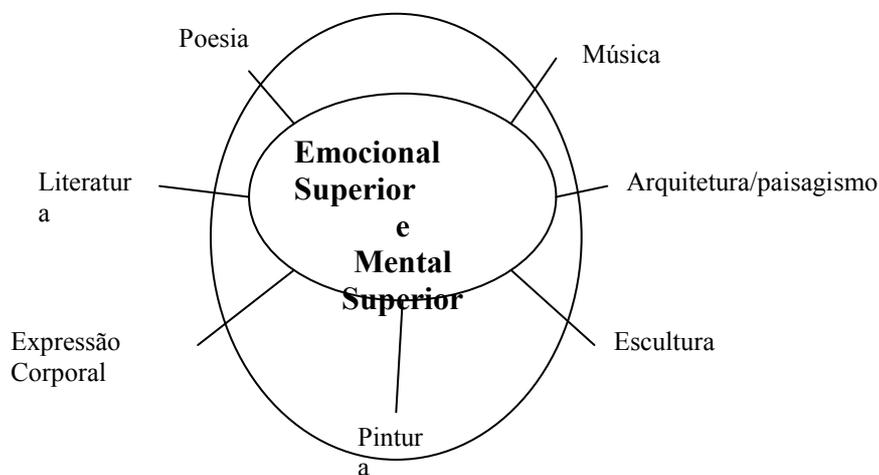
Muito melhor é sentir e refletir intimamente, recebendo este valioso conhecimento que a mente desconhece, conhecimento mais perene e puro do que toda a sabedoria e filosofia juntas...

A poesia e a música, que pareciam extremos, na verdade são bem próximas, elas se complementam, como a letra e a melodia de uma música. Desta forma, o pintor para se inspirar escuta músicas inefáveis, o pintor sente-se extasiado com os fantásticos concertos de Brandeburgo de Bach e começa a criar a sua obra, é como o poeta que se senta diante da natureza e se inspira com esta visão e escreve ...

Refletamos, portanto, as artes estão separadas ou juntas?

Se estão juntas no nosso “piano”, que melodias elas tocam? Como? E quando?

Refletamos, mas antes de tudo devo avisar, a mente não achará resposta, e este piano, em vez de resposta, é a porta para enormes e intensos questionamentos e buscas interiores...



CAPÍTULO DOZE – MÚSICA DAS ESFERAS

1. “A música do coração vem e vai ao coração” BEETHOVEN

Como a música é muito importante, vamos estudá-la e logo partir para a intensa prática.

Não que vamos nos tornar todos músicos no sentido completo da palavra, mas que vamos reviver a música dentro de nós, de nosso próprio coração.

Quem não pode fechar os olhos e imaginar uma melodia tocando? Escutando seus autos e baixos ... após esta experiência compreenderemos que a música vem de dentro de nós, e não de fora.

Desta forma também compreenderemos como Beethoven, depois de ficar completamente surdo, ainda compunha músicas maravilhosas, apesar de não escutar nada, a música fluía de seu interior como a própria água que jorra de uma fonte maravilhosa.

Compreendendo que a música é uma parte de nós mesmos, e que ela é espelho para a auto-descoberta, o auto-conhecimento, e é a mais universal das Artes, sem necessidade de idiomas ou traduções, vamos investigá-la mais profundamente.

Perceberemos que o som influi decisivamente no caráter das pessoas, uma pessoa que fica o dia inteiro numa rua barulhenta e cheia de terríveis ruídos chegará ao fim do dia provavelmente estressada, enquanto outra pessoa que estiver no campo, entre os pássaros que gorjeiam e chilreiam alegremente, se no seu interior não estiver tensa ou com problemas, é claro, chegará ao fim do mesmo dia tranquila e serena.

Como o ambiente e seus sons influíram nestas duas pessoas ? Como ele influi em nós?

Na verdade, somos ainda muito vulneráveis, fracos, e o meio ambiente muitas vezes nos domina, mas quando nos colocamos a lutar contra ele, podemos vencê-lo.

A criação se desenvolve através do som, na Bíblia se fala que no “Princípio era o Verbo”, no Baghadavat Gita a guerra se processava mediante o toque das trombetas e demais instrumentos, da mesma forma que um fazendeiro inteligente coloca walkmans nos tomates com músicas de Mozart, e o resultado são tomates bem mais vistosos e grandes, também o pintor escuta música para criar seu quadro de maneira mais bela e perfeita.

2. a música das esferas

“O som é o incenso que eleva as almas ao céu.”
o autor

Todas as grandes religiões em suas cerimônias tocam músicas especiais que elevam o ser em devoção, assim o som cria o meio propício para a elevação espiritual, tal como os mantras e tantras orientais, o OM místico , o Canto Gregoriano , os acordes da citara indiana, a cana d'água inca, os sinos e trombetas de um mosteiro tibetano, o som dos sufis que acompanham a dança dos derviches... são tantos os exemplos que não haveria como colocar todos aqui.

Mantras são sons mágicos que provocam o despertar das faculdades interiores: a intuição, a clarividência, a capacidade de viajar conscientemente fora do corpo e outras...

Não apenas os instrumentos criados pelo homem tocam música, mas todos os instrumentos criados por Deus também tocam música, inefável e maravilhosa.

Beethoven, o iniciado-músico, caminhando entre os bosques primaveris, escutava atentamente os sons melodiosos da natureza, e foi assim que se inspirou para criar sua bucólica 6ª Sinfonia.

A cachoeira caindo, os pássaros cantando, o sopro do vento entre as folhas, a chuva caindo do céu, são alguns dos sinais visíveis da música da natureza.

Existe os sons desta melodia que no estado atual em que nós encontramos não podemos escutar, esses sons são maravilhosos e harmoniosos, sempre tocando uma música indescritível.

As rochas, as árvores, as nuvens, os rios, a própria Terra e os demais planetas ressoam suas notas e o resultado é uma música celestial, é claro que está música não é física, mas sim etérica, como as auras existem e não podemos ver, como o ar existe e não podemos ver, também não podemos escutar isto que os antigos gregos chamaram de música das esferas.

As músicas compostas pelos grandes compositores como Bach, Vivaldi, Handel, Mozart, Beethoven, Chopin, Handel, Wagner, Liszt, Schubert e outros é inspirada nesta música das esferas, nas músicas que se escutam em dimensões superiores da natureza.

3. As portas da percepção

Devemos AMAR a música destes grandes clássicos e sentir repugnância pela música infernal que as pessoas vulgares tocam, estas músicas com fundo pornográfico, com batidas mecânicas e cheias de desejos infra-humanos de luxúria e violência.

Bem sabemos o que essas músicas provocam no próprio crescimento de nossos filhos, certamente repetindo estas frases de duplo sentido (sentido pornográfico, falando besteiras e incentivando os desejos instintivos) e dançando ritmos que mostram o corpo como mero objeto, o ser humano vai se idiotizando cada vez mais, ficando mais estúpido e violento. Não precisamos falar mais nada sobre isto, os fatos falam por si ...

Já há muito tempo se sabe da associação fatal de músicas violentas, as drogas e a degeneração sexual, podemos comprovar isto no lema dos festivais do rock: sexo, drogas e rock in'rool.

É claro que toda essa degeneração musical só pode levar a um lugar: a auto-destruição, a terríveis vícios, desrespeito e falta de amor, e, por fim, a overdose e a morte, como aconteceram com muitos músicos que pregavam esta doutrina degenerada.

Agora, meu caro leitor, tu deves escolher que tipo de “alimento musical” colocarás em teu coração.

As músicas superiores que nos fazem elevar ao céu, abrem as portas celestiais, já as músicas degeneradas e psicodélicas, estas abrem as portas infernais, que tanto cultuou Jim Morrison e seu nefasto The Doors até sua trágica morte.

As sete portas divinas da Jerusalém celestial estão bem dentro de nós, são os SETE CHACRAS DO KUNDALINI, que deve subir no iniciado pela coluna vertebral, ele estão exatamente na frente do corpo, alinhados com a coluna.

Os chacras devem desabrochar iguais a maravilhosas flores-de-lótus, provocando o **DESPERTAR DA SENSIBILIDADE**.

As sete portas infernais, que estão no baixo ventre, são as portas do INFERNO, da cidade infernal de Dite, o universo da psicodelia leva a loucura, a destruição e a morte.

Existem também músicas ligadas as ilusões da vida, que falam de traições e desejos insatisfeitos, é claro que esta música de “dor de cotovelo” não nos interessa.

Devemos comungar com as músicas divinas, e repudiar as músicas infernais, assim como os neófitos das religiões fundadas pelos grandes mestres escutavam as músicas inspiradoras, comungando com elas, também devemos comungar com essas músicas que dizem algo a nossa alma: as músicas clássicas (europeia, indiana, chinesa...), a música dos Andes, que descende dos incas, devemos SENTIR com estas músicas, e é claro que elas criarão o ambiente propício para a elevação de nosso coração.

As danças sagradas, como a dos derviches dançantes da Pérsia, que entram em transe escutando suas músicas e dançando, são tremendamente maravilhosas.

A música deve despertar dentro de nós mesmos, para então fluir como uma fonte maravilhosa, vibrando o emocional superior, assim só existirá ao amante da ARTE UNIVERSAL plena FELICIDADE, LUZ e HARMONIA.

4. Concentração na Música – AS QUATROS ESTAÇÕES DE VIVALDI

Deitados, após relaxarmos o corpo, escutaremos uma música pré-selecionada.

Uma sugestão é as 4 Estações de Vivaldi, quando, deitados, com os olhos fechados, escutamos o primeiro movimento, a primavera, vamos imaginar os elementos naturais relacionados a esta, como as flores, e o sentimento corresponde, como a alegria de viver e a juventude.

O importante, o fundamental, é não deixar o intelecto enredar, é necessário eliminar todos os pensamentos que surjam e se concentrar intensamente em cada nota musical.

Sobre o verão, podemos imaginar a atividade, o calor, os rios para nos refrescarem, etc. o outono a colheita e a idade madura da vida, e o inverno, o frio, o gelo, momento de guardar os recursos, a aparente morte até a nova primavera e juventude, como dizem os italianos: “ La primavera, la giuventu dell’ano; la gioventú, la primavera dela vita”.

5. A FLAUTA MÁGICA de Mozart

Mozart, com sua delicadeza, é excepcional para a concentração, devo afirmar que em minha juventude era um “mozartmaníaco”, e aproveitei a grande divulgação de sua obra no bicentenário de sua morte (em 1991), concentrando em suas obras de forma semelhante a que expliquei com Vivaldi, o resultado foi um desenvolvimento maravilhoso da imaginação, um efeito medicinal (a tranquilidade e a felicidade afastam as doenças) e entusiasmo, é maravilhosa para a concentração a ópera A Flauta Mágica.

Nesta ópera são valorizados as virtudes que nos fazem retornar a infância: a alegria de viver, a simplicidade, a beleza da natureza e, sobretudo, O AMOR.

6. Prática - Dança

Também podemos, sozinhos, num quarto ou sala, com os olhos fechados para que as coisas do mundo não atrapalhem, escutar uma música e a partir do que fomos escutando, realizarmos movimentos com nosso corpo. Não devemos racionalizar, simplesmente sentir e se mover. O resultado será maravilhoso.

CAPÍTULO TREZE – ARQUITETURA: DA CASA DO HOMEM A CASA DE DEUS

“A arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes reunidos debaixo da luz”
Le Corbusier

Da casa do homem, passando pela casa de príncipes, os túmulos, os monumentos, e chegando até a casa de Deus (os templos), a arquitetura ergue seu domínio em todas as construções erguidas pelo homem.

Das belas artes, a arquitetura é sem dúvida a mais complexa, pois os arquitetos não trabalham com elementos simples, como cores, sons ou formas. Nem apenas com os volumes ou a luz. Mas com toda a natureza, com toda a vida, e com as próprias crenças e espírito do seres humanos.

Portanto, a arquitetura não é uma arte que vemos isolada, mas refletindo em toda nossa vida, em todos os lugares que vamos, desde que lá exista a mão humana, estará presente a arquitetura e seu irmão gêmeo: o paisagismo; certamente, o grande erro de Oscar Niemeyer, seguidor dos ideais do lendário Le Corbusier, foi ter separado estes dois irmãos que se complementam, assim seus edifícios carecem de verde ao seu redor, e por mais que ele possa arrojá-las para cima e para os lados, como em Brasília ou no Memorial da América Latina, em São Paulo, lhe faltou a dedicação ao paisagismo, simplesmente espelhos d'água não são paisagismo.

Paisagismo é a arte a qual se dedicou Burle Marx e tantos outros, realmente, o paisagismo é tão imprescindível como a arquitetura, assim como numa verdadeira casa é indispensável um quintal florido, ao redor dos edifícios e moradias é necessário amplas áreas arborizadas para que a vida seja aprazível, e que as cidades não se tornem sepulcros de concreto.

A arquitetura é uma arte que serve ao funcional, isto é extremamente importante, e também serve a beleza e a estética, é necessário combinar estes dois elementos, porém, no século XX o que observamos foi a exaltação desenfreada do funcional em detrimento da estética, da beleza.

Com isso muito se perdeu, os edifícios e casas construídos apenas no princípio funcional, sem nenhuma estética, se tornaram frios sepulcros, enormes ratoeiras humanas, se tornaram grandes quadrados de concreto e vidro sem nenhuma beleza.

Um edifício tem que ter a beleza de um corpo físico, pois é um reflexo dos seres que usam para viver, do que acreditam, do que buscam, de suas virtudes e sonhos.

É necessário recuperar a beleza orgânica das construções humanas, revalorizar a estética, que deve sempre, é claro, vir combinada com a funcionalidade, pois, a arquitetura, na maior parte de seu campo de ação, é uma arte extremamente funcional.

Também se deve combiná-la com um paisagismo renovador, que integre o homem a natureza, assim criamos um projeto urbanismo amplo.

1. Projeto Urbanístico- A Cidade-campo do Novo Milênio

Até o século XIX, a maior parte da humanidade vivia no meio rural, com a industrialização, as massas humanas se deslocaram para as cidades, que cresceram de forma impressionante e desenfreada, formando verdadeiros formigueiros humanos, criando cidades cheias de subúrbios, de muita poluição e pouquíssimo verde.

No século XX observamos planos e mais planos para solucionar o caos urbano, no “primeiro mundo”, as cidades conseguiram até certa organização, mas, nas cidades do “terceiro mundo”, como a Cidade do México, São Paulo, e as cidades asiáticas e africanas que não param de crescer, os caos urbano se mistura com uma violência extraordinária e uma pobreza sem limites, além da poluição, que atinge nestas cidades limites as vezes intoleráveis.

Certamente, é necessário, é de grande urgência, um grande projeto urbanístico para modificar a situação destas grandes cidades, que caminham a grandes passos para o caos urbano. Para que o projeto urbanístico dê resultados, a primeira exigência é acabar com a miséria, garantindo a todos os seres humanos uma vida digna.

Le Corbusier esboçou em seus estudos como será a “cidade-campo” que surgirá no novo milênio, ela eliminará as diferenças entre a cidade e o campo, isso distribuirá de forma melhor a população pela terra, e garantirá um modo de vida muito melhor do que o atual.

Corbusier dá o exemplo de um módulo, de um edifício em que podem morar umas 2000 pessoas, como se fosse um bairro, ele ocuparia uma pequena área, e deve ser auto-suficiente, teria supermercado, escola, drogaria, postos de atendimento, e outros serviços, ao redor dele estará uma área verde, já que este edifício ocuparia uma área 1/10 menor que a do bairro com o mesmo número de pessoas, os restantes 9/10 seria ocupada por área verde.

Através de estradas e da informação o módulo da cidade-campo estaria interligado a outros módulos, Corbusier imaginou a libertação total da superfície, o edifício na teria térreo, iniciaria no 1o andar, se levantariam do solo colunas que sustentariam o edifício, assim, o transeunte poderá passar por baixo dos edifícios, em vez de contorná-los.

Ele também visualizou a solução de outro grande problema da cidade, o dos pedestres e dos carros, imaginou as ruas deslocadas para cima, ou seja, em estradas que passariam a alguns metros acima do solo, enquanto os pedestres passariam por baixo delas, sem nunca se encontrarem com carros e sem nenhuma possibilidade, enfim, de serem atropelados.

Para a maior independência do módulo, seus habitantes teriam que trabalhar nas proximidades, ou dentro dele mesmo, a tendência de se trabalhar em casa, que aumenta cada vez mais devido a internet e outras facilidades, ajudaria neste desenvolvimento.

Apesar de parecer ainda inviável, muitas das ideias renovadoras de Corbusier já podem ser colocadas em prática, mas o que as esbarra são a falta de vontade política, o interesse financeiro nas áreas urbanas (a valorização de lugares com a centralização urbana) e o capitalismo sem nenhuma preocupação social ou ecológica.

Afinal, cidades integradas a natureza nos levariam a uma vida muito mais harmoniosa e feliz, e não é isso que todos buscam em seu íntimo?

Hoje a natureza está sendo agredida e destruída pelo implacável capitalismo moderno, se não invertermos este quadro, em breve será tarde demais...

A arquitetura e a paisagem devem estar integradas a natureza, observando o clima local para sua construção e organização, o homem deve estar integrado a natureza, deve deixar de existir a separação nítida e equivocada entre a cidade e o campo, surgindo a cidade da NOVA ERA : A CIDADE-CAMPO.

2 . Feng Shui e a nova harmonização com a Natureza

Relacionado ao taoísmo, o Feng Shui trabalha com a energia (chi), que consiste na força interior invisível que pulsa de todas as coisas vivas, proporcionando vitalidade e movimento.

Esta energia flui no espaço para os meridianos, que podem estar obstruídos ou libertados conforme o posicionamento das construções, móveis e objetos.

A tradição chinesa nos ensina que “o corpo é veículo para o chi” e, por isso, todos os elementos que compõem o organismo, como sangue, o sistema linfático, nervoso e o esqueleto estão sujeitos a esta energia, que o alimenta pelo corpo vital ou energético.

Além de fluir pelos corpos, o chi flui também para dentro da terra e em toda estrutura de nossas casas, para organizar uma casa segundo a energia do chi, devemos usar o bábua, e estudar o significado de cada um das cores no ambiente , e também buscar a integração com a natureza e a organização em si.

Em muitos lugares, as pessoas lutam pela nova urbanização: lutam pela arborização, na manutenção das áreas florestais, na construção de novas casas ecológicas e integradas a natureza (neste caso a observação do meio ambiente e a adequação da arquitetura a ele permite muita economia, como por exemplo, edifícios com muitas janelas e ventilação em áreas tropicais, em vez das fachadas de vidro).

3. A casa de Deus e as pirâmides do Egito

Desde a casa do homem até a casa de Deus, os princípios da ARQUITETURA universal são os mesmos, na antiguidade estes princípios eram vividos, e as colunas da antiga Grécia refletiam a sabedoria dos seus deuses tal como as pirâmides do Egito

As pirâmides do Egito são as únicas maravilhas do mundo antigo que ainda persistem e ainda por ser vistas, a pirâmide de Queóps, por exemplo, está cheia de medidas astronômicas, matemáticas, e místicas, como é o caso do número PI, ela seria um receptáculo de ENERGIA CÓSMICA, por isto esta forma era usada como última morada dos faraós.

No México e até na China se podem encontrar pirâmides, como no caso da misteriosa cidade de Teotihuacan, no México, e suas três pirâmides: a pirâmide do Sol, da Lua e do Deus

Serpente-Pássaro (Quetzalcoaltz), seria interessante contemplar estes monumentos ao sagrado, envoltos em mistérios, de civilizações perdidas.

O maior monumento arquitetônico do passado, porém, a muralha da China, que pode ser vista do espaço.

As catedrais góticas possuem, por sua vez, também medidas astronômicas, matemáticas e esotéricas fantásticas, tantas que poderíamos encher o livro explicando-as, como o fez o alquimista FULCANELLI em seu livro AS CATEDRAIS FILOSÓFICAS.

Porém, iremos resumir neste tratado afirmando que elas, como tudo, são reflexos onde devemos mirar o nosso próprio Universo Interior, são iguais a caverna que Leonardo da Vinci, reflexos do nosso templo interior, nosso coração, os vórcices de energia dos chacras, e nossa alma.

4. A nossa casa, o nosso lar

Dentro de nossas casas, podemos criar ambientes propícios a felicidade e a alegria, com cores leves, organização, flores, quadros de arte objetiva, esculturas, etc.

O amor deve circular em nossos lares, em nossas cidades, e este amor tem seu reflexo exterior no culto a beleza, tão comum entre os povos antigos.

Que nossas casas, edifícios e templos reflitam o anelo de ser um com a natureza e com Deus, igual a flor que abre suas pétalas num campo florido.

O amor, a energia da harmonia, a organização, as cores suaves e belas, o verde do paisagismo, a luz solar adentrando e iluminando os interiores, tudo deve colaborar para alegrar a arquitetura interior de nosso Ser, refletida na casa e em todos os ambientes que vivemos.

CAPÍTULO CATORZE – A ESCULTURA

Chegamos, em nossa piano cósmico, a escultura, arte já muito discutida desde a antiguidade, pelas suas limitações e pelas suas possibilidades.

A escultura é a criação de um volume que mostra algo da vida e da expressão do ser humano, já foi o tempo em que se considerava esculturas apenas as estátuas de forma humano ou animal, também são esculturas qualquer forma criada tridimensionalmente, seja por acréscimo, como ocorre com a argila, por exemplo, ou por decréscimo, como ocorre com o mármore ou a talha em madeira.

Existe a escultura artesanal feita pelo artesão, que cria vasos, porcelanas, utensílios domésticos, móveis, e outras coisas úteis ao dia a dia; não podemos desconsiderar tal artesão, nem substituí-lo pela produção industrial, pois desta forma tudo seria criado sem vida e sem originalidade, devemos combinar arte e ciência como propôs primeiramente Willian Morris, e depois continuaram os criadores do design moderno.

1. Diferenças entre a escultura e a pintura

A escultura possui vantagens quando a comparamos a pintura, mas também possui desvantagens. Sua vantagem é que permite a visão tridimensional da obra de arte, podemos circular ao redor dela e vê-la de todos os ângulos, dando maior ideia de realidade, suas

desvantagens consistem primeiramente em poder retratar apenas um objeto limitado, enquanto a pintura pode mostrar uma paisagem ou uma cena irreal ...

Quanto a persistência, como a escultura pode ser feita de materiais bem mais duráveis do que a pintura, ela dura muito mais na natureza, assim, enquanto toda a pintura da antiguidade, tirando alguns raríssimos casos, como das cidades soterradas pelo Vesúvio, se perdeu completamente, a escultura antiga, embora enterrada nos escombros das cidades antigas, pode ser redescoberta e foi uma das grandes propulsoras para que o Renascimento artístico ocorresse primeiramente na Itália, onde se encontravam mais claramente as marcas da antiguidade.

Porém, para cada 10 pintores, haverá apenas um escultor, e isso não se deve ao talento ou de diferença entre as artes, mas sim porque a escultura exige materiais muito mais caros que a pintura, assim, para pintar um quadro de dois metros quadrados, o pintor exigirá um custo , além de ser relativamente fácil de transportar; já uma estátua do mesmo tamanho em pedra será bem mais cara, e também será muito mais difícil para se transportar, o pintor pode cortar a tela e enrolar embaixo do braço, levando-a na rua, mas o escultor já não pode fazer o mesmo com sua estátua.

Consideradas estas diferenças, vamos ver o valor da escultura em nossas vidas.

2. A Importância da escultura - Michelangelo

Nos templos da Grécia os deuses eram representados por estátuas, a beleza ideal era representada desta forma, o escultor era visto como um criador, no sentido mais completo da palavra, assim, podemos compreender porque Deus modelou o homem da Terra, criando-o, Ele era o primeiro escultor, e a escultura dava vida as formas antes mortas: a argila, ou da pedra.

Num mito grego, um escultor, ao esculpir uma estátua de Vênus, ficou extremamente enamorado de sua criação, ao terminá-la foi dormir entristecido, Vênus, compadecida, deu vida a estátua, e esta se torna a esposa de seu criador, está e o mito de Galateia.

Maravilhoso mito, de profundos significados íntimos...

Somente “O AMOR CRIA E VOLTA A CRIAR”, como nos ensina o sábio Samael, se criamos belas obras de artes, elas irão retornar a nós, transformando-nos em belos seres.

Ocorreu que, quando o grande Michelangelo terminou de esculpir seu Moisés, ele gritou para a estátua: FALA ! , e golpeou seu joelho para ver se ela gritava ; isso coloca as claras que a escultura é criar vida.

Era assim mesmo que Michelangelo a nomeava, falava que dentro do mármore estavam adormecidas as figuras que ele deveria despertar com seu cinzel, assim o artista da vida ao seu trabalho, ele vibra com o conhecimento que quer transmitir em sua obra: o que nos diz os belos deuses gregos, com seus corpos perfeitos expressando suas almas virtuosas?

O que nos dizem o Moisés poderoso, o grande MESTRE DESPERTO que tem poderes sobre a VIDA e a MORTE, sobre todos os ELEMENTOS da natureza; ou David enérgico, é aquele que elimina seu Golias interior, seu ego enorme e monstruoso com a pedra da FORÇA e da TRANSMUTAÇÃO, ou ainda a PIETÁ em seu silêncio doloroso? Nossa MÃE DIVINA, nossa MÃE íntima, MARIA , jamais nos abandona...

Todas estas obras de Michelangelo vibram pela eternidade com ensinamentos gnósticos, quem se concentrar nelas e REFLETIR encontrará aí um maná quase inesgotável.

3. Bernini, Aleijadinho e Rodin

Bernini, o grande escultor das fontes romanas, construtor do inacreditável baldaquim papal, que flutua como por encanto com suas colunas tortas, um século depois de Michelangelo, também deu vida ao mármore, combinando o sagrado e o profano numa profusão de movimentos inacreditáveis da arte barroca.

Realizou no Êxtase de Santa Tereza algo per si mesmo impossível: uma escultura plena de mistério e êxtase, a flecha do anjo que fere o coração da santa provoca nela um gozo claramente sexual, mas ao mesmo tempo tremendamente espiritual, como isto é possível!? Aqueles que conhecem O CAMINHO bem sabem o porquê!

Aleijadinho, em Minas Gerais, conseguiu expressar nos seus DOZE PROFETAS, por volta de 1800, todo o mistério profético que antes Michelangelo expressara nas poderosas figuras da Capela Sixtina, os profetas de pedra-sabão em Congonhas do Campos mostram ao mesmo tempo a angústia com o sofrimento humano e o poder sobrenatural da vidência.

Mais do que isso, Aleijadinho, na sua paixão pela arte, na construção das igrejas de Ouro Preto e outras cidades mineiras, sofreu o indizível, perdendo aos poucos os movimentos das mãos e por fim perdendo partes de seus dedos, teve que terminar suas obras-primas prendendo o martelo ao punho, tão grande que era seu amor pela arte.

Por fim, na Europa, Rodin transmitiu em seu PENSADOR todas as angústias humanas: é o próprio Dante Alighieri que Rodin esculpiu, preocupado com o destino dos seres humanos, suas visões do inferno, a escultura de Rodin atingiu tal perfeição que ele foi acusado de usar cadáveres humanos para preparar os moldes de gesso, que depois seriam usados para formar suas esculturas de bronze.

Dele também é o divino O BEIJO, uma escultura que, para a descrever, nos escapam as palavras, de tão bela que se faz...

Mancha a sua obra, porém, seu caso turbulento com a escultora Camile Claudel, que, entre a genialidade a loucura, abandonada por seu professor e mestre, destruiu grande parte de sua fantástica obra e acabou sozinha e quase esquecida, para ser lembrada hoje como uma grande mulher e uma sublime artista.

4. Bodhisatvas orientais e templos tântricos

No oriente, os bodhisatvas da arte budista transmitem uma realidade que deve ser contemplada e compreendida através da Intuição, que é o último dos três Is, após contemplar (IMAGINAÇÃO), refletir (INSPIRAÇÃO), ela (A INTUIÇÃO) advém em nós como um raio que desce do infinito.

Contemplemos os bodhisatva compassivos com seus olhares reflexivos, as divinas dakinis seminuas, com seus corpos sagrados, que se desenvolveram plenamente na escolas

indianas de arte; na idade média indiana, porém, por volta de 800 depois de Cristo, o erotismo chegou a um grau máximo de exagero, em templos construídos em muralhas de pedra, como Khajuraho, ele chega a ser a segunda atração da Índia, após o maravilhoso Taj Mahal, porém em muitas destas esculturas se encontram posições tântricas desaconselháveis, que depois foram propagadas no ocidente pelo livro chamado Kama Sutra.

5. Beleza gera beleza

Todas estas obras transmitem uma realidade que deve ser contemplada e compreendida através da intuição, através do REFLETIR, do EMOCIONAL SUPERIOR.

A chave é o personagem, a sua história, no caso de David, por exemplo, sabemos que ele irá matar Golias, e, portanto, seu olhar enérgico e para enfrentar esse terrível inimigo, vencê-lo em nome de Deus, assim, David que é um menino, se torna um gigante, e isso representa a luta do nosso Ser, de nossa parte divina, contra os Golias da maldade e egoísmo que levamos dentro de nós, os quais devemos eliminar de forma radical e absoluta.

Observar, contemplar e refletir sobre as obras maravilhosas de Fídias, Mirón, Donatello, Michelangelo, Bernini, Canova, Rodin e outros, devemos apartar nos das obras desagradáveis aos olhos e aquelas que não entregam a chave para sua compreensão, estas obras são geradas por ideias subjetivas do autor, e ninguém entende o que elas significam.

A beleza das estátuas tem uma função fundamental, assim como a bondade gera mais bondade, e o bem que fazemos aos outros nos volta em bem.

A beleza das estátuas gera a beleza dos seres humanos, muitos casos mostram que pais feíssimos, mas que viviam rodeados de belas obras de arte, geraram filhos belíssimos, muitas vezes parecidos com as estátuas, e isso se devia a contemplação destas estátuas pelas futuras mães, enquanto gestantes, eis o grande mistério da geração.

Quem quiser investigar mais profundamente os mistérios da criação, o livro O MISTÉRIO DO ÁUREO FLORESCER de Samael Aun Weor elucida todas estas questões inquietantes.

Apenas é mais que natural que, em nossa época onde impera o tremendo mau gosto, onde dominam as aberrações artísticas, pichações, esculturas feitas com excrementos humanos e com sangue animal, e até, na degeneração das degenerações, já tenha surgido um escultor que usa cadáveres cortados como “escultura”.

E apenas natural, desta forma, numa época de horrenda degeneração artística, que surjam aberrações humanas, isto é normal neste estado de degeneração.

Portanto, se anelamos melhorar a nós mesmos, busquemos incessantemente uma arte também espiritualizada que influirá positivamente em nossa psique, nos tornando mais belos.

Criando esculturas belas, as contemplando e procurando compreendê-las, vendo que a beleza de seus corpos expressam a beleza da alma, é suas formas são ilusória, mero reflexos de uma realidade interior, veremos como a escultura enriquece enormemente a nossa vida.

CAPÍTULO QUINZE – A PINTURA E O DESENHO

“A pintura é algo mental” disse o iluminado da Vinci, e devemos concordar com esta máxima do sábio florentino, pois tanto numa tela branca, como numa parede, a pintura permite que nossas imagens interiores se cristalizem; lembremos que a forma, que a matéria e a energia apenas são veículos para a verdadeira realidade da arte: os sentimentos e os nossos pensamentos, desta forma, a pintura é algo absolutamente mental.

A pintura está bem no meio do nosso “piano cósmico”, e portanto permite-nos refletir que permite em si tanto a Universalidade (o sentir) como também a Individualidade (o refletir).

O artista objetivo procura sempre atingir as pessoas, em primeiro lugar o universo sócio-cultural que faz parte, e a partir daí para a universalidade; assim ele possui um contexto cultural, de época, religião e meio que o influencia, mas que não o determina ou limita.

Pois a universalidade se reflete além do tempo e do espaço, assim civilizações destruídas e que remontam a um passado distante ainda vibram em suas obras de arte, mais comuns na escultura e restos arquitetônicos do que da pintura, devido, é obvio, a maior durabilidade da pedra em relação ao tecido, porém existem exceções, tal como as intocadas pinturas murais de Pompeia, na Itália, ou as pinturas da caverna de Ajanta, na Índia.

1. Os mistérios de Dionísio em Pompeia e os murais de Ajanta

Os mistérios dionisiacos em Pompeia são maravilhosos, figuras de tamanho quase humano despontam das paredes da casa sobre um vermelho vivo, infelizmente o significado dos símbolos se perdeu, mas podem ser captados intuitivamente através da emoção superior (o sentir), também as pinturas de Ajanta estão fora do nosso universo cultural, o que dificulta a interpretação, mas a partir de um pouco de reflexão permite-nos abrir algumas chaves.

Os mistérios dionísicos, com suas figuras em fundo ígneo, momentos antes do casamento sagrado, representam com maestria os milenares mistérios da alquimia e do amor...

Dioniso é um deus amoroso e são celebradas as bodas místicas, vemos dançarinas, a noiva e outras figuras numa energia explosiva.

Em Ajanta, na Índia dos guptas, nos murais do templo esculpido no interior do rochedo, se revelam figuras de homens e mulheres, muitas vezes desnudos, que expressam virtudes espirituais em seus corpos perfeitos, assim, por trás de lugares tão distantes encontramos temas semelhantes, cósmicos e internos do homem:

A celebração do amor, a busca da perfeição e de si mesmo, o corpo expressando o ser e os sentimentos elevados, e assim por diante ...

1. A ONDA CÓSMICA

Se compreendemos que o exterior muda, mas que o interior da arte objetiva é sempre o mesmo, como as bandeiras dos países: sempre diferentes, mas que significam a pátria; ou as religiões, tão diferentes a primeira vista, mas que sempre pregam a busca das virtudes e do amor ao próximo, veremos as semelhanças internas.

O sorriso de Mona Lisa e o sorriso do bodhisatva do loto azul em Ajanta, com uma distância de mais de 1000 anos entre si e de milhares de quilômetros, representam o sorriso do “mistério”, do “indecifrável”.

As três pirâmides do Egito, a de Queóps, de Quéfren e de Miquerinos, organizadas uma ao lado da outra, de forma semelhante as três pirâmides do México antigo, na cidade de Teotihuacán (A cidade dos deuses): a pirâmide do Sol, da Lua e a do deus Quetzacoaltz (A serpente emplumada).

Existem muitos exemplos, pois apesar das formas diferentes, o conhecimento que permite o homem alcançar sua auto-realização sempre é o mesmo, se compreendessem isso os europeus não teriam ficado tão atônitos ao verem tantas cruces pregadas nas cidades maias, este era o símbolo sagrado de Quetzacoaltz, o Cristo Mexicano .

Podemos afirmar que numa mesma época, em lugares diversos, indivíduos sensíveis percebem as “vibrações” que modificam a humanidade e se antecipam a elas, e mais do que isso, trabalham como se fossem células de um mesmo ser.

A esta VIBRAÇÃO Universal chamaremos de ONDA CÓSMICA.

Essas “ondas” explicariam os renascimentos sucessivos, o surgimento de tantos gênios da arte, ciência, filosofia e mística ao mesmo tempo .

Esse é um fato importante, e podemos compreender isso pelos dias atuais, onde tanta gente diferente tem a ânsia de modificar o mundo e de resgatar os valores humanos que se acham perdidos, como a compaixão, a sinceridade e a fidelidade.

Novos gênios surgirão, novos renascimentos, um novo despertar, pois agora é a hora de uma nova onda, revolucionária da Era de Aquário, poucos a sentem hoje, mas no futuro os seus efeitos se sentirão em toda a humanidade.

3. Desenho e Pintura – Tintoretto e a União Cósmica

Se a pintura fosse um edifício, o desenho seria seu alicerce, e talvez até o andar térreo. Desta forma, para o pintor, é indispensável o domínio do desenho.

Este pensamento permeava a arte de Tintoretto, o qual, aproveitando o desenho anatomicamente e emocionalmente perfeito de Michelangelo e a cor resplandecente e vibrante de Ticiano, criou seu estilo cheio de raios e energia, com um desenho apuradamente psicológico, onde cada movimento expressa um sentimento.

Na sua Última Ceia, Cristo e os apóstolos refletem uma luz mística que preenche todo o ambiente, esta luz vibra a partir de suas auras, áureos círculos na escuridão, somente contemplando esta obra saberão o que digo, usando a prática ensinada em capítulos anteriores: é como estar dentro da ceia, ser um dos seus convidados para o banquete divino, comungar com o Cristo e se unir a todo o Universo, é a mesma sensação que temos quando contemplamos o céu estrelado e límpido e queremos abraçar as estrelas sem fim.

Uma vez, uma única vez, fui transportado a ver um céu assim, tão puro e belo, deitado no alto de uma colina, contemplei juntamente com uma grande amiga este céu, estava perto da linha do equador, onde o céu é mais límpido e brilhante, eu estava no Tocantins, e, contei com ela as estrelas cadentes que surgiam...

Quem vivencia estes momentos, busca ser um com o Universo e arte que o expressa nunca mais será o mesmo, tudo muda, se abre as portas para ver todos os cosmos dentro de si mesmos.

Eu posso afirmar de mim mesmo, do brilho das estrelas da noite, das auras da Última Ceia divina de Tintoretto, com raios fulgurantes igual a astros, posso afirmar com todos os meus átomos: jamais! Jamais esquecerei! A felicidade plena de sentir um com o TODO.

Contemplar, Refletir e Comungar, eis os três passos para a grande união cósmica, da qual advém a verdadeira felicidade .

4. Gustav Doré e a Divina Comédia – O DESENHO

O desenho por si mesmo é uma arte, desenvolvida plenamente na gravura, o desenho permite a cristalização da imaginação e a preparação para a etapa plástica da pintura, realmente, a pintura necessita do desenho, porém o desenho já é uma arte por si mesmo.

A gravura de Doré, por exemplo, o grande ilustrador do século XIX, é magnífica, é tão impressionante como o que ilustrou: suas ilustrações da Divina Comédia, obra universal do florentino Dante Alighieri nos levam a trilhar, junto com o poeta, que é o personagem principal de sua própria epopeia, e Virgílio, seu mestre-guia nesta viagem, os sofrimentos terríveis do inferno, o fogo ardendo, os condenados gritando e sendo flagelados, o cortar de membros, o ranger de dentes, o demônio devorador ...

A esperança surge a medida que sobem à ilha do paraíso, de pena a pena se elevando e chegando ao paraíso terrestre, e, por fim, após encontrar com sua beatífica Beatriz, sob aos céus maravilhado com seus anjos, santos, luzes, sons, e Deus que brilha como um Sol no centro de uma enorme rosa celeste de anjos, que giram para todos os lados em seu louvor, e no último canto de seu livro um maravilhoso hino a magnífica Virgem que nos protege a todos, nossa amada MÃE DIVINA, tudo isso é ilustrado e sentido profundamente por Gustav Doré.

Doré também ilustrou a Bíblia e outros livros, além de ilustrações críticas do mundo ao seu redor, poderíamos dessa forma afirmar que Doré foi um Victor Hugo da gravura, ao mesmo tempo em que mostrava o divino, criticava as injustiças humanas.

5. Durer e sua A Melancolia

A gravura se tornou uma arte a partir dos manuscritos da Idade Média, as Bíblias ganhavam valor com suas Iluminuras, cheias de cor e vida .

Depois, com o advento da imprensa, em boa hora inventada por Gutemberg no século XV, foi possível reproduzir em centenas ou milhares as gravuras dos artistas, um dos primeiros a se usar disso foi o inteligentíssimo Durer, o Leonardo da Vinci do norte europeu.

A ânsia do artista, tão comum a quem busca a ARTE OBJETIVA E UNIVERSAL, de anular a si mesmo para se tornar um SER UNIVERSAL, é muito bem demonstrada pela gravura que Durer realizou chamada Melancolia, esta Melancolia representa a própria humanidade madura, com asas para voar alto.

Sentada na mesma posição do Pensador de Rodin, ela segura em suas mãos o compasso, símbolo do cálculo, pelo qual a ciência conquistaria o mundo. À sua volta, encontram-se todos os emblemas do trabalho em construção: o serrote, a plaina, balanças, pinças, um martelo, um cadinho de fusão e dois elementos de geometria: o poliedro e a esfera.

Mas, todos estes artefatos de construção se encontram abandonados. E ela reflete em toda a futilidade do esforço humano, com um olhar perturbado e obsessivo.

Pinteí também uma Melancolia, triste e perturbadora igual a de Durer, e pincelei em versos sua tristeza e contemplação do pôr-do-sol que queima sobre um mar infindo:

(...)

"Por que me chamas, oh Sol que queimas!?
A Mergulhar nas águas infindas
nuvens douradas na enseada da vida
tenho asas e não posso voar
pelas nuvens, meu verdadeiro lar
estou preso ao chão, a terra.

Fui anjo, mas vivi de quimeras
igual Ícaro mergulhei em procelas
derreti minha cera, me afoguei em paixões
afundei nas trevas, desesperado, perdido
Gritei, clamei a luz, e nada, nada...

Me destes as ciências, as artes e a vida
mas que tédio me invade, oh morte!
Melhor me atirar ao abismo
do que ter tudo e não poder ao menos voar
entre as nuvens, meu lar
minha verdadeira terra."

Esta melancolia mostra o homem, ser de asas cortadas, com tantos instrumentos porém... do que adianta, se lhe falta a liberdade para voar?

O homem deve se reconstruir a semelhança do Cristo, assim nos mostram os auto-retratos de Durer.

Ele se auto-retratou de uma forma Crística, seus auto-retratos lembram o próprio Cristo, longe de ser uma blasfêmia, representava o verdadeiro anelo do artista de imitar o Cristo e todos os seus ensinamentos.

6. Os Caprichos de Goya

Pulando duzentos anos para a frente de Durer , muito antes da psicanálise de Sigmund Freud nos falar que o ser humano é um ser inconsciente e que não controla seus próprios atos, outros grande artista e pintor se deteve para mostrar o interior humano, não falo de outro a não ser o magnífico espanhol Goya.

Os Caprichos de Goya (1799), e os seus Disparates, e as Cenas de Guerra e de Tourada mostraram uma humanidade terrivelmente perversa e egoísta, cheia de terríveis medos e fobias, de opressão e violência com os próximos; as visões fantasmagóricas de Goya mostram uma humanidade fria e sem compaixão, que ainda é, infelizmente, o retrato fiel de nossa civilização.

Muito me surpreendi ao me encontrar com estas gravuras de Goya, em 1995, na Bienal de São Paulo, nunca antes a crueldade da humanidade foi representada de forma tão clara e precisa: eu vi os homens sendo depenados por prostitutas que lhe tiravam tudo como frangos, bruxas cortando os membros de criancinhas para seu Sabat negro, corpos decepados e mutilados na guerra, coisas horríveis de se escrever, se não estivesse preparado, se já não conhecesse a gnose (o auto-conhecimento) sairia da exposição gritando com tanto horror.

7. O meu desenho do DESPERTAR

A partir do século XIX o desenho se tornaria a base para novas artes que surgiam, como o desenho industrial, os quadrinhos e a animação, que veremos em outra capítulo

A gravura , em minha arte, tem papel fundamental, realizei gravuras que expressam o sofrimento diante do adormecimento humano, como a Rua Movimentada I (1993), onde os seres humanos andam como sonâmbulos numa rua tristemente escurecida, ou círculos de aura e raios como em Aura Áurea , Nova Era ou O Despertar (1998).

O Despertar é “um rosto sensual de uma mulher de cabelos esvoaçantes, mas a medida que o (seu) brilho começa a se transbordar essa realidade aparentemente física dá lugar ao traço psicológico, uma sensação de eternidade, a abertura de um olho na testa, raios se lançando deste olho ao infinito, um triângulo equilátero voando sobre este rosto sensual e místico, sem expressão e portanto tão expressivo.” Foi desta forma que descrevi este desenho, a primeira obra minha que ganhou um prêmio, a um jornal de minha cidade Natal.

8. A Pintura – Van Ecky e o casal Arnolfini - CONCENTRAÇÃO

Já foram tantos os exemplos de pintura, que a nós aqui, basta uma recapitulação e ampliação sobre esta arte .

Todos os povos antigos desenvolveram a pintura, mas, tirando alguns raros casos já vistos, tudo se perdeu . Um povo que conservou suas pinturas de forma excepcional foram os Egípcios .

No Renascimento a pintura deu um salto para o domínio da realidade física, Jan van Ecky (1390-1441) , no início do século XV, foi o primeiro a usar a técnica óleo, este gênio não apenas descobriu esta técnica revolucionária, mas também conseguiu pintar seus quadros com um detalhismo impressionante, sendo necessário observar seus detalhes menores com lupa, pois são invisíveis ao olho nu.

Para mostrar o domínio da realidade física, combinada com as ideias e sentimentos internos, e o conhecimento que deve animar uma obra, convém a análise do quadro O Casal Arnolfini de van Ecky, para este estudo devemos nos concentrar no quadro referido, como já foi ensinado no capítulo oito.

Concentração no quadro

Podemos ver como a luz que penetra pela janela difunde-se suavemente por todo o ambiente, neste quarto está um casal (o casal Arnolfini), ele, fazendo um gesto suave, segura a mão dela, enquanto esta coloca sua mão suavemente sobre a barriga, este quadro, cheio de sutilezas, tem significados e detalhes que só são captados por um atento observador, no fundo, no espelho, observamos o casal de costas e, na porta, um par de testemunhas, a partir deste fato podemos compreender o que está ocorrendo: é um casamento, sendo naquela época necessário apenas duas testemunhas, lá estão elas, aparentemente invisíveis mas mostradas através do espelho. Podemos observar uma via crucis completa na moldura do espelho, a rugosidade da laranja na janela, o cachorrinho nos olhando, a única vela acesa no candelabro, e muitos outros detalhes nos quais devemos “refletir” e “sentir”, como com muitos outros pintores, dos quais já falamos ou iremos falar.

A pintura é uma vasto universo, mas, por ora, basta-nos “mergulhar” intensamente num quadro objetivo.

CAPÍTULO DEZESSEIS – A EXPRESSÃO CORPORAL E A DANÇA

Já vimos como o corpo deve expressar o Ser, e não ser dominado pelos defeitos que nos fazem adormecer profundamente a Consciência.

O corpo, em si, é um objeto de arte intensamente vasto.

Não apenas no que é rotulado como arte, tal como na dança, nos gestos teatrais, na mímica, ou em outras artes corporais, o corpo expressa a arte, mas também, e principalmente em todas as atividades diárias.

A expressão corporal se reflete na maneira de andar, nos nossos gestos, no modo de sentar e nas ações mais banais do dia a dia que muitas vezes ignoramos.

Lembremo-nos que a Arte não é feita de coisas grandes, mas de coisas pequenas e diárias, assim, uma flor em casa e a arrumação ordenada e equilibrada, e essencial, os objetos luminosos, a organização e a natureza equilibram o ambiente.

Assim também, o nosso corpo, veículo para a nossa vida, é fundamental. Devemos saber expressar beleza em todos os nossos movimentos, lembremos que o corpo humano, criado por Deus, é uma obra de arte per si.

1. A Arte do andar

Tudo que devemos fazer, deve ser concentrado no que estamos fazendo, portanto devemos aprender as artes mais difíceis, que são justamente as mais simples: a arte do andar, do olhar e do escutar.

Krishnamurti, o grande professor espiritual que se recusou a ter discípulos e seguidores que o idolatrassem, mas que “Todos os que queiram compreender-me sejam livres, não para me seguir, não para fazer de mim uma gaiola que se torne uma religião, uma seita. Deverão, antes, estar livres de todos os temores – do medo da religião, do medo da salvação, do medo da morte, do medo da própria vida”

Krishnamurti, em suas palestras, procurou mostrar que as coisas mais simples são as mais difíceis: quando andamos não prestamos atenção em nossos próprios passos, vamos pensando no que faremos amanhã ou no que ocorreu ontem, quando alguém nos fala, não prestamos atenção nas palavras, mas sim já colocamos interpretações e vemos se concordamos ou não com o que a pessoa diz.

Devemos buscar nos auto-conhecer, compreender que cada pensamento e cada sentimento não vem do nosso Ser, e sim dos múltiplos defeitos e egoísmos que temos dentro: meus interesses, minha família, meu emprego, minha inteligência, meu dom, meus sentimentos, minhas ideias. Tudo isso deve ser eliminado, pois não há como atingir o Ser sem eliminar o eu .

Quando andamos, devemos apenas andar, quando comemos, devemos apenas comer, quando dançamos, devemos apenas dançar, todas as reações internas devem ser eliminadas, então o Ser poderá se manifestar e naturalmente as ações se tornarão harmoniosas.

Deixaremos de ser patetas que tropeçam por aí, que não sabe onde colocou a chave, ou que faz tudo apressado pensando em outra coisa que tem que fazer e estraga tudo. Seremos conscientes se, ao andarmos, apenas andarmos, e não deixarmos enredar nenhum pensamento em nossa personalidade egóica.

2. Gesticulação

A arte dos gestos é um complemento importante para o teatro, a ópera e até para os oradores. É interessante notar o quanto se fala com um simples gestos.

É interessante notar que, quando um orador está empolgado, os gestos de suas mãos reforçam as ideias que ele quer passar. E mesmo quando é um orador refinado, com gestos suaves, estes tendem a uma sincronia com o que está falando.

Um mestre, um Ser Desperto, com apenas um gesto entrega um enorme conhecimento, infelizmente os seres adormecidos não podem perceber nada disso. O pior é que com um olhar podem matar ao seu próximo, pois o ódio e as paixões dominam e controlam a máquina humana como a um robô, como a um marionete tolo e sem controle.

Um gesto de um grande Mestre ensina muito a quem está preparado , dizem que um dia Brahma, senhor da criação, ofereceu a Buda uma flor e pediu-lhe para pregar o Dharma. Quando Buda levantou a flor, sua audiência estava confusa, exceto Kashyapa, que sorriu.

Este havia compreendido o significado profundo deste simples gesto, e foi assim, dizem, que o ensinamento zen iniciou a ser transmitido : com uma flor, com uma parede de pedra, com um grito , gestos de um profundo significado

3. A Dança Cósmica

Desde tempos antiquíssimos, a dança expressa grandes conhecimentos, e o ser humano que entra em harmonia com um ritmo cósmico, ditado pela música que se escuta.

A dança indiana clássica segue cânones extremamente rígidos, onde cada gesto e movimento tem um significado, é claro que não podemos ser intelectuais, ratos de biblioteca, devemos desenvolver nossa intuição e compreenderemos cada gesto e movimento com este maravilhoso sentido interno.

A dança folclórica, o balé clássico, as valsas, tudo isto soa maravilhoso, já os ritmos violentos, com batidas infernais e com músicas de duplo sentido, cheias de lascívia, devem ser evitadas, pois estimulam as baixas paixões e a violência.

O próprio Universo realiza uma dança cósmica, como a dança de Shiva, semelhante a Via Láctea com seus quatro braços espirais, que giram ao redor do seu centro .

A dança era praticada em todos os rituais dos templos antigos, no Egito, nos mistérios dionísicos, na Grécia, na Índia, e na Mesoamérica, entre muitos outros lugares e povos, como ocorreu entre os sufis.

4. A dança dos Sufis

A dança é um elemento fundamental no Islã. Para os mulçumanos, a base da movimentação rítmica é ensinar o corpo a sintonizar-se ao coração...

O profeta Maomé ensinou da seguinte forma: “Aquele que conhece a si mesmo conhece ao seu senhor” . Se deixarmos a mente de lado, com suas teorias, e escutarmos a música sagrada e nos deixarmos levar pelo coração, se manifesta em nós um êxtase infável, um AMOR TRANSCEDENTAL, e uma certeza e sabedoria que nos faz guiar pela voz que vem do nosso íntimo.

No esoterismo nos ensinam que dentro de nosso coração existe um átomo, chamado átomo Nous, que nos faz sentir este êxtase indescritível, é um átomo divino dentro de nós.

Por meio da IMAGINAÇÃO, da INSPIRAÇÃO e da INTUIÇÃO, é que este átomo divino do Ser dança dentro de nós, e ele quer que dancemos.

Porque o átomo divino dentro de nós quer que dancemos?

Para imitarmos em nossa dança o nosso amado planeta Terra, o enorme ser vivo onde vivemos, também imitarmos o movimento do sistema solar, com os planetas girando ao redor do sol, como os elétrons ao redor do núcleo de qualquer átomo, ou os braços espiral de nossa Galáxia girando ao redor do centro da Galáxia com suas milhares e milhares de estrelas.

Enfim, Ele quer que nosso microcosmos emite todos os outros cosmos maiores, e entre em sintonia com o Universo e Deus...

Deus, como o sublime deus Shiva hindu, dança sim, ao redor do seu SAGRADO coração...

Por isto os súfis dançam ao redor, não do seu egoísmo, mas do Oásis de onde brota a ÁGUA da vida eterna, da LUZ interior, da Felicidade e do Êxtase genuíno, que é o nosso próprio coração.

CAPÍTULO DEZESSETE – A LITERATURA

Avançando mais um pouco nas notas de nosso piano cósmico, chegaremos, por fim, a oitava correspondente a literatura.

Certamente, como já vimos, as dificuldades para compreender uma obra literária são muito maiores do que de escutar uma música, pois enquanto a música exige apenas o sentir, já uma obra literária exige conhecimento não apenas da língua em que foi escrita, mas também a correta interpretação cultural da obra.

Assim sendo, mesmo conhecendo uma língua, como por exemplo, o italiano, não compreenderíamos o profundo significado da Divina Comédia se não soubermos o simbolismo que o escritor, neste caso, Dante, usou para descrever o seu Universo.

Na DIVINA COMÉDIA veremos, como ocorre comumente, serem escritos prólogos para explicar a vida, a época e o pensamento do escritor, para compreendermos melhor a obra que vamos em seguida ler.

Todos esses fatos não tornam a obra literária de menor valor, ao contrário, ela exige um tremendo esforço de imaginação, para visualizar os fatos narrados, e desenvolvimento da reflexão, ou seja, refletirmos sempre sobre o que o escritor quer nos contar.

O escritor objetivo sempre buscará, é claro, em sua obra, transmitir algum conhecimento, seja este sobre a divindade, sobre o próprio ser humano, ou criticar os erros da sociedade e os preconceitos de sua época.

Lembremos dos livros sagrados, das mensagens dos grandes mestres de todos os tempos que chegaram até nós através deles, muitas vezes nos falta a chave da reflexão para compreender o ensinamento que querem nos transmitir, assim lemos os livros superficialmente, não procurando compreendê-los e nem sequer praticá-los.

Podemos dividir a literatura em duas partes distintas, uma, dos livros didáticos, que procuram ensinar, e outra, dos livros que buscam imitar e compreender o movimento da vida, das pessoas, do mundo, este são os romances, as epopeias, as novelas, e outros gêneros de narração de histórias.

Ocorre usualmente que as duas tendências se combinem, assim um romance ou conto tem por fim último entregar um ensinamento as pessoas.

1. Livros sagrados da antiguidade

O Tao-te-King, o livro que revela a Deus, a coletânea de livros judaicos, evangelhos e epístolas cristãs que chamamos Bíblia, ou o Baghadavat – Gita são livros onde a divindade desce e procura ensinar o caminho ao homem, porém, não devemos lê-los ao pé da letra, devemos refletir, compreender o significado destes ensinamentos, para, logo em seguida, colocá-los em prática.

“ Aquele que se ergue às alturas sem desejo, enche de silêncio o coração.” Assim nos ensina o TAO-TE-KING.

A literatura como forma de descrever a realidade tem uma longa história, na Índia existiram o Ramayana e outras belas histórias, no Egito, China e outras civilizações foram escritas outras belas histórias. Porém, a nossa herança descende diretamente do grande poeta grego, que, segundo conta a lenda, andava de cidade em cidade narrando suas fantásticas histórias, este poeta, cego, era o grande Homero.

Suas obras , a Ilíada e a Odisseia, relatam, a primeira, a incrível guerra de Troia, e a segunda, a viagem titânica de Ulisses para retornar a sua terra natal e aos braços de sua fiel esposa .

Obras que brilham de conhecimentos esotéricos, de profundos significados psicológicos, de grande ensinamento, porém, o triste, o lamentável, é que as pessoas não refletem sobre todo este ensinamento, andam adormecidas e consideram estas histórias antigas como bonitos contos de fadas.

Na antiguidade muita coisa foi escrita, mas, infelizmente, fanáticos na Idade Média realizaram uma perseguição implacável aos escritos da antiguidade, por terem sido escritos por pagãos, não compreendendo que o conhecimento por trás das religiões é sempre o mesmo .

Fortuitamente, valorosos monges e eruditos salvaram vários livros da antiguidade, copiando-os e guardando em lugares seguros, até que, finalmente, outros valorosos homens divulgaram-nos durante o Renascimento.

Lamentável foi a destruição da biblioteca de Alexandria, verdadeiro farol de conhecimento da antiguidade, com seus centenas de milhares de livros, quanto conhecimento perdido ! O sultão que a queimou usou o seguinte argumento : “Se estes livros dizem algo que está fora do Alcorão, são inúteis ! Mas se disserem algo que já está no Alcorão. Também são inúteis !” Quanta ignorância ! E se pensarmos que no século XX e XXI muitos ainda são perseguidos por expressar o que pensavam ou sentiam? O Dr. Jivago na Rússia , os livros queimados nas fogueiras nazistas ...

2. Mitologia comparada e o ciclo arturiano

Os mitos dos povos antigos possuem enorme conhecimento, um grande avanço na compreensão disto foram os estudos de mitologia comparada, por Joseph Campbell e outros cientistas, observemos que todas os povos tem um mito do dilúvio, então ele realmente aconteceu, todos também tem o mito da grande Mãe Cósmica, e ela realmente existe! O

conhecimento sempre é o mesmo, o que muda é a maneira do homem explicá-lo, muda o símbolo com o qual ele é interpretado.

Na Idade Média, no ciclo arturiano o sagrado se revelou novamente, os antigos guerreiros da Ilíada, peças do tabuleiro na disputa dos deuses, valentes e destemidos contra os seus destinos, são substituídos pelos valentes cavaleiros da Tavola Redonda, Troia, Grécia, e as ilhas povoadas de deuses e monstros sedem lugar a magnífica Camelot, aos campos de batalha, e a mística ilha de Avalon; a busca da glória dos deuses é substituída pela demanda do Santo Graal, o cálice em que Cristo verteu seu sangue; novos heróis substituem os antigos, Lancelot, Merlin, Parsifal, o amor de Tristão e Isolda, o rei Artur, sua esposa Guinevere, sua meia-irmã Morgana, e a espada que lhe deu a dama do lago: Excalibur.

No fundo deste grande ciclo, como em muitos outros, está uma profunda análise do interior humano, do que nos somos, de nossos complexos, das nossas lutas, dos arquétipos universais, do bem e do mal, tudo isso na forma simbólica da história, a qual devemos refletir e compreender.

Artur representa o governante ideal, que luta contra suas paixões para se tornar digno de construir uma pátria de felicidade: Camelot. Quando queremos governar nossa vida com sabedoria e justiça, seremos Artur.

Merlin representa a busca do mistério, quando buscarmos as forças ocultas de nossa própria natureza e as controlarmos de forma sábia, seremos Merlin.

Parsifal representa a busca do Cristo, o amor universal, a pureza primordial, um cavaleiro que busca a perfeição de suas virtudes, que luta contra o mal dentro de si, contra a luxúria, o egoísmo, o medo, quando, após todas as dificuldades do caminho, atingirmos a dita de bebermos do Santo Graal, seremos Parsifal, seremos imortais.

Pois o Grail, representação do Cristo vivo, está dentro de nós, em nossas energias que devem ser transmutadas através do segundo fator da Revolução da Consciência.

O ciclo arturiano, desenvolvido na Baixa Idade Média, é muito extenso, e poderíamos escrever um livro inteiro sobre as maravilhas desta lenda.

3. O Renascimento e a Época Moderna

A partir do Renascimento, a literatura deu vôo a imaginação de gênios, citemos Dante Alighieri, Erasmo de Roterdã com seu Elogio da Loucura, Miguel de Cervantes com seu Dom Quixote, Milton e seu Paraíso Perdido, as Fábulas de La Fontaine, o grande romancista Alexandre Dumas, Victor Hugo e seus Miseráveis, a sátira mordaz de Gogól, entre muitos outros ...

Certamente, entre as grandes obras literárias, no Renascimento brilha A DIVINA COMÉDIA, escrita pelo iniciado-poeta Dante Alighiere por volta dos anos de 1300, ele representou nela a crua realidade das infra-dimensões da natureza, e também das regiões de purificação: o purgatório; e o difícil caminho de ascensão até os céus onde encontrou Beatriz, que apresenta sua própria alma divina.

Já OS MISERÁVEIS de Victor Marie Hugo, escritor do CORCUNDA DE NOTREDAME, Os trabalhadores do Mar e inúmeras poesias, representa a obra máxima do romantismo e a que melhor representou a miséria existencial humana: a falta de consciência, os seres humanos pisando uns nos outros, e fazendo sofrer a si mesmos e aos semelhantes, a falta de fé espiritual e luz interior; somos eternos Jeal Valjeans em busca de nós mesmos, buscando vencer nossa miséria interior.

Atualmente, muitos escritores revigoraram a literatura com ensinamentos esotéricos, cabe falar dos magníficos livros de Richard Bach, entre os quais cintila FERNÃO CAPELO GAIVOTA, que mostra com exatidão o caminho iniciático: abandonar o numeroso bando que busca só a comida (as pessoas normais que só buscam aos bens materiais e o conforto), o desejo de perfeição no vôo (liberdade da alma e da expressão), o encontro com o Mestre, e, após a ‘iluminação’ o pássaro se enche de compaixão e retorna para ensinar o caminho da liberdade (todo Buda, ao se iluminar, retorna para auxiliar os seres que estão ainda envoltos na ilusão de maya, a se libertar da opressão do “bando” e encher os corações humanos do anelo de voar livre – atingir a perfeição.

O SENHOR DOS ANEIS, de J.R.Tolkien, tem também todos os símbolos arquétipos do ciclo arturiano, mas vestidos numa nova mitologia e linguagem, que foram também magnificamente traduzidos para o cinema nos últimos anos; muito dos meus alunos gostam dos personagens deste livro, como Aragorn, Legolas, Gandalf, e outros, e seus significados internos.

Nos últimos anos o interesse pela arte esotérica aumentou devido ao sucesso quase inesperado do O CÓDIGO DA VINCI, de Dan Brown, este sucesso foi um dos motivos de eu concluir a revisão deste TRATADO DE ARTE UNIVERSAL, que se enquadra justamente no campo literário da arte, e portanto, faz por mérito pertencer a este capítulo de seu próprio livro, como obra literária. Após esta conclusão, darei este livro nas mãos de meu amigo Áli Onaissi, para que ele use ele para divulgar esta arte objetiva e desenvolver um revolução cultural nos amantes da arte transcendental.

Devo falar também, que, ainda no meu caso, estou escrevendo uma novela gnóstica: O PRÍNCIPE DAS PIRÂMIDES, a qual apenas concluí o primeiro livro, nela as pirâmides que o príncipe constrói representam o caminho que leva à auto-realização.

Acabaremos este capítulo com o que foi escrito no prefácio d’Os Miseráveis, que serve de forma geral a toda a literatura :

“Enquanto existir, fundamentada nas leis e nos costumes, uma condenação social que crie artificialmente, em plena civilização, verdadeiros infernos, ampliando com uma fatalidade humana o destino, que é divino; enquanto os três problemas deste século, a degradação do homem no proletariado, o enfraquecimento da mulher pela fome e a atrofia da criança pela escuridão da noite, não forem resolvidos; enquanto, em certas regiões, a asfixia social for possível; em outros termos, e sob um ponto de vista mais abrangente, enquanto houver sobre a terra ignorância e miséria, os livros da natureza deste poderão não ser inúteis”

Esta é a função da literatura: provocar a reflexão, a descoberta, o ato de se maravilhar ... e REVOLUCIONAR o mundo.

CAPÍTULO DEZOITO – UM POUCO DE POESIA

1. Todo ser humano é poeta, mesmo que não o saiba”.

WILLIAN BLAKE

Chegamos ao fim de nosso piano cósmico, a última oitava que iremos dedilhar é a da poesia.

Lembremos que, ao se tocar oitavas diferentes se criam artes compostas e cheias de melodia: o teatro, a ópera, a dança ... E combinando essas oitavas com certos avanços tecnológicos, surgem, como por encanto, novas melodias: a fotografia, o cinema, os quadrinhos. ...

Mas agora nos cabe tocar com um pouco de poesia. Esta arte tão cheia de simbologias e significados.

O verdadeiro poeta procura transmitir nas palavras aquilo que por si mesmo é inexplicável, é necessário que o poeta seja inspirado pelo seu Real Ser e busque a realidade das coisas, em vez do meloso sentimentalismo ou a revolta crua que abundam no mercado poético da atualidade.

Com justa razão William Blake, pintor, desenhista, místico, visionário e poeta inglês, disse que “Todo ser humano é poeta, mesmo que não saiba”. Assim, dentro de cada um de nós está guardado o germen da poesia, mesmo que nem sequer o percebamos.

William Blake (1757-1827), o mais universal, entusiasmado e silencioso dos reformadores ingleses, foi muito incompreendido em sua época, buscou a inspiração para seus poemas e desenhos em seu próprio interior: “a livre expressão do que o ser humano leva dentro de si” .

Lembrando do sol, imaginemo-nos caminhando no meio dos campos, em vestes claras e que refletem a luz, assim é o artista, e também o caso do poeta, ele simplesmente reflete a luz que atinge seu corpo da forma mais intensa possível, porém, esta luz não vem de si, mas do sol ...

Demasiado clássico para os românticos, demasiado romântico para os clássicos, muito sensual para os místicos, muito místico para os sensuais, dizia que “A nudez da mulher é a obra de Deus” ou “Se o louco persistisse em sua loucura, acabaria se tornando sábio”, é um exemplo disso que não pode ser compreendido pelo intelecto nem pelos intelectuais; contra os dogmas, contra os credos, contra as injustiças do mundo, a favor do lirismo puro da alma, e vendo o corpo como “uma parte da alma contemplável através dos sentidos”.

Ele não está errado, pois o corpo deve ser o veículo da alma, de sua expressão, mas para isso é necessário eliminar o egoísmo e os defeitos que dominam o corpo e a mente e afastam-nos da alma humana:

Ele inclina-se, tomado de temores sagrados,
E irriga o solo com lágrimas;
Então a humildade enraíza-se

Debaixo de seus pés.
Logo se alastra a sombra esmaecida
Do mistério sobre sua cabeça;
E a lagarta e a mosca
Alimentam-se do mistério.
E suporta o fruto da decepção,
Áspero e suave de se comer;
E o corvo aninhou-se
Em sua sombra mais espessa.
Os deuses da terra e do mar
Buscaram encontrar, na natureza, esta árvore;
Mas esta procura foi em vão:
Ela cresce no cérebro humano.

(The Human Abstract, William Blake)

Na mesma época em que Blake viveu, em outro país, não muito longe da Inglaterra, surgiu um verdadeiro homem, talvez o maior poeta de todos os tempos, estou falando de nada mais que Goethe .

2. GOETHE

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), poeta de profunda intuição, um homem universal, transbordou o mundo com uma poesia divina e tão maravilhosa que a época que viveu ficou conhecida como a Era de Goethe, ou Goethezeit.

Foi o primeiro a escrever uma obra com um herói tipicamente romântico, no Os sofrimentos do jovem Werther (1774), Goethe escreveu sua obra-prima no Fausto, onde o homem está diante de sua interminável busca pelo conhecimento, no domínio de si mesmo e de toda a natureza , como em seu famoso poema Canto dos Espíritos sobre as Águas :

A alma do homem
É como a água,
Do céu ela vem,
Ao céu retorna,
E novamente
À Terra desce,
Sempre cambiante.

O vento é das ondas
O doce amante,
O vento desperta das profundezas
Ondas espumantes.
Alma do homem,
Tão parecida com a água!
Destino do homem,
Tão semelhante ao vento!

As poesias, pelo que posso “sentir”, são guiadas pelo sentido de busca, devemos buscar compreender em sua linguagem simbólica, nas imagens que nos sugerem, na musicalidade das palavras o seu significado intuitivo.

3. A Poesia expressando o conhecimento (poesias do autor)

A busca do conhecer a si mesmo, anelar se tornar livre de todos os pré-conceitos, prisões mentais, e dúvidas, deve estar presente na poesia:

Onde eu estava antes do dia surgir?
E onde estarei quando meu corpo deixar
Na noite fria, na madrugada oculta
Entre os orvalhos e o vento cortante
Quem sou eu?
Me pergunto, olhando o espelho
Para minha face oculta, quebrada, distante
Nas trevas, apenas por uma única vela
Iluminada.

Aqui as dúvidas das vidas passadas e do futuro após à morte estão representadas por simbologias: o dia nascendo, a madrugada oculta, assim é o poeta, consegue ver os vários universos um dentro do outro (como vimos na introdução desta obra), e usa as simbologias para representar os ensinamentos superiores e transcendentais:

Anelo a força que se sustenta em minhas fraquezas
o amor que se eleve dentro dos meus ódios
os sonhos que me façam despertar um dia
apenas um dia, antes da aurora primeira.

Anelo ser os galhos que sobem aos céus
que se apoiam nas raízes do inferno
nas águas agitadas guiadas pela estrela
farol oculto nas nuvens dos mares entre as sereias.

No deserto onde a última gota secou
anelo a fonte misteriosa do amor
infinito que leva a muralha
entre o que antes era e já não é mais desta raça.

Os olhos calmos e límpidos dos astros
onde está a seara do mundo: fértil e estéril
viva e morta, alegre e triste, sutil e inútil
vitória e derrota, Deus e Satã, homem e verme.

É o amor, inexplicável, que me guia
a busca, a procura, ao anelo, a senda
antes todas as palavras, agora não mais nenhuma
mas tu me compreendes, estremeces, buscas, e também ...

Poesia inacabada, cheia de expressão tão cheia de vida, semelhante ao poeta místico visionário, procuro, igual a Willian Blake, viver entre o mundo fantástico e transcendental e a vida diária, no ANELO ÍNTIMO de buscar a si mesmo e todo o Universo, o auto-conhecimento expresso de maneira plena nesta poesia gnóstica.

4. Alguns poemas de Rumi

AL RUMI é um considerado um dos maiores poetas sufis, sua Seu impacto na filosofia, literatura, misticismo e cultura, foi tão profundo que por toda a Ásia Central e países Islâmicos quase todos os sábios religiosos, místicos, filósofos, sociólogos e outros, refletiram sobre seus versos durante muitos séculos.

Reflitamos também lendo um de seus poemas:

Vem,
Te direi em segredo
Aonde leva esta dança.
Vê como as partículas do ar
E os grãos de areia do deserto
Giram desnoroados.
Cada átomo
Feliz ou miserável,
Gira apaixonado
Em torno do sol.

Neste poema de Rumi podemos compreender profundos significados da UNIÃO CÓSMICA, tanto na dança como na arte. Ou, ainda, em outro poema:

Faltam-te pés para viajar?
Viaja dentro de ti mesmo,
e reflete, como a mina de rubis,
os raios de sol para fora de ti.
A viagem conduzirá a teu ser,
transmutará teu pó em ouro puro.

Ou por fim, para resumir, como em mágica, tudo o que passamos neste livro, em apenas uma poesia:

Sofreste em excesso
por tua ignorância,
carregaste teus trapos
para um lado e para outro,
agora fica aqui.

Na verdade, somos uma só alma, tu e eu.
Nos mostramos e nos escondemos tu em mim, eu em ti.
Eis aqui o sentido profundo de minha relação contigo,
Porque não existe, entre tu e eu, nem eu, nem tu.

5. Leitura de uma poesia de Goethe – imaginação na poesia

Não devemos ler como os intelectuais, a duzentos ou trezentos por hora, isso destrói o cérebro e não possibilita o desenvolvimento da intuição . Lembremos que órgão que não se usa, se atrofia, devemos aproveitar poesias objetivas, e, sem pressa nenhuma, lê-las e compreendê-las, e elas servirão de espelhos para ver a nós mesmos.

A primeira etapa é escolher a poesia a ser “sentida”, neste caso escolhemos uma poesia de Goethe : Amor sem repouso, devemos nos imaginar no lugar do poeta, para “sentir” o que ele sentiu, as palavras são apenas setas que apontam para o real significado do poema, elas não são “per si” o significado deste. Observamos que o poeta se vê num desfiladeiro, enfrentando a neblina, o vento e a chuva com uma grande confiança , devemos fechar os olhos e visualizar cada um desses detalhes.

Os poemas são escritos em versos, assim, lemos com plena atenção um verso, e em seguida, sentados comodamente, fechamos os olhos e imaginamos a cena descrita, as imagens, e procuramos “sentir” o que está ali escrito, é fundamental evitarmos qualquer reação intelectual, o “sentir” e do coração, lá estamos nós, andando e enfrentando as dificuldades, procurando ver o que representam estas imagens que nos aparecem ...

Contra a neve, contra a chuva
Contra o vento
Na umidade do desfiladeiro,
Pela neblina,
Adiante! Adiante!
Sem paz, sem descanso!

Continuando o poema, vamos procurar compreender que todos esses elementos naturais não passam de simbologia para descrever as reações diante das tempestuosas situações da vida :

Melhor fora sofrer
Para abrir meu caminho,
Que tanta alegria
Da vida suportar.

Vivenciemos, procuremos em nossa vida o que ocorre no poema, assim o poema vai servindo de auto-descobrimto, vemos que já sofremos e estamos buscando este verdadeiro amor ... será possível ?

Essa inclinação
De coração a coração,
Ai, é estranho
Dói tanto!

Podemos então, perceber intuitivamente, através das imagens, sons, cenas, sentimentos , de tudo que o poema sugere, para onde a seta aponta, nos imaginamos pensando em correr para uma floresta ! Será que isto dará certo ? Ou enfrentamos a neblina gritando por nosso amor . O que significa realmente este poema , que tudo na vida é ilusão e que o verdadeiro amor é inacessível ?

Como fugir?
Em direção à floresta?

É tudo em vão!
Coroa da vida,
Felicidade sem paz,
Amor, és tu!

Não há como explicar estes mistérios, como bem nos disse Shakespeare : “Existem mais mistérios entre o céu e a terra, do que pode supor nossa vã filosofia”.

Devemos encher nossa vida de poesia, assim como um ambiente cheio de flores se torna mais agradável e suave, devemos falar docemente, buscar a harmonia das palavras, evitando todas as palavras grosseiras, devemos nos encher de pensamentos puros, devemos ler as belas poesias e procurar "senti-las" intensamente, e se abrirão as portas da percepção, da sensibilidade, à luz do sol vai brilhar em nosso interior e refletir como um farol de alegria e sabedoria.

CAPÍTULO DEZENOVE – O TEATRO DA VIDA

Assim como em num piano comum, tocando notas de inúmeras oitavas se enriquece a música infinitamente, também no nosso piano cósmico, ao tocar notas de diversas artes puras surgem maravilhosos sons novos e inefáveis melodias.

As artes que chamaremos artes compostas não são nada inferiores as artes puras, e sim um enriquecimento destas, pois como na vida nada está separado, as coisas se unem para criar maravilhas e novas artes.

O teatro, a arte de imitar a vida, é um espelho para o qual devemos olhar e refletir, na verdade, a vida é um palco onde todos nós somos atores.

1. O teatro e sua origem sagrada

O teatro, como arte, nasce no texto da dramaturgo, neste estágio, ele é literatura, em prosa ou em versos (poesia), quando é interpretada pelos atores, essa literatura ganha vida através da expressão corporal e da interpretação dos atores.

Portanto , mesmo uma peça de Shakespeare, uma verdadeira obra-prima, se for interpretada por atores ruins, se tornará um fracasso.

O teatro vai evoluindo e acrescentando outros complementos, o cenário (que é uma combinação de pintura – uma paisagem de fundo ou paredes – de móveis, acessórios) a trilha sonora (música), a iluminação e os figurinos ... quando já no palco, o teatro, para imitar a vida com fidelidade, imita um pouco de todas as artes em sua realização.

As origens do teatro remonta a origem da própria humanidade, em civilizações que tiveram seu esplendor na aurora dos séculos, o teatro representava os mistérios sagrados, no Egito Antigo os iniciados se vestiam como os deuses e representavam, diante dos neófitos já preparados, os dramas cósmicos da iniciação, estes dramas, envoltos nas trevas da noite e iluminados a luz de tochas, deviam ser compreendidos com a intuição, pois muitas vezes não se pronunciava uma palavra sequer.

Muito da sabedoria do Egito foi transmitida as emergentes civilizações da Grécia e de Roma, e em templos misteriosos os dramas cósmicos foram representados nestas civilizações, porém, veio a época de Kaliyuga (termo usado no Mahabharata, o tempo de Kali, a deusa da morte), o tempo negro, e as hostes de Alexandre, o grande, fecharam os templos iniciáticos no Oriente Próximo, enquanto na Europa estes templos foram fechados pelos conquistadores romanos.

Na Grécia também surgiu o teatro de divertimento público, histórias em que estavam incutidos princípios morais e éticos, além de mitos cheios de significados internos e psicológicos, tal como a tragédia imortal de Édipo, que mata seu próprio pai e casa com sua própria mãe.

Na Idade Média, o teatro sobreviveu na representação de autos, peças com fundo religioso, onde os atores muitas vezes representavam, ou virtudes, ou defeitos .

No Renascimento, o ideal da representação da vida, tanto com a tragédia como na comédia, foi retomado, é surgiu o dramaturgo mais “profundo” de todos os tempos: Shakespeare.

2. Willian Shakespeare

Willian Shakespeare (1564-1616), consumado poeta, grande dramaturgo, escreveu inúmeras obras, e todas elas brilham pelo estudo psicológico do ser humano, nas suas tragédias e comédias, nos seus terríveis dramas e contradições.

No teatro shakespeareano podemos deslumbrar o que é realmente o ser humano, “um brinquedo do destino”, dominado pelos seus próprios defeitos, e levado a um final trágico por estes, seja este a morte, a prisão, ou o desterro ... nisto a arte imita a vida , e mais ... a arte se torna a própria vida .

Romeu e Julieta, o amor impossível de dois jovens devido aos ódios entre as diferentes famílias ... Macbeth, o homem que sucumbe diante do desejo de poder, tornando-se um horrível e monstruoso traidor ... Hamlet, o jovem que indaga sobre o mundo, e se revolta de forma exagerada, querendo punir com as próprias mãos o assassino de seu pai, cometendo erros e chegando a um trágico fim ... Otelo, o homem apaixonado que deixa-se levar pelo ciúme, matando sua amada por crer, erroneamente, que ela o traia ... Julio César, apunhalado pelas costas por quem mais ama, estátua de orgulho que ignora os presságios de sua morte, avança crendo-se invencível em direção aos assassinos que esperam o momento de o apunhalar ... todos eles, todos elas, seres trágicos deste palco que é a vida.

Os atores que nos levam a este fim são os nossos defeitos psicológicos: a luxúria, a cobiça , a inveja, a gula, os egoísmos, as loucuras, os medos ...

Difícil é achar um Próspero, personagem da última peça de Shakespeare: A Tempestade, que busca conhecer os mistérios do universo e de si, se vê traído pelo próprio irmão, que tira seu reino e quer jogá-lo ao mar, salvo pela compaixão de um subalterno, Próspero e sua filha vagam até chegar numa ilha, lá Prospero cuida de sua pequena filha e prepara a sua “vingança”, com a ajuda dos elementais da natureza, cria uma tremenda tempestade, onde o navio de seus

“inimigos” e levado a praia, depois que estes sofreram muito caminhando, ele os perdoa e tudo acaba em festa, com sua filha, já jovem, casando com o filho do seu “inimigo”.

Realmente, um Próspero, que compreende as fraquezas humanas, que compreende a natureza, que perdoa seus inimigos, é algo raro hoje em dia, mas comum são os que se guiam pela lei do “olho por olho, dente por dente” .

Depois de Shakespeare, muitos procuraram mostrar o teatro da vida, porém poucos com sua maestria.

Cabe-nos citar o magistral Molière e Bernard Shaw, críticos ferrenhos dos erros e falsidades da sociedade.

Concluimos enfim com uma frase imortal de Shakespeare que ecoa pelos séculos como a grande dúvida, entre os dois caminhos em que devemos escolher: “Ser ou não ser ? Eis a questão !

3. A ópera

A ópera difere do teatro, de onde tem sua origem, por uma diferença básica, na ópera a música assume vital importância, podemos falar que metade da constituição de uma ópera é a sua música, a outra metade corresponde a interpretação lírica dos atores sobre o livreto da ópera.

A ópera surgiu a partir da iniciativa de um grupo de músicos de Florença, que procuravam recuperar a forma original do teatro grego, o qual era declamado de forma quase cantada e acompanhado por flautas e líras.

Desde o seu surgimento atual, em 1597, a ópera se desenvolveu como a combinação mais elevada entre a poesia e a música, cabe também falarmos dos maravilhosos oratórios, que se distinguem claramente das óperas pelo tema, o oratório tem sempre um tema sacro, e é mais cantado do que dramático, oratórios maravilhosos que se assemelham ao canto dos anjos são o Messias de Handel e as paixões de Bach.

Durante o barroco foi comum a fusão de artes, assim a pintura, a escultura e a arquitetura se combinaram nas igrejas barrocas, como podemos notar na basílica de São Pedro, ou as igrejas barrocas de Congonhas do Campo ou São Francisco de Assis, no Brasil, que tem a marca do genial Aleijadinho, sendo que em Congonhas do Campos estão os seus famosos doze profetas.

4. A ópera de Mozart

A época do barroco viu surgir a busca intensa da integração das artes, assim, na ópera os compositores buscaram a integração de diversas artes, no final do século XVIII, período já clássico para a música, Mozart compôs suas óperas: A Flauta Mágica , inefável música que lembra uma iniciação egípcia; Don Giovanni, perseguição trágica de um fantasma a seu assassino, considerada por muitos a maior ópera de todos os tempos; As Bodas de Fígaro, onde, no meio de uma linguagem erótica e refinada, entre outras.

Em As Bodas de Fígaro, Mozart fala de quem manda nesse mundo, de quem dita a “música” com que as coisas andam, que não são os poderosos e os senhores, e sim os artistas, e ele estava absolutamente certo, quem lembra dos nobres daquela época? Eles não são mais do que meras notas de rodapé da vida de Mozart, o grande gênio da música.

5. Óperas românticas e a ARTE TOTAL de Wagner

Durante o romantismo, no século XIX, a ópera se desenvolveu em toda a Europa com compositores como Verdi, Bellini, Puccini, entre outros, mas a grande renovação coube a Richard Wagner.

A música de Richard Wagner é cheia de conhecimentos esotéricos e significados psicológicos, em sua ópera Os Mestres Cantores de Nuremberg vemos que cada personagem tem sua própria música, assim, quando um fala, sua música toca ao fundo, e quando outro começa a falar, é a música deste que toca, e, a medida que dois ou três personagens vão dialogando ou discutindo, as suas devidas músicas também dialogam e discutem criando uma harmonia de músicas que se combinam e se combatem.

Formam, dentro da música da ópera, músicas distintas, umas se harmonizam, outras se repelem, assim como acontecem entre as energias das pessoas, formando grupos distintos dentro da música da vida.

Wagner, desejando alcançar a ARTE TOTAL, mesclou em suas obras uma combinação de poesia, música e teatro, foi amigo do filósofo Nietzsche e procurou, como este expressar, mas dentro da ARTE, todo o mistério da alma humana.

Na sua ópera Tannhäuser, o qual assisti com muito gosto, observar a decadência do personagem, um poeta que decai por sua luxúria, por ele ora sua amada, para expiar seus pecados ele viaja até Roma, onde o santo papa lhe diz que nunca será perdoado, assim como que de um cajado seco nunca nascerá vida, quando retorna descobre que sua amada morreu e acaba morrendo, mas em sua morte, o cajado que o papa lhe deu se enche de folhas verdes, para a perplexidade dos que assistem o funeral, a mensagem é clara: O AMOR PODE TUDO, inclusive salvar aqueles que se acham completamente perdidos.

CAPÍTULO 20 – FOTOGRAFIA E CINEMA

1. O progresso tecnológico

A tecnologia não vem a ser inimiga da arte ou do ser humano, como crêem os saudosistas do passado, nem vem a ser a salvação da humanidade, como crêem os tecnólogos desejosos de inovações.

A tecnologia, como qualquer coisa, depende de como se a utiliza, e como o homem não tem melhorado substancialmente nos últimos séculos, podemos daí concluir o porque da tecnologia ser usada tão erroneamente.

O fator que leva ao erro, ou ao mal uso, não está na tecnologia em si, e sim como a utilizamos, ela se tornará boa ou ruim dependendo do uso que fizermos dela. A água pode ser

boa para tomar banho, se beber, limpar as coisas, mas é algo muito ruim quando inunda toda a casa e estraga todos os móveis.

Compreendendo isto, investigaremos as novas artes que surgiram com a combinação das artes já existentes com o avanço da tecnologia.

Já no Renascimento, muitos artistas utilizavam alguns avanços tecnológicos em suas obras, Johannes Vermeer, para conseguir criar paisagens incrivelmente reais, semelhantes a fotografias, utilizava o recurso de câmeras que refletem em espelho a paisagem que existe em sua frente, assim, a partir deste “quadro”, era possível traçar uma pintura de tremenda realidade e observação, tudo isto no século XVII.

Esta busca de reproduzir a realidade física “tal como ela é” levaria ao advento da fotografia, no século XIX.

2. A Fotografia

A partir da década de 1840, a difusão da fotografia pelo mundo permite a reprodução fiel da realidade física, se de um lado, está técnica liberta o artista para representar imagens que tem a ver mais com o seu interior do que com a realidade física observada, de outro, permite o estudo do movimento e do corpo humano de uma forma até então não possível, os impressionistas são os primeiros a usar o recurso da fotografia para realizar seus quadros.

Os primeiros fotógrafos procuravam aproximar a fotografia da pintura, chegando a retocar ou embaçar suas imagens, que tratavam, geralmente, dos mesmos temas que as pinturas da época : paisagens, naturezas-mortas e retratos.

Aos poucos a fotografia se emanciparia da pintura, e além de retratar e registrar os acontecimentos e fatos do mundo, surgiria como um método de expressar o que o ser humano sente.

Surgiram, no século XX, fotógrafos experimentais, além do que, a sensibilidade do fotógrafo permite gravar e refinar as belezas da natureza, como um por-do-sol ou um pássaro voando, ou a beleza de um nu , a liberdade dos movimentos de uma dançarina, mostrar e criticar as injustiças sociais.

Por último, ocorre que muitos pintores procuram tornar seus quadros como fotografias, é o que em arte se chamou hiper-realismo.

Na lente de um fotógrafo guarda um universo de imagens maravilhosas e seus significados internos, quando o fotógrafo busca fotografar o mundo, está buscando fotografar o seu próprio interior.

Cabe citar como exemplo a obra do fotógrafo Sebastião Salgado, brasileiro, que retrata em todos os lugares do mundo onde viaja a realidade gritante e emocionante do ser humano, no seu viver diário

3. O Cinema

Quando, em 1895, os irmãos Lumière projetaram o primeiro filme, o qual mostrava um trem vindo em direção a câmera, os espectadores desta primeira projeção cinematográfica ficaram tremendamente assustados e saíram correndo, pois achavam que o trem entraria realmente na sala de projeção, desde esta primeira projeção ficou claro o poder de ilusão e fascinação do cinema.

Se observarmos bem as coisas ao nosso redor, elas parecem reais, mas no entanto, não o são. É como se vivêssemos num filme, onde somos o ator principal, assim, terminada a projeção de todos os dramas mecânicos de nossa vida, o filme é rebobinado (para quem ainda tem vídeo-cassete!), é, em uma nova existência, se inicia uma nova projeção do mesmo trágico filme de nossa vida.

Assim, o cinema permitiria a representação de nossa vida, tal como o teatro, com a diferença que os atores, o cenário, e tudo que existe no teatro, não estão realmente ali no cinema, são apenas uma projeção numa tela.

O cinema, como outras artes, serviu muito mais a diversão e para ganhar dinheiro do que para instruir, não que as duas coisas não sejam possíveis de se combinar, mas foram raros os casos, como, na época do cinema mudo, de Charles Chaplin (1889-1977), que criou e imortalizou seu tocante e tão humano personagem do vagabundo Carlitos.

O cinema recontou as histórias da antiguidade, e criou novos mitos ao redor destas histórias, como o lendário Ben Hur, ou ainda criticou a opressão do homem pelo próprio homem, de maneira absurda e infra-humana, como no filme a Lista de Scindler.

O cinema, a medida que foi evoluindo, foi se sofisticando e acrescentando cada vez mais tecnologia, efeitos computadorizados e outras novidades, porém tudo isso não cria uma boa história, ou por mais apelativo que seja, cai logo no esquecimento por não ter um “interior” verdadeiro.

4. A mitologia da GUERRA NAS ESTRELAS

Com a perda dos mitos arcaicos, dos heróis que inspiravam a juventude, muitos procuraram novos mitos para substituir os antigos, é notável a influência do pensamento “jedi” na humanidade atual, a mística força que George Lucas filmou em sua Saga interestelar GUERRA NAS ESTRELAS, nos idos de 1970 (a série clássica, os episódios IV, V e VI) lembra o ensinamento “zen”, e os seus cavaleiros jedi lembram a força dos remotos samurais japoneses .

Assim, quando o mestre jedi fala ao seu discípulo para usar sua “força” interior, nada mais é que uma simbologia sobre a consciência do ser humano, esta força que é capaz de nos transformar em deuses, capazes de realizar esforços sobre-humanos semelhantes aos de Hércules .

E, quando esta força interior é despertada, através de tremendo sofrimento, de uma disciplina extremamente rígida de eliminação de defeitos, deixamos de ser nós mesmos para ser somente esta poderosa “força”.

Além do mais a GUERRA NAS ESTRELAS re-cria (ou recicla!) o eterno tema da luta entre o bem e o mal, que acontece tanto fora como dentro de nós mesmos.

Porém, no caso da Guerra nas Estrelas é o vilão que nos chama mais atenção: DARTH VADER, como o mal corrompe e torna a pessoa sem sentimentos e frio, mas no final descobrimos que dentro daquela máquina existia um ser humano que ainda amava, e que seu filho, Luck, conseguiu trazer a humanidade nos momentos finais de sua existência.

5. Matrix – a trilogia

Outro exemplo da revigoração da filosofia e dos mitos no cinema é o filme Matrix (1999), criação dos irmãos Wachowski, revela todo o caminho iniciado com uma linguagem high-tech: a ilusão do mundo é um programa de computador onde os seres humanos são condicionados, é necessário despertar com o auxílio de Morfeu (o deus do sono) e perceber a verdadeira realidade: todos são semelhantes a plantas, vivendo para a economia das máquinas (natureza), Neo se tornará o ESCOLHIDO, aquele que consegue ver a ilusão do mundo (MAYA-MATRIX).

A história de Budha, do despertar, se repete neste filme, no começo ele anseia encontrar o caminho, e ele tem duas escolhas: ou continuar num mundo de ilusões, agradáveis, dos desejos (a pílula azul) ou ver a terrível realidade (a pílula vermelha).

É claro, indubitável, que Thomas Anderson (o nosso São Tomé interno, que só acredita no que vê) escolhe a pílula vermelha, ele desperta vendo que não consegue mexer seu corpo (não possuímos ainda corpos para viajar nas dimensões superiores da natureza, como no astral, onde viajamos em astral, temos apenas uma forma astral, mas não um corpo pleno) e que o mundo está realmente todo destruído (internamente, os desejos, ódios, e defeitos deixam o mundo destruído, apesar que exteriormente assim não o parece).

Trinidade, sua amada, representa a tremenda força do TERCEIRO LOGOS, o Espírito Santo, que em si mesmo é o amor, afinal, no filme é o AMOR que faz Neo ressuscitar, semelhante mito representa o iniciado que superou o mundo e também a morte, e retorna para salvar a humanidade, neste caso, Neo é um simbolismo do Cristo.

Embebido na doutrina gnóstica e budista, os criadores de Matrix conceberam este universo onde o Escolhido luta contra os terríveis agentes (as leis da natureza que querem nos controlar e manipular, e que estão em todos os lugares e em todas as pessoas).

Tanto o oráculo como o chaveiro do segundo filme (Matrix Reloaded, 2003) representam partes do nosso SER para a auto-descoberta, dentro de nós a inúmeras portas, e é apenas através das chaves do AUTO-CONHECIMENTO que conseguiremos retornar a origem e encontrar nosso criador: nosso PAI INTERNO, que tudo vê e tudo sabe, a natureza mecânica da natureza, com seus duplos (gêmeos brancos) serve para ganharmos força e se tivermos anelos e força espiritual, retornarmos ao PAI e venceremos toda a ILUSÃO.

Por fim, a grande batalha entre Neo e Smith (Matrix Revolution, 2003) que se multiplica incessantemente, representa as forças da Luz e das Trevas, quando as leis mecânicas dominam de forma impiedosa, elas criam seres de terrível poder, chamados de titãs ou demônios, e é claro que a luta entre as suas forças sempre define o destino de toda a humanidade.

CAPÍTULO VINTE E UM – HISTÓRIA EM QUADRINHOS E MANGÁ

A literatura da imagem, a nona arte, ou na forma que é mais chamada, os quadrinhos, surgiram quase ao mesmo tempo que o cinema, na última década do século XIX. É a combinação inteligente da literatura com o desenho.

Desde a antiguidade as histórias eram representadas por sequências de desenhos, para auxiliar a leitura e a imaginação: nos frisos gregos, nos vitrais medievais, nas tapeçarias persas, em muitas pinturas renascentistas e barrocas, o objetivo era auxiliar a compreensão do desenrolar da história, as Bíblias medievais com suas ILUMINURAS foram os ancestrais mais remotos dos HQs.

1. Evolução dos Quadrinhos nos Estados Unidos

Por volta de 1895, a competição por histórias ilustradas, geralmente divertidas, nos Estados Unidos, levou a criação dos quadrinhos, o primeiro que se tem notícia e O Menino Amarelo (1896), que critica os hábitos e convenções da época, é um menino chinês que vive nos subúrbios de Nova York.

Tal como o cinema, suas histórias serviram para divertir ou criar novos heróis para a juventude, e criaram uma indústria cheia de lucros e competição.

A partir de 1929, nos Estados Unidos, surgiram os heróis e super-heróis mais famosos, e suas histórias, eles foram evoluindo cada vez para mais ação e violência (é o que o público gosta, não, é só olhar também a televisão!)

No entanto, no meio desta histórias surgiram desenhos primorosos, verdadeiras obras-primas do desenho como O Príncipe Valente de Hal Foster (1934), ou quadrinhos críticos, como os do “Freud” dos quadrinhos: Os Peanuts (Minduim), com seu cachorro Snoop, de Charles Schulz, refletindo sobre a psicologia humana e os dramas existências.

Nos anos de 1950 os quadrinhos foram perseguidos de forma implacável na época da CAÇA AS BRUXAS nos Estados Unidos, acusados de provocar a violência e a subversão, e, como sempre, como estas desculpas esfarrapadas, a censura ceifou a criatividade e a liberdade artística.

Nos anos de 1960, época da liberação sexual (ou libertinagem sexual?), os quadrinhos também viveram esta revolução, infelizmente, como no caso das outras artes (a música, por exemplo), ela se polarizou no lado negativo, gerando mais violência, degeneração sexual e consumismo, como hoje podemos comprovar em muitas das histórias.

Aqui, neste breve resumo sobre os quadrinhos, não cabe falar de alguns como melhores que outros, e simplesmente afirmaremos que esta arte permite e possibilita a transmissão de conhecimento através de algumas belas histórias, de forma clara ou simbólica.

Podemos citar o Fantasia de Walt Disney, ou o Rei Leão, feito pelos sucessores deste grande desenhista, onde o desenho animado conta encantadoras histórias de fundo moral.

Porém, a maior parte dos quadrinhos serve a máquina consumista, histórias com violência, sexo e deturpação abundam pelo mercado, outras histórias servem simplesmente para

divertir, no final das contas, esta transformação da arte em objeto de consumo não ocorre apenas nestas artes “nova”, mas também em outras, como na pintura, onde muitos pintores fazem sucesso por criarem borrões ou relaxos que ninguém antes tinha feito, ideias das mais ridículas ganham espaço; na música popular as músicas de duplo sentido e com fundo pornográfico fazem sucesso.

Os heróis americanos, como o Superman, Batman, Homem Aranha e o X-man, são mitos para muitos mas também, muitas vezes, escondem ideologias, o caso mais claro é o Capitão América, que serve e sempre serviu de propaganda para o AMERICANO IDEAL, representando o Estados Unidos como o país campeão da liberdade e que combate o mal, o que não corresponde, como todos sabem (acho que não preciso explicar) a realidade dos fatos.

o MANGÁ

A nova onda artística vem do Oriente, isto é indubitável, assim como o Japão, e agora a China, vão se transformando em potências mundiais com o objetivo de substituir o decadente Estados Unidos, isto também está ocorrendo nas artes.

Surgindo nos anos de 1950 e 1960 no cenário internacional graças a obra de Osamu Tezuka, o criador de Astroboy, a Princesa e o Cavaleiro, Budha e Speed Racer, o mangá, o desenho japonês, de olhos grandes e estilizados, se desenvolveu paulatinamente até a grande explosão no mercado internacional nos anos de 1990, isto é um evento muito recente, porém avassalador.

O maior exemplo disso é o anime (desenho animado) SANT SEYA (no Brasil, Cavaleiros do Zodíaco) onde a mitologia de vários povos, principalmente a grega, serve de pano de fundo para uma arte com efeitos computadorizados, mesmo com um fundo moral e até místico, ele leva a banalização da violência, sendo que foi proibido em muitos países, virou também um negócio milionário e, entre os jovens, se tornou uma verdadeira CRENÇA, assim como antes a dos JEDIS, só faltou construir uma igreja para os cavaleiros do zodíaco, tão grande a adoração aos personagens.

Outras histórias tem surgido no início do século XXI e animado principalmente os jovens: desde o Dragon Ball até Full Metal Alchemist, entre outras; como sou professor de desenho e de manga, devo falar que elas incentivam os jovens a ler, mas deve ser evitado a violência, os mangas com fundo pornográfico e que os jovens se viciem em jogos de videogame ou na Internet, entre outras coisas.

Tudo isto deve ser refletido, não devemos nos identificar, perder nossa identidade, por mais sedutora e envolvente que seja a história.

Certamente, o abuso da violência sempre é superada, neste fator, o Dragon Ball de Akira Toroyama superou incrivelmente os cavaleiros de Kurumada.

Cabe falar aqui da perfeição dos personagens do grupo formado por quatro desenhistas femininas : o CLAMP, entre suas obras brilha com muitos símbolos de alquimia e esoterismo, mesmo que muitas vezes confusos e cheio de fantasia, como em sua recente obra XXXHolic.

Pessoalmente, acho primorosos os desenhos de Masakazu Katsura e de Gaelle Auntin , cheios de beleza e esplendor, belas meninas de olhos brilhantes e paisagens cheias de luz e

graça. Também estou colecionando a obra O TIGRE E O DRAGÃO, desenhando a cores de forma magnífica pelo mangaká Andy Seto.

3. Conclusão – alguns avisos sobre a televisão

Nesta época em que vivemos, a arte se tornou degenerada, o artista se endeusou e acha que ele é o gênio, as modelos se auto-flagelaram e andam quase como esqueletos nas passarelas, onde estilistas afeminados despojam os corpos delas a sensualidade ou as vestem com artefatos que no mínimo são exóticos e estranhos .

Nas televisões os rocamboles se sucedem em novelas e seriados intermináveis, os desenhos repetem as lutas e golpes até caírem na exaustão, mesmo desenhos como Os Cavaleiros do Zodíaco, insuflados por mitologias ancestrais, decaíram na repetição de golpes e socos (como dizem, tudo pelo ibope!)

Portanto, devemos evitar todos estes programas de televisão que não levam a nada, só perda de tempo e energia

A televisão, que poderia ser um dos meus mais úteis para o desenvolvimento humano, com seus programas ridículos e degenerados, se tornou o meio mais útil para a idiotização das massas, assim os povos são mais facilmente manipulados e levados ao consumismo, através das propagandas que inundam o mercado e tornam nossas ruas poluídas visualmente.

O corpo humano virou um simples objeto, o sexo se tornou algo vendável e a propaganda apelou para as mulheres sensuais para vender qualquer produto, de uma bebida a um carro .

A maior companhia televisa do Brasil, a rede Globo, e as outras redes também, incentivam todas as indecências e a violência em suas novelas.

Todos apelam para a satisfação dos desejos humanos, e estes são como monstros que, a medida que são alimentados, aumentam cada vez mais e querem ter tudo para si, estendendo seus tentáculos para todas as coisas.

Concluindo o presente capítulo, caros leitores, vemos que a arte, em todas as suas maneiras aqui faladas ou não, deveria servir para a libertação do homem, para sua espiritualização, porém, é usada de maneira grosseira para alimentar os desejos e as devassidões humanas.

Busquemos a arte, em todas as suas manifestações dentro do PIANO CÓSMICO: a música, a arquitetura, o paisagismo a escultura, o desenho, a pintura, a poesia, a literatura, o teatro, o cinema, a fotografia e os quadrinhos, como espelho para o auto-conhecimento, para desenvolver a imaginação, a inspiração e o mente intuitiva.

O artista é aquele que vai até os céus, com sua imaginação e inspiração, e o trás até o plano físico, torna visível a realidade invisível, A VERDADE que nos disse Jean Delville, o grande pintor rosa-cruz, de forma intuitiva, o artista UNIVERSAL é um clarividente, visionário, profeta, iluminado, transcendente.

Como nascem os gênios?!? Como se desperta estas faculdades?!? É o que veremos no próximo capítulo.

TERCEIRA PARTE – A ARTE UNIVERSAL ESOTÉRICA

CAPÍTULO VINTE E DOIS – COMO SURGEM OS GÊNIOS

1. Faça sua luz brilhar

" Faça seu caminho ser o mais simples o mais iluminado de todos pois você tem o brilho em sua alma ... basta expandi-lo e contagiar!!"

Disse minha amiga Larissa, numa conversa, certa vez, no MSN, através da internet, grande veículo de comunicação da época atual, que, infelizmente, ainda não é utilizado da maneira que se deve.

Ao que respondi a ela :

"Não posso falar nada que já não esteja dentro de ti, afinal, meus olhos são apenas espelhos que refletem o teu rosto"

Refletamos, a medida que trabalhamos com os três fatores da Revolução da Consciência, com a morte de nossos defeitos, com o controle e transmutação de nossas energias, com a compaixão e o amor por todos os seres, iremos nos afastando gradativamente da arte subjetiva, que tem sua origem defeitos e vícios , e iremos nos aproximando da Arte Objetiva, que tem sua origem no alto, na nossa essência, na luz que vem do nosso Real Ser.

Ao observar o mundo ao nosso redor veremos que a humanidade anda totalmente desassociada de suas partículas divinas, fechada em seu egoísmo , ódios, preconceitos, “valores.

Portanto, é mais do que natural que em todos os lugares domine a arte subjetiva, e que a Arte Objetiva seja uma exceção, dos que buscam o caminho de se religar com a divindade.

2. Razão e Emoção – o movimento pendular

A revolução que aparentemente ocorre nas artes é algo falso, tem a ver com o movimento pendular que ocorre com toda a humanidade, assim, numa época predomina o racionalismo, na seguinte, ocorre uma grande explosão de emotividade, contrária ao racionalismo anterior.

Nada mais, nada menos, que um movimento pendular, semelhante aos antigos relógios de parede, indo de um lado para o outro, sempre preso a mais terrível mecanicidade.

Observando esta lei agindo, veremos que os movimentos que se sucederam nas épocas distintas não são mais do que alterações do pêndulo da humanidade, que vai de um lado para o outro: na antiguidade greco-romana, por exemplo, se buscou a perfeição do corpo humano na escultura, ao chegar a Idade Média se vestiu o corpo com roupas e se perdeu esta compreensão

anatômica, mas, ao chegar o Renascimento, os corpos das esculturas foram despídos novamente, e se tornaram semelhantes aos da antiguidade.

Todas as artes, civilizações, épocas, estiveram sujeitas a este movimento pendular, entre o “clássico” e o “moderno”, entre o “sentimento” e a “razão”, e o ser humano sempre esteve dividido entre suas teses e antíteses. O que foram revolucionários e modernos numa época, como os estudos de Rafael e Leonardo, se tornaram demasiado clássicos na seguinte ... e assim os valores sempre se inverteram de tempos em tempos, segundo este movimento pendular e cíclico.

Porém, os gênios, os mestres, estes suplantam a dualidade mecânica, eles trabalham intensamente sobre si mesmo e descobriram sua verdadeira vocação, assim surgem como gênios. Antes de tudo, devemos buscar dentro de nós a nossa verdadeira vocação.

3. A Vocação - Gandhi

Todo o ser humano tem que servir para algo na vida. Mesmo com limitações devidos a problemas físicos ou mentais, o ser humano deve ter um vocação e o direito a um emprego decente.

O difícil, porém, é saber para que serve cada indivíduo, o que ocorre é que se indaga ao jovem a profissão que quer seguir, e muitas vezes ele segue uma profissão que nada tem a ver com ele, simplesmente pelo fatores dinheiro, família, prestígios ou outros .

Se existe algo verdadeiramente importante no mundo, é o auto-conhecimento.

A partir do conhecimento de nós mesmos, de nossas potencialidades e vontades, podemos saber que vocação devemos tomar.

Quando alguém descobre sua verdadeira vocação, ela a transforma num apostolado, numa religião, e se converte a si mesmo num apóstolo da humanidade.

Quem descobre sua vocação íntima, ao se auto-descobrir, vê que é um simples instrumento do seu Real Ser, como no exemplo em que , para pintar uma casa, é necessário um pincel, para que o Real Ser particular e íntimo de cada ser humano possa realizar o seu trabalho, é necessário um veículo, e este é o ser humano, que , humilde e maravilhado, descobriu sua vocação.

Aquele que descobre a sua vocação já não corre atrás destas coisas vãs e ilusórios do eu, não busca a fama, o êxito, o dinheiro, ou o poder . Ele tem plena felicidade por ter respondido a um chamado interno, profundo, do seu próprio ser, e esta felicidade de realizar seu trabalho se torna plena por si mesma.

A verdadeira vocação tem o sentido de Agonia e Êxtase, tem que se realizar profundos sacrifícios, caminhar todo o calvário para conseguir, após tremendo heroísmo, o término de um trabalho glorioso, isto tem a ver com o trabalho de amor e sacrifício que Michelangelo realizou na Capela Sixtina, sacrificando anos inteiros de sua vida para que as pessoas tivessem uma visão que tocasse o divino, como bem descreveu Irving Stone no seu livro sobre este grande gênio, que depois foi transformado num filme com o mesmo nome.

A verdadeira vocação pode ser descoberta através do auto-descobrimento, mas também quando surge uma necessidade urgente, ou por fim, quando os pais e mestres conseguem observar a vocação e aptidões dos alunos e alunas.

O que ocorre é uma inversão de valores, vemos advogados que não defendem a justiça, e sim o dinheiro e o poder, vemos médicos que cobram os olhos da cara as pessoas que estão morrendo, vemos políticos e governantes enganando o povo e roubando descaradamente, vemos policiais que muitas vezes se tornam bandidos para a população, tudo isso por causa do eu, do egoísmo, do defeito, que se mete no meio, e faz as pessoas procurarem o dinheiro, o poder, a fama ... o resultado de tudo isso é a desestruturação de nossa sociedade, e como esta é semelhante a um motor, com suas partes que não funcionam, o resultado vem a ser o inevitável desastre, o fracasso, a destruição.

Gandhi descobriu sua vocação num momento crítico de sua vida, num momento em que uma situação séria reclamava imediato remédio; até aquele momento, Gandhi era um advogado como outro qualquer, mas quando sofreu um atentado contra os direitos dos hindus na África do Sul, cancelou sua viagem de retorno à Índia e começou a lutar pela defesa de seus compatriotas. A partir daí, desta necessidade momentânea, se encaminhou para a vocação de toda a sua vida: a defesa dos oprimidos.

A vocação de Gandhi levou a libertação da Índia sem violência, ao grande triunfo da não-violência contra a força bruta.

Gandhi, Michelangelo, Cromwell, Shakespeare, Mozart, Platão, Simón Bolívar, Santos Dumont, Airton Sena e muitos, muitos outros, descobriram sua vocação, alguns destes e outros procuraram desenvolver suas vocações e despertaram como gênios.

4. O Nascimento do GÊNIO

Os gênios surgem através do trabalho no interior humano, a partir da aniquilação radical do eu psicológico, dos defeitos, do egoísmo, combinada com a transmutação energética e com um intenso e infinito amor por toda a humanidade, como nos ensina o filósofo e antropólogo Samael Aun Weor em seus livros.

Desde a noite dos séculos, para o despertar dos gênios, é necessário realizar o duro trabalho dos três fatores da Revolução da Consciência.

Aniquilar radicalmente todo o egoísmo, todo o individualismo, para alcançar o Universal, o Ser Cósmico e Infinito, só é possível com a ajuda e auxílio de nossa mãe Divina Particular, se a todo momento, a todo instante, o devoto suplicar a ela a eliminação dos defeitos, do egoísmo, que surge espontaneamente no dia a dia, estes serão eliminados, e, uma vez eliminados, surgirá em seus lugares as virtudes do Ser.

Será com um jardim, após arrancar as ervas daninhas, poderá se plantar as flores.

“Do esterco do passado nascem as flores do futuro” certa vez escrevi, sem negar, com um pouco de humor (afinal, até a merda serve para algo belo!)

Os homens transcendentais, as mulheres inefáveis, surgem a partir da força poderosa da vida, assim, a força criadora do sexo é a que cria os gênios, esta energia, é devidamente

refinada e transmutada, em vez de ser desperdiçada e jogada fora como ocorre com os seres comuns e correntes, transmutada, através dos canais semi-etéricos de Ida e Pingala, permitirá que o homem e a mulher nasçam em dimensões superiores da natureza: construirão desta forma seus corpos astrais, mentais e causais .

Foram supra-sexuais , seres que trabalharam com a transmutação, os grandes mestres como Jesus de Nazaré, ou Buda, ou Hermes Trimegisto, ou Maomé, ou Lao-Tsé, ou Quetzalcoalt , ou Pitágoras, ou Krishna, enfim, todos estes grandes mestres que entregaram seus ensinamentos a humanidade trabalharam com o segundo fator, o nascimento alquímico.

Com a morte psicológica e a o nascimento alquímico surgem os gênios, o que Nietzsche chamava de super-homem:

“Chegou a hora do Super-Homem. O homem não é mais do que uma ponte colocada entre o animal e o Super-Homem, um perigoso passo no caminho, um perigoso olhar para trás . Tudo nele é perigoso. Chegou a hora do Super-homem.”

Com a consciência desperta, movimentando-se conscientemente nas dimensões superiores da natureza, conhecendo os mistérios da vida e da morte, o homem ou a mulher estarão prontos para ser simples veículos do próprio Ser, sem nenhum falso orgulho e com plena consciência de que é apenas um instrumento da vontade divina, como disse o próprio Kabir Jesus no gólgota :

“Que seja feita a tua vontade, e não a minha”

Estarão prontos para a grande missão, a grande obra: entregar conhecimento para humanidade, servir aos outros com sua vocação, este é o grandioso “Ama ao próximo como a ti mesmo”, o terceiro fator da Revolução, quem conseguir realizar este fator de forma completa, sempre buscando servir e ajudar aos outros, terá méritos para nascer como um verdadeiro homem ou mulher, um verdadeiro gênio da humanidade.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS – A CONCENTRAÇÃO NO QUE ESTAMOS FAZENDO

1. Encontrando a mim mesmo no nascer do sol

“Antes não me conhecia, estava perdido na noite, mas um dia vi que só estavas de costas para a luz, e só bastou me virar para ver que nunca estive perdido.”

o autor

ANTES DA AURORA

Antes da aurora pude sonhar com teu rosto
nas estrelas distantes, em outras eras, remotas
na antiga coluna do templo agora em ruínas
e no novo dia a surgir aos poucos sob as nuvens rosas.
Antes da aurora, em teu rosto, tão belo
brilhavam as estrelas, e o sopro do vento

anunciando o mistério, o mistério que quero
desvendar, dentro de mim, bem dentro dos teus olhos.
Antes da aurora, num corredor obscuro
havia as portas, mas todas fechadas
e em tuas mãos encontrei minhas chaves.
Antes da aurora, do resplandecer do novo dia
enfrentei a escuridão, o medo, abri a porta
um novo universo, que luz! É o sol ... que me acorda
O autor

Na aurora de um novo dia , no exato momento em que o sol se levanta no horizonte, o artista olhou compenetrado e com firmeza os tons dourados dos primeiros raios refulgentes, e jurou, com toda sua força, dedicar inteiramente sua vida a arte do Despertar.

Juramento ditoso ! Juramento além do tempo e do espaço !

O conhecimento da arte objetiva não é patrimônio de nenhuma época ou de nenhuma civilização .

A ARTE é universal, tanto neste nosso pequeno lar, o planeta Terra, como nos infinitos planetas e galáxias de nosso Universo.

A Minha pessoa, que nada vale e é menos que o adubo que fertiliza a Terra (mas mesmo assim pode se transformar em flores!), descobriu que o verdadeiro valor não é dar valor a si mesmo, e sim ao Real Ser, Ele é o Sol que nos Ilumina, a ele devemos dedicar todas as nossas forças, assim descobri quando comecei a me dedicar intensamente a arte do Despertar, nos idos de 1993.

Era um tenro rapaz de 17 anos, e, com muita alegria e deslumbramento fui investigando os maravilhosos segredos da arte esotérica .

Na verdade, pouca coisa conheço, e ressalta mais admiração pelo esforço do que o êxito em si, porém cabe relatar os poucos passos, já que estes são , não para me enaltecer, e sim para ajudar aos outros.

O primeiro passo é buscar a si mesmo, com calma e reflexão, se não buscamos a nós mesmos, a nos auto-conhecer e nos modificarmos, qualquer ato subsequente se torna inútil.

Já sabemos que todas as coisas do mundo são ilusão, são algemas que nos colocam para impedir nossa libertação.

2. a concentração no que realizamos

Devemos refletir diante das coisas diárias, ver as coisas além do tempo, e, ao mesmo tempo, eliminar qualquer reação interna.

Da mesma forma que vimos que a arte não é algo intelectual, o esoterismo também não o é, do que adianta lermos livros e livros envelhecidos e empoeirados, se não conseguimos olhar sequer nossa própria imagem diante do espelho ?

Andando numa rua, devemos ser objetivos, a primeira coisa é, quando realizamos algo, estarmos naquilo.(a concentração no que realizamos)

Neste caso, se andamos numa rua, devemos nos concentrar nos nossos passos, ocorre, porém, que andamos e vamos pensando no que vamos fazer amanhã, ou no que fizemos ontem, desta forma, com o pensamento se enredando como um tricô numa agulha, adormecemos e não percebemos as coisas ao redor.

Ao começar um novo dia, devemos anotar as nossas metas numa cardeneta, assim, no momento em que estamos andando, não devemos pensar no que iremos fazer depois, isto é um defeito, e devemos suplicar a nossa mãe divina que elimine.

No momento em que suplicarmos com intensidade, veremos que os pensamentos lutam para turvar nossa visão, mas, mantendo a atenção nas coisas ao redor, veremos detalhes antes não visto, porque? Porque os pensamentos e os sentimentos que nos atacavam em nossas andanças eram semelhantes a um nevoeiro, impedindo a visão detalhada das coisas.

Nunca estamos no mesmo lugar, assim, quando passamos numa lareira cheia de árvores, ela não é a mesma do dia anterior, as nuvens no céu não são as mesmas, muitas das folhas nas árvores caíram e outras novas nasceram, mas, adormecidos em nossos pensamentos, não nos damos conta, achamos tudo normal.

Só percebemos nossa mecanicidade quando algo inusitado ocorre, mesmo assim não damos atenção, quando, por exemplo, a geladeira é mudada de lugar, vamos mecanicamente ao lugar onde ela estava, e, no exato momento em que chegamos para a abrir, percebemos que ela não está mais lá, e lembramos que ela foi tirada do lugar; isto e muitos outros fatos mostram como andamos adormecidos.

3. A transformação das impressões

Segundo passo, estamos andando em nossa rua, e lembrando que este é um exemplo que deve ser aplicado a todos os fatos do dia a dia, e vemos uma bela casa, e a olhamos e pensamos, ou muitas vezes nem pensamos, só a contemplamos admirando sua beleza, aí, neste pequeno ato, há o esquecimento de si mesmo e portanto adormecimento da consciência.

Se lembramos que tudo é sujeito ao tempo, se refletimos que aquela bela casa, por ação de um terremoto pode, em apenas alguns segundo, virar poeira, que uma bela moça com o tempo se torna uma velha, se refletimos que uma casa é apenas um lugar para morar, e que em si não dá felicidade a ninguém, se refletimos em tudo isso no exato momento em que olhamos esta casa, e procuramos saber qual é a sua verdadeira realidade, estamos começando a ver além da ilusão, estamos começando a despertar.

4. Reflexão e oração

Terceiro, a medida que vamos refletindo sobre as coisas ao redor, transformando todas as impressões que nos chegam, vendo que elas são ilusórias, vamos perceber as reações mecânicas que elas nos provocam, os desejos e defeitos que se alimentam através destes adormecimentos, assim, ao ver um bela pessoa do sexo oposto, e refletirmos, veremos algo se mexendo dentro de nós, um desejo, querendo se satisfazer com aquela imagem e criar fantasias encima dela, observando isto, suplicamos a nossa mãe divina sua eliminação.

MÃE DIVINA! ELIMINA ESTA REAÇÃO (DE luxúria, de ira, de preconceito, etc.)

Realizando isto diariamente e a todo momento, estamos começando a despertar . O artista e o amante da arte irão, aos poucos, descobrir a arte esotérica.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO - A ARTE ESOTÉRICA DE HIERONIMUS BOSH

Este livro inteiro falou sobre a arte esotérica, os principais lugares e artistas descritos tem intensa relação com a arte esotérica , um dos expoentes desta arte, que merece ser estudado neste tratado mais profundamente é Hieronimus Bosh.

Hieronimus Bosh (c. 1450 – 1516) é autor de pinturas maravilhosas e enigmáticas, ele nasceu na Holanda, e logo se tornou conhecido por suas pinturas misteriosas.

O rei da Espanha possuía uma obra de Bosh que representava, em uma tábua de madeira usada como mesa, um tábua redonda, os sete pecados capitais: A LUXÚRIA, A IRA, A INVEJA, O ORGULHO, A COBIÇA, A PREGUIÇA E A GULA.

As figuras representadas nesta pintura, são patéticas: dominados pelos desejos, estão tomados das ações mais ridículos, como comer até explodir, ou brilhar sem sentido algum, destruindo tudo e a todos, no meio da tábua esta o olho de DEUS, que tudo vê, querendo com isto mostrar que, sob a Luz da divindade nenhuma pecado humano pode se manter oculto.

Sua obra mais maravilhosa é, na verdade, a sua última e grandiosa obra: O Tríptico do Jardim das delícias terrestres.

Neste tríptico Bosh trabalhou como um alquimista medieval trabalharia em seu laboratório, é um quadro enigmático, cheio de símbolos e imagens indecifráveis.

O tríptico é um quadro formado de três partes que se combinam, este tríptico de Bosh é muito peculiar, ocorre que ele pode ser fechado a semelhança de uma janela, sendo seu meio maior e os lados direito e esquerdo menores.

Desta forma, fechado, ele apresenta uma outra pintura: o mundo em seu princípio, Deus, no TERCEIRO DIA DA CRIAÇÃO ordenou para que as águas se juntassem e no lugar do encontro delas surgiu a terra firme, vemos o mundo de fora e ele parece sem vida ainda, em tons de cinza e verde.

Ao abrirmos o tríptico nos vem imagens cheias de vida, no painel a esquerda podemos ver o paraíso terrestre, com toda as suas variedades de árvores e animais, e o homem e a mulher recém-criados, se prestarmos atenção(aqui entra o primeiro I) poderemos notar os sinais da eminente tentação e queda: a árvore do conhecimento do bem e do mal, e já sabemos que o homem perderá o paraíso.

No painel central descobrimos que a Terra se tornou um jardim cheio de delícias e prazeres, as mulheres nadam nuas e convidativas num estanque, e, ao redor delas, os homens

cavalgam estranhos animais com um alarido ensurdecedor, tudo é libertinagem e abuso, e parece que não existe nenhum castigo, porém, há algo de estranho neste jardim, pássaros enormes observam os amantes em suas intemperanças como um mal presságio do que há de vir...

Enfim, no painel da direita, o resultado fatal de tanto abuso: o Inferno, lá, os seres humanos são torturados das mais terríveis formas, são devorados por demônios que logo os defecam em horrendas fossas, são caçados e torturados em instrumentos musicais, tudo é sofrimento, e no meio deste trágico destino uma face humana observa sem nenhuma alegria.

O que isto significa, porque o pintor representou o mundo nestas três etapas: paraíso (perdido), jardim das delícias (degeneração e abuso sexual) e o inferno (final fatal), qual foi sua inspiração para criar tal quadro? (segundo I)

Refletindo, receberemos um grande ensinamento, o quadro nos mostra o passado paradisíaco da humanidade, seu presente cheio de abuso sexual, e o destino de todo o abuso: as infradimensões da natureza, através desta reflexão vem, como por encanto, maravilhoso, a intuição clarividente (O terceiro I), que nos faz ver a realidade por trás das aparências ilusórias.

Mas o homem pode escapar deste destino, isto nos mostrou o esotérico Bosh, em quadros como AS TENTAÇÕES DE SANTO ANTÔNIO, que esta no museu do MASP, em São Paulo, ele revelou que aquele que busca o caminho, mesmo que tentado incessantemente por monstros-demônios com cara de peixes ou de pássaros podres ou o que quer que seja, se mantém firmes porque se apoiam no CRISTO, esta força universal dentro do ser humano que é o AMOR, o AMOR UNIVERSAL.

A própria crucificação de Bosh mostra o Cristo no meio de seres que, de humanos, só tem a vaga aparência, parecem mais bestas monstruosas com rostos deformados e apodrecidos pelos desejos de violência, luxúria e dominadas pelo egoísmo e pela escuridão espiritual.

Em outros quadros Bosch mostra o iniciado-santo no meio da natureza, em paz e harmonia com ela, conseguindo assim sua plenitude e liberdade dos desejos (é o caminho do filho pródigo, que retorna ao pai, devemos retorna a nossa mãe natureza e a ao equilíbrio natural para alcançarmos a paz e nossa verdadeira felicidade).

Bosch teve um sucessor, que foi igualmente original, Bruegel, numa pintura de Bruegel em que podemos ver milhares de crianças brincando descobrimos que as pessoas são crianças ainda, sem maturidade, ou em outra, como a vitória da morte, observamos que este mundo é cheio de fatalidades e tragédias.

Bruegel era um pintor que adorava a natureza e a beleza do mundo, mas em seus quadros colocava críticas sociais, como a parábola dos cegos guiando outros cegos e camponeses dançando ao redor de uma forca sem lembrar para que elas servem.

A arte esotérica de Bosh até hoje nos causa espanto, são visões fantasmagóricas saídas do próprio inferno e que revelam os temores mais profundos do ser humano: que se excesso e degeneração o conduzam diretamente ao painel da direita: O INFERNO!

CAPÍTULO VINTE E CINCO – A ARTE ESOTÉRICA DE ARCIMBOLDO

Durante o reinado de Rodolfo II, no império austríaco, o gosto pelo estranho, pelo espetacular, pelo maravilhoso se fez mais refinado: labirintos, jogos de luzes, objetos exóticos, animais pré-históricos, imagens duplas, tudo fazia de Praga a corte do fantástico na época do maneirismo .

Arcimboldo (c. 527-1593) se tornou o pintor desta corte, com seus retratos duplos: para representar a FLORA, a criava a partir de uma mulher feita de... flores!!!! Para pintar um bibliotecário, o construía a partir de... livros!!!

Assim era o pintor supremo das transformações, cada elemento é formado das partes que o constituem.

Assim, em seu quádruplo AS ESTAÇÕES, as criou a partir elementos que a constituem:

A primavera formada de flores, o verão de frutos vivos, o outono de frutos secos e o inverno de árvores com troncos envelhecidos e cogumelos, cada estação é um rosto humano formado dos elementos que a constituem.

Também fez e OS QUATRO ELEMENTOS formadas dos animais da natureza e elementos: a ÁGUA é um rosto formado de peixes e animais marinhos, além de pérolas e outros objetos do mar, O FOGO de elementos ígneos, como chamas, canhões, palha, etc., o AR é formado de pássaros, e a TERRA dos animais terrestres, todos os quatro, a semelhança das estações, formam rostos inacreditáveis a partir destes detalhes.

Arcimboldo foi imensamente crítico: fez o rosto de Herodes formado das criancinhas que ele mesmo assassinou, semelhante a Eva comendo a maçã, formada das crianças (as gerações futuras), condenadas ao pecado original.

Maravilha das maravilhas, segue o princípio de um cosmos dentro do outro, do “Tudo está em tudo” de Hermes, o princípio das transmutações e da imaginação clarividente.

Em seu VERTUMNO resumiu todas as transformações, neste quadro fez o retrato do imperador Rodolfo II como o deus romano que, para conquistar sua amada, se transforma em todas as frutas da natureza que sua amada, Pomona, protegia, o resultado desta transformação fantástica é o AMOR ETERNO e feliz entre os dois protetores da natureza, ele, dos jardins, ela, dos pomares.

Novamente, o Amor é vitorioso e capaz de todas as transformações, Arcimboldo em suas obras revela como os seres humanos e a natureza estão ligados, na criação de rostos com um tremenda criatividade.

Poderíamos nos estender infinitamente sobre Arcimboldo, mas basta contemplar seus quadros e se aprofundar no universo intuitivo para adquirirmos grandes conhecimentos sobre a natureza e nós mesmos.

CAPÍTULO VINTE E SEIS – A ARTE ESOTÉRICA DE LEONARDO DA VINCI

No alto do promontório, cercado por rochedos
uma gruta bem escondida guarda seus segredos
diante de sua entrada me invade um temor:
descobrir os seus mistérios ou fugir ao seu terror?
Enfrentando meu medo; avancei ao desconhecido
no princípio, tudo era total escuridão
mas aos poucos surgiu um lago adormecido
cristalino, etéreo, como uma ilusão.
De repente uma gota se arremessou pelo ar
e atingiu o lago com um estrondo a brilhar
fazendo surgir círculos de uma perfeita harmonia.
"Preste bem atenção no que estou a lhe falar
em tudo, em todas as coisas, há muita sabedoria!"
"Sim, messer Leonardo, como nesta poesia!"
o autor

Leonardo da Vinci foi minha paixão quando adolescente, o artista que mais admirei pelo SEU SONHO, e certamente quem mais citei neste TRATADO DE ARTE UNIVERSAL.

Nascido em 1452, Leonardo logo estudou, no atelier de Verocchio, a doutrina Neoplatônica, seu desejo de conhecimento era muito grande, como ele mesmo dizia: O conhecimento torna a alma jovem e diminui a amargura da velhice. Colhe, pois, a sabedoria. Armazena suavidade para o amanhã".

Conhecedor dos mistérios do Universo e desejoso de integrar em sua arte tanto a CIÊNCIA, como a MÍSTICA e a filosofia, Leonardo desejava aprender de tudo um pouco.

Entre seus quadros, dois se apresentam como os mais conhecidos e que possuem, claramente, um conhecimento esotérico: um, é a SANTA CEIA, o outro, a Mona Lisa.

1. A Santa Ceia de Leonardo da Vinci

Leonardo gostava de criar novas coisas, e na Santa Ceia ele criou uma nova tinta, que infelizmente levou a deterioração da obra, que começou a esfumar antes mesmo do seu término.

Nesta obra, exposta no convento de Santa Marie delle Grazie, Leonardo ordenou os apóstolos e CRISTO de uma maneira geométrica: Jesus, no meio da composição, como centro da visão e do ponto de fuga da sala onde eles ceiam, e os apóstolos agrupados em quatro grupos de três

Jesus possui metade da roupa vermelha, e a outra azul, estendendo a mão para dar o pão e abaixando seu rosto: seria o momento que entregaria o pão a Judas.

No entanto, este quadro representa mais do que isto, é na verdade uma representação astronômica, Jesus seria o sol, e cada discípulo seria uma signo do zodíaco, de Áries a Peixes, assim, cada discípulo da Santa Ceia, com suas reações diferentes ante a REVELAÇÃO de Jesus, representaria um tipo psicológico humano, como o cinturão do zodíaco, eles orbitam ao redor do sol central que é JESUS

Também a SANTA CEIA poderia representar ideias mais polêmicas, como nos sugere vários livros, entre eles o CÓDIGO DA VINCI, neste livro se comenta que ao lado de Jesus não estaria João, mas sim Maria Madalena, e os dois estariam de mãos dadas, representando o matrimônio sagrado entre ambos; como não há cálice na mesa, ela seria o cálice, ela seria o SANTO GRAAL, a atitude ríspida de Pedro ao eterno feminino seria explicado pelo gesto rude que faz perto de Maria Madalena, e aparece no quadro uma mão segurando uma faca que não pertence a nenhum dos personagens da cena.

2. O sorriso da Mona Lisa

O sorriso da Mona Lisa é por si mesmo indecifrável, mas podemos CONTEMPLAR esta obra e mergulhar nela segundo as etapas dos 3 Is.

Ela é uma jovem mulher, com as mãos apoiadas para um retrato, logo se percebe que ela não está com o cabelo totalmente solto, e sim usando um véu (seria o VÉU DE ÍSIS, o véu dos mistérios?)

O rosto da Mona Lisa pode ser dividido no meio, um lado é mais racional, mais masculino, porém, o lado direito, que esta sorrindo, é mais misterioso e insinuante, é o lado feminino, Leonardo consegue esse efeito levando o seu esfumato ao extremo.

Ela representa o ETERNO FEMININO, a MÃE DIVINA, com seu lado sério (marcial, masculino) e maternal (carinhoso, feminino)

Sua roupa, aparentemente preta, é na verdade de tons de verde e vermelho (as cores usadas pelas sacerdotisas de Ísis no Antigo Egito) que são as cores da ALQUIMIA.

Se observarmos atentamente veremos que ela está com as mãos pousadas no corpo, como que o protegendo, e só nos mostra nove dedos (nove é o arcano do eremita, no tarot, aquele que trabalha no seu interior, com a morte e com a alquimia)

Mergulhando mais profundamente no quadro, veremos dois caminhos, um a esquerda dela, e o outro a direita, o da esquerda se perde em lagos, o da direita, porém, já vai direto para as montanhas elevadas.

Até o nível da linha do horizonte esta 'errado', apesar de não percebermos se não colocarmos uma régua, o lado esquerdo (ao lado do rosto dela) está mais abaixo do rosto dela, enquanto a linha do horizonte salta mais para o alto no lado à direita do rosto, o interessante é que não percebemos esta diferença, que significado ela terá?

Os caminhos atrás dela representam os dois caminhos iniciáticos: a direita, o caminho que leva aos lagos, a senda do nirvana, uma senda maravilhosa mas que não leva diretamente a Deus, já o da esquerda, o caminho que leva as montanhas, é o caminho direto, o caminho revolucionário que leva a divindade e a auto-realização Íntima do Ser.

Muitos outros quadros, como a Virgem dos Rochedos, ou A Anunciação, ou desenhos, como o Homem de Vitruvius, revelam o esoterismo de Leonardo da Vinci, porém, já estudamos o suficiente dele neste tratado e guardaremos os outros estudos para outras obras.

Leonardo influenciou muitos artistas, em sua época e posteriormente. Michelangelo transmitiu vários conhecimentos esotéricos, como também outros pintores do renascimento e do barroco.

Melhor terminar com as palavras do próprio Leonardo, o qual muito admiro:

“ O amor à virtude te desvias das coisas vis e tristes e te faz contemplar as coisas virtuosas e honestas.

Tem tua pátria nos nobres céus, à maneira dos pássaros nos verdes bosques, sobre os ramos floridos;

E este AMOR se mostra melhor na adversidade, como a luz, que brilha mais quando está nas trevas".

CAPÍTULO VINTE E SETE - A ARTE ESOTÉRICA DOS SIMBOLISTAS E PRÉ-RAFAELITAS

1. Simbolistas

De Bosch, Bruegel, Arcimboldo, Leonardo e Michelangelo até os simbolistas do século XIX um longo caminho foi percorrido, vários artistas procuraram a arte objetiva, muitos a descobriram, poucos atingiram a plenitude nela.

Já vimos o trabalho de da Vinci, Michelangelo, Bernini, Goya, Willian Blake, passemos adiante até o simbolismo.

O simbolismo e seus artistas místicos provocam enorme atração em mim, certamente eles foram o contraposto da arte extremamente natural e de observação dos impressionistas, como Renoir e Monet, que amaram a natureza em si.

Os simbolistas descobriram os mistérios da reencarnação, do sansara, do karma, do nirvana, da vida e da morte que começavam a ser investigados na Europa no final do século XIX, procuraram retratar em seus quadros estes mistérios. Lembremos do pobre pescador de Puvis de Chavannes ou do Homem-Deus de Delville.

Jean Delville foi profundamente influenciado pelo idealismo, Cabala, mágica, Teosofia, e hermética filosofia e se tornou seguidor de Krishnamurti.

Reagiu contra o cientificismo materialista da época, e ele sentiu a si próprio completamente devotado a missão de retornar ao Divino Mistério do Universo através de sua arte e poesia.

Em seu desenho PARSIFAL pude sentir a beleza da inspiração, o coração ascendendo nas três chamas sagradas do AMOR, da PAZ, e da LUZ.

Nos parece que nasce atrás de Parsifal uma estranha e misteriosa flor mística que cobre sua cabeça.

Seus quadros ORFEU e O AMOR DAS ALMAS se elevando em nuvens alquímicas, representam mistérios do esoterismo.

Cabe citar, ainda, o magnífico Moreau, e as atmosfera de sonho dos quadros de Odilon Redon, dois místicos e visionários simbolistas.

2. Os pré-rafaelitas

Na Inglaterra surgiu um grupo extremamente místico e transcendental, que se auto-denominaram PRÉ-RAFAELITAS.

Desde grupo fazem parte o magnífico Dante Gabriel Rosseti, com suas mulheres místicas de cabelos ígneos, era um apaixonado amor por Shakespeare e por Dante Alighieri, seus quadros representam desde a bela mulher fatal, Lady Lilith, como a mística Beata Beatriz, plasma em suas figuras a vida de Dante, cenas encantadas e medievais, o amor a natureza e o culto A DEUSA.

Ele, e seus amigos Edward Burne-Jones, Willian Morris e John Everett Millais, anelavam resgatar o espiritualismo dos tempos antigos empregando suas pinturas de temas mágicos e de energia transcendental.

Willian Blake, para eles era o grande iniciador desta arte espiritual, procuravam as lendas medievais e os ensinamentos arcaicos dos druidas e dos magos, deste movimento de busca ressurgiria posteriormente a famosa wicca, que é muito divulgada atualmente.

Eles esqueceram, porém, das misérias de sua época, das cidades poluídas e dos sofrimentos do ser humano, buscavam a mulher perfeita, angelical, e o mundo transcendental.

Exemplo disso é Ofélia de Millais, neste quadro a personagem de Shakespeare, de sua peça Hamlet, está no momento de sua morte: cantando a flutuar sobre as águas do lago, sabemos do seu futuro, será arrastada ao fundo das águas e morrerá afogada, porém, no quadro, entre as flores, ela parece uma ninfa em seu ambiente aquático, nenhuma preocupação existe, somente a contemplação mais bela e perfeita, que nos faz mergulhar num mundo de sonhos e devaneio.

Assim são todos os quadros dos pré-rafaelitas: janelas para o mundo da imaginação e da clarividência, ótimos para a prática de concentração e desenvolvimento subsequente da imaginação, da inspiração e da intuição.

CAPÍTULO VINTE E OITO – JOHFRA BOSCHART

Em 1998 morreu Johfra, o maior pintor esotérico da atualidade, que uniu em sua arte tudo o que antes havia sido criado: a arte fantásticas de Bosch (como seu nome artístico nos sugere), as duplas imagens, de Arcimboldo a Salvador Dalí), o gnosticismo, a alquimia e a cabala, as tradições orientais, o neoplatonismo de Leonardo da Vinci; enfim, Bosh, desde sua tenra juventude, foi um investigador incansável, e sua obra vai muito além dos DOZE QUADROS do ZODÍACO pelos quais é universalmente conhecido.

A juventude de Johfra – Salvador Dalí e Einstein

Johfra, Franciscus Johannes Gijsbertus van den Berg, nasceu em Rotterdam, no dia 15 de dezembro de 1919.

Ellen Lorien, sua segunda esposa, assim o definiu: " Ele era um sonhador quando criança, muito pensativo, tinha dificuldade que se concentrar na escola. Ao invés das lições de matemática, ele preferia observar os padrões minuciosos que se manifestavam nas pedras, raízes, e nos troncos das árvores. As nuvens especialmente o fascinavam, nelas ele procurava faces e o jogo de luz e sombra ".

Nesta época o surrealismo se expandia na Europa, influência direta da libertação do subconsciente sugerida por Sigmund Freud, escolas esotéricas como a Rosa-Cruz, onde o pintor esotérico Jean Delville se desenvolveu, provocavam inquietudes num mundo conturbado por guerras mundiais.

Salvador Dalí se tornaria o expoente do surrealismo, realizando seus primeiros quadros famosos no final dos anos de 1920, em especial A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA, onde os relógios estão derretidos e existe uma estranha realidade.

Estranha realidade, além do espaço físico, comprovada na mesma época pelas teorias de Albert Einstein, o mundo não era mais uma realidade física: a quarta dimensão, o mundo tetradimensional einsteiano havia substituído definitivamente o mundo tridimensional de Newton, revolução nas ciências, nas artes, nas filosofias, e na mística, tudo isso influenciaria o jovem Johfra, fugindo das teorias escolares.

Salvador Dalí trabalhou na Europa até a Segunda Guerra, quando partiu para os Estados Unidos, onde pintou seus quadros da fase atômica, em especial sua A INSTITUIÇÃO DA SANTA EUCARISTIA, quadro divino onde mostra um Jesus belíssima, numa paisagem magnífica de um lago, e os apóstolos ao seu redor mergulhados em oração sobre uma mesa de pedra, e, sobre ele, um dodecaedro, símbolo com o qual os antigos representavam o Universo, e acima de tudo o busto de um homem (não se mostra a cabeça) com os braços abertos.

Aliais, nesta época, não apenas Salvador Dali, mas também grande parte dos artistas migraram para os Estados Unidos, e Paris, a partir de 1945, deixou de ser o centro cultural do mundo, uma nova cidade despontou como tal: Nova York.

O talento de Johfra foi percebido logo cedo: aos 14 anos foi admitido na Royal Academia de Hague, onde não aproveitou as aulas, mas sim o estudo das obras da antiguidade, foi onde encontrou seu grande Mestre: Leonardo da Vinci, era o ano de 1933, e o jovem Johfra começou a trilhar os caminhos da arte.

Numa propaganda nazista intitulada 'Ontaarde Kunst' (Arte Imprópria), foi Johfra encontrou a arte dos surrealistas: Ernst, Tanguy, e Magritte, os trabalho de Dali, que chacoalharam o espírito do jovem artista, que acrescentou este Mestre moderno aos seus clássicos, neste período ele até passou fome, mas não desistiu de forma alguma de sua carreira artística.

2. Johfra , a Segunda Guerra Mundial e a Arte de Hitler

Parece até uma ironia do destino Johfra ter encontrado os seus mestres modernos do surrealismo, Dalí e Magritte, numa propaganda nazista contra esta arte dita “imprópria”.

Hitler, em sua adolescência, foi um artista frustrado: foi reprovado no exame de Belas Artes por falta de talento, quando tomou o poder, em 1933, colocou em prática seu plano estético de criar uma nova arte clássica de proporções imperiais, semelhante a do antigo império romano, e iniciou intensa propaganda e perseguição a arte considerada “imprópria” e “degenerada”, esta era a ARTE NAZISTA, a arte dos antigos que estaria ressurgindo para mostrar o esplendor do TERCEIRO REICH.

Artistas modernos, como os surrealistas e os expressionistas foram perseguidos, suas obras apreendidas e proibidas de serem vendidas, e muitos deles, inclusive, até morreram.

Com a segunda guerra, a Holanda foi invadida em 1940 pelo exército nazista, servindo de ‘caminho’ para contornar a “linha maginot”, sistema de proteção considerado invulnerável construído pela França para proteger seu território da belicosa Alemanha nazista.

Em 1945, um bomba aliada destruiu quase todos os trabalhos que Johfra havia realizado durante este período: umas 400 pinturas e cerca de 1000 desenhos.

Ao invés de ficar deprimido, este acontecimento lhe serviu de estímulo para começar novamente, seus primeiros trabalhos combinavam elementos clássicos, em paisagens de sonhos, e temas surreais, ele foi duramente criticado, mas continuou adiante.

3. Johfra em Hague e na França – a beleza do nu artístico

Em 1945 Johfra estabeleceu um atelier em Hague, e começou a trabalhar com nus artísticos mitológicos, como Andrômeda, com o intenso erotismo sagrado que já estudamos neste livro.

Em 1946 ele conheceu a pintora Angèle Thérèse Blomjous, ele escreveu em seu diário que quando a viu: “teve um pânico inexplicável e um desejo de escapar, por fim os dois se tornaram íntimos, e começaram a trabalhar juntos, foram para Paris em 1947, onde fizeram vários estudos e progressos, sempre trabalhando juntos, se casaram em 1952, e ela adotou como nome artístico um dos apelidos que Johfra lhe deu: Diana.

Desta forma, Johfra começou a trabalhar com temas esotéricos, fazendo inúmeras séries de inspiração rosa-cruz, sua fama se expandia, assim como seu perfeccionismo.

4. Os Alpes Marítimos e o Zodíaco

Com Johfra e Diana estudou a jovem Ellen Lorien, quando a relação entre os dois pintores se deteriorou, a jovem discípulo acabou se casando com seu mestre, em 1973, e construíram um cabana ao sul da França, perto dos Alpes.

Já famoso, ele pintou as obras que o tornariam célebre internacionalmente: O ZODÍACO, série dos doze quadros do zodíaco, iniciada em 1973, cheia de símbolos herméticos, esotéricos, gnósticos, e propícios para a concentração, para o desenvolvimento da imaginação, da inspiração e da intuição (os três Is).

Foi também em 1973 que Johfra concluiu sua obra-prima, o TRÍPTICO DA UNIÃO MÍSTICA, que comentamos já no prólogo ao Tratado, esta obra me abriu os olhos a arte esotérica transcendental, mais do que todos os quadros de Salvador Dali (que nesta época, os anos de 1960 e 1970, estava ‘explodindo’ seus quadros em sua fase atômica, de grande perfeição clássica e duplas imagens inacreditáveis.

O próprio Johfra escreveu um livro explicando os seus quadros e os signos da astrologia em 1981, mostrando suas reflexões sobre as imagens simbólicas dos quadros e seus significados íntimos.

Nesta época ele viveu e trabalhou em seu atelier semelhante a um alquimista num laboratório medieval: seus quadros são as cristalizações de imagens superiores, igual a um alquimista, um mago, como vimos ao adentrar com a imaginação em seu atelier cheio de artefatos místicos, paisagens transcendentais e livros.

Maturidade do artista e sua morte

Johfra e Ellen construíram uma bela propriedade numa região do sul da França, surgiu uma galeria, e foram reconhecidos os trabalhos pictórico-esotéricos do mestre, sua fama cresceu, e escreveu seu livro biográfico Sinfonia Fantástica.

Nos anos de 1980 as figuras mitológicas abundaram, como sátiros, faunos, fadas, gnomos, e outro grande tríptico antecedeu esta mudança, o TRÍPTICO DE ADORAÇÃO A PÃ, que mostra a humanidade de certa forma ébria e perdida nos abismos, semelhante ao tríptico de Bosch.

Ao morrer, em 1998, deixou uma grande herança e inúmeros seguidores, impulsionando a arte esotérica atual.

6. A Arte Esotérica Atual – Andrew Gonzales e David Camp e outros

É difícil avaliar a produção atual, por estarmos ainda dentro dela e não conhecermos profundamente todos os artistas ao redor do mundo, suas vidas e suas buscas.

Posso falar principalmente dos artistas e amigos que vim a conhecer e admirar pela internet, e através do olhar crítico, sentindo a beleza estética e a busca espiritual em muitos destes artistas .

Podemos falar das angelicais mulheres de Jonathon, das sublimações energéticas de Andrew Gonzalez, com suas figuras humanas que lançam raios de luz como extensões de seus próprios corpos, famosos são seus quadros LOVE OF SOULS e seus anjos, sua produção se iniciou nos anos de 1990 e tem ampla divulgação mundial.

David Camp, o precursor da Arte Digital com suas cores e imagens surpreendentes, certa vez comentei a este artista americano que ele estava entre os principais artistas que admirava, juntamente com Johfra e Andrew Gonzales, e nos comunicamos algumas vezes.

Também podemos citar a grande obra de Alex Grey, o artista tântrico, dos chacras, das energias cósmicas, que consegue colocar em sua tela todo o universo energético de forma magnífica e plástica .

Poderíamos falar ainda de Carol Carrol, de Jay Willians, das paisagens de Diana Dru e Nomad, a abstração de Charlotte Geiez, entre muitos outros...

7. A Música New Age de Enya

Falamos aqui tão somente de pintores, o que é de todo injusto, podemos citar o grande movimento da arte new age, com a música transcendental de Enya, por exemplo, magnífica, cheia de inspiração celta e magia, ou o Kitaro, entre muitos outros...

Na música, como na pintura , a arte no século XXI esta dando oitavas no desenvolvimento da sensibilidade, da consciência cósmica, da Revolução da Era de Aquário, isto ocorrerá também em outras artes, como na dança.

Desde muito cedo me apaixonei pela arte de Enya, que escuto para pintar e inspirar meus quadros, juntamente com Mozart, outras cantoras e cantores atuais merecem destaque, principalmente àqueles que resgatam as tradições arcaicas, os ensinamentos cósmicos e fazem vibrar suas músicas dentro da harmonia das esferas.

Estes artistas e outros, menos conhecidos do que os inúmeros “modernos” dos vários ísmos atuais, terão suas obras reconhecidas no século XXI e XXII em diante.

Neste momentos está se formando uma nova escola de estudos semelhante ao Renascimento, que será chamada de O Despertar , ela será muito fundamental para a renovação das artes nos próximos séculos.

CAPÍTULO VINTE E NOVE – A LEI DO SETE E A ARTE RÉGIA DA NATUREZA

“Tal como é encima, é embaixo, tal como é embaixo, é encima

(...)

Dou-te Amor onde está contido todo o sumun da sabedoria”

Hermes Trimegisto

1. A Lei do Sete

A arte esotérica é regida por uma lei superior, esta lei é chamada de Lei do Sete.

A arte esotérica é o centro da Arte Objetiva, Universal, Cósmica.

A própria construção do Universo é regida por esta lei maravilhosa, a criação e a própria destruição das obras de arte obedecem a esta lei:

Na Bíblia o mundo foi criado em 6 dias, e no sétimo Deus descansou, portanto, toda a criação leva o 7 (dias, anos, idades, épocas ...)

O arco-íris, que é a cor branca decomposta, tem 7 cores.

A música se baseia nas 7 notas fundamentais.

São 7 as virtudes principais do Ser e são 7 os pecados capitais.

Desta forma, tudo no Universo obedece esta lei maravilhosa, lembremos que são 7 Cosmos, um imerso dentro do outro :

O Sol Espiritual, o Universo, as galáxias, os sistemas solares, os planetas, os seres humanos, o subconsciente (universo interior) .

No Homem, há 7 chakras principais, assim como são 7 os principais planetas conhecidos desde a antiguidade (Lua, Vênus, Mercúrio, Sol, Marte, Júpiter e Saturno).

A Arte Objetiva se baseia na Lei do Sete, nas obras sujeitas ao tempo esta lei atua, desta forma, ocorre quando encontramos uma estátua grega, sem sua cabeça ou com vários membros decepados, ou mesmo apenas um dedo lhe faltando, e observamos a harmonia desta peça com seus pedaços perdidos, tanto que não conseguimos imaginá-la de outra forma; nestas faltas e rachaduras há a ação da Lei do Sete, para indicar que nesta estátua existe um ensinamento, uma verdade cósmica, que deve ser descoberta através da intuição.

Nada é por acaso, assim como sucede com as obras das civilizações antigas, acontece com a natureza , nela está agindo a todo o momento a lei do Sete, esta lei maravilhosa da criação, a cada momento o Criador brinca com as nuvens, criando novas formas, a cada dia um novo por do sol com milhares de matizes, transmitindo nos algo, a beleza das árvores que crescem harmoniosamente, a água que desce uma cachoeira, tudo na natureza é regido pela Lei do Sete, esta beleza que é inerente a natureza e a toda obra divina é chamada a Arte Régia da Natureza.

Existe conhecimento em tudo, basta estarmos com os olhos abertos para descobrirmos.

2. A Arte Régia da Natureza

A Filosofia a que a entende
vem demonstrando, em quase toda parte,
que da natureza o defluir depende
do divino intelecto e da sua arte.
E, se a Física leres com clareza,
terás em verdade deparar-te:
Segue tua arte as leis da natureza
como do mestre o aluno obediente.

Divina Comédia, Canto XI do Inferno, de Dante Alighieri

Assim, a natureza, como obra do Grande Artista, é modelo para a Arte Objetiva-Esotérica, esta natureza não se limita apenas ao físico, ela também ocorre no plano etérico,

onde vivem os elementais da natureza, e onde temos nosso corpo vital, o qual começa a ser representado em arte, conhecido por sua parte exterior: a aura .

Na antiguidade, a aura era representada simbolicamente pelas auréolas ou pelo jogo de luz, mas, atualmente, os artistas procuram “ver” esta aura através do olho da imaginação para depois representá-las plasticamente, isso ocorre com pintores como Andrew Gonzales ou a minha insignificante pessoa.

Mais além do físico e do vital está a quinta coordenada, o artista objetivo observará a natureza no mundo astral, no qual podemos citar o seguinte relato:

“Um artista, ansiando conhecimento, chegou juntamente com um amigo a um grande salão cheio de obras de arte, ele estava em astral e tinha plena consciência deste fato, pois se lembrava quando saíra do seu leito horas antes e se dirigira até o local do encontro com o citado amigo, ao entrarem no salão, ele pode observar uma porta que levava a outra sala, então passou por ela, e para sua surpresa, viu nesta sala seus próprios quadros, muitos dos quais ainda não haviam sido feitos, ele refletiu e compreendeu que aquelas obras eram do seu Real Ser, e ele deveria plasmá-las fisicamente.”

Um mestre, ao entrar num templo na dimensão astral, pode observar que vários quadros tinham figuras encantadoras, e essas figuras se moviam e tinham vida própria, era a Arte Régia da Natureza, ele ficou tentando tocá-los, mas, sabendo que isso era terminantemente proibido, não o fez.

A Arte Régia da Natureza vai muito além deste mundo físico, em dimensões superiores poderemos entrar em templos de arquitetura maravilhosa, rodeados de jardins cheios de fragrâncias inefáveis, observar belas obras de arte que possuem vida própria, escutar músicas inefáveis e espetáculos cósmicos em anfiteatros da arte esotérica. Para chegar nestes templos precisamos praticar a VIAGEM ASTRAL.

CAPÍTULO TRINTA – A MUSA E A MÃE DIVINA

1 . A Musa inspiradora

A musa é a inspiração dos poetas e artistas de todos os tempos.

Dante amou intensamente Beatriz, colocando-a no céu rezando por sua alma, e, assim como Dante, muitos artistas elegeram sua musa, elegendo-as como a inspiração para suas artes .

As musas eram nove irmãs filhas de Zeus (o deus supremo) e Mnemósine (a deusa da memória), elas eram: Calíope (inspirava a Eloquência), Clio (a História e a poesia épica), Érato (a poesia triste), Euterpe (a música) Melpómene(a tragédia), Polímnia (a poesia lírica), Talia (a comédia e o idílio), Terpsícore (a dança e o canto) e Urânia (a astronomia) .

Cada ser humano tem uma musa, uma parte do ser que lhe inspira, que vem de sua própria alma, sua alma divina que deve resgatar.

Os vários aspectos da deusa nos servem de união do ying-yang, como nos falam as antigas filosofias orientais: o homem é o caminho, a mulher, a meta.

Assim, para chegarmos a nossa meta, reconquistar nossa alma pura e divina, a vemos espelhada na figura de um mulher: a Musa, Beatriz representa a própria alma de Dante, que deve descer até os infernos junto com seu mestre Virgílio (que vem do grego Vara – que é a vara que se levanta a serpente, o kundalini, o poder serpentino de despertar), descobrir seus erros interiores e destruí-los, passando também por um processo de purificação(o purgatório), para retornar ao céu, onde está sua amada Beatriz (a alma divina).

Mas, para alcançarmos nossa alma, precisamos de um espelho, e este espelho é a amada mulher que o poeta, que o artista ama.

A mulher amada é o espelho de nossa alma, é o fiel reflexo de nossa musa interior. Sem ela seria impossível nos auto-realizar ou trabalhar completamente sobre si mesmo, assim como no quadro AMOR DAS ALMAS (de Delville, e outro com o mesmo nome de Andrew Gonzáles) o homem e a mulher são duas asas de um mesmo Ser, que devem se unir para se elevar espiritualmente.

Por isto, o AMOR é a forma mais sublime de mística, de arte, de filosofia, e de ciência, também busco este amor, e todos deveriam buscar, para se reencontrarem com sua alma perdida.

Mesmo que não acreditem em ALMAS GÊMEAS, e indispensável ao homem uma mulher, e a mulher um homem, para o seu caminho interior, um auxiliará o outro, e o casal, a medida que despertarem seu verdadeiro Ser se transformarão em verdadeiras ALMAS GÊMEAS que voarão juntas rumo ao infinito.

A Mãe Divina – oração de Dante Alighieri

Outra parte divinal da Deusa é a Mãe Divina Particular, representa por Maria no cristianismo, Dante, ao chegar ao céu, após ver o Sol Espiritual, ora a ela, com toda a sua devoção.

E Ela, a Mãe Divina Particular, que conduzirá seu filho pelos Mistérios do Universo e da Arte Esotérica.

Dante Alighieri, no final de sua grande obra A DIVINA COMÉDIA, assim fala sobre a Mãe Divina:

“(...)Orando, rogue auxílio à Mãe Divina, que só com ela podes contar agora. Escuta-me com fervor.”

Em seguida, assim ele ora, de todo coração, contemplando a Mãe Divina:

“Ó Virgem mãe, filha de Teu Filho, a mais humilde e mais alta das criaturas, termo dos desígnios eternos! Enobreceste tanto a natureza humana que o Criador não desdenhou tomar a forma de sua criatura.

Em teu seio fulgiu o amor que, ardendo pela eternidade, germinou esta imensa rosa! (o sol espiritual, com todos os anjos e seres conscientes) No céu, és a meridiana luz da caridade; na Terra, a fonte vida da esperança para a frágil humanidade! Tanto podes, Senhora, és tão grande, que pedir graças ao Céu sem teu auxílio é o mesmo que querer voar sem ter asas! Tua benignidade não socorre unicamente a quem ora, pedindo; mas antes, vezes sem conta, antecipa o pedido e a prece! Em ti a misericórdia, a piedade, a doçura estão somadas a uma bondade infinita!

Este, que do mais baixo degrau do mundo subiu a esta altura, observando os degraus da vida espiritual um a um, de ti suplica a graça de receber virtude suficiente para, com os olhos, elevar-se à Suma Virtude. Eu, que com meu ardor jamais pedi tanto, rogo-te atendas ao seu apelo! Com tua virtude seja dissipada a densa nuvem de sua condição mortal, a fim de que lhe seja possível divisar o Sumo Fator. E mais ainda te rogo, ó Rainha: depois de haver alcançado tão alta visão, que a sua alma seja conservada pura, inimiga do pecado (dos defeitos e erros, os egos). Que tua proteção vença, nele, as paixões humanas. Olha Beatriz (minha alma), olha os santos (seres perfeitos e sem pecados) que, de mãos unidas (um só com a divindade e com o Universo), comigo vêm orar!”

Mãe Divina, Santa, Sagrada, Suprema, Perfeita, assim como Dante, suplicamos que ilumine nossa alma, que nos guie e inspire até os céus, que nos faça criar obras que nos unam a harmonia, a paz e a felicidade, que reconquistemos nossa alma, nossa musa perdida, e que eliminemos todos os erros e defeitos que são a causa de todo o sofrimento e de toda a dor.

CAPÍTULO TRINTA E UM – ILUMINAÇÃO E BODHISATVA

A arte e o espelho

O príncipe Sidarta Gautama, ao abandonar sua vida confortável aos 29 anos de idade para resolver uma questão que o indagava por dentro: o que nos move, a sensação que há algo tremendamente errado com a existência.

Após obter a iluminação e ‘DESPERTAR’ para a verdade, Rahula, seu filho, se tornou um dos seus discípulos, numa passagem clássica do texto budista Majjhima-nikaya, o ‘desperto’ (a palavra Buda significa desperto), instrui seu filho, o ‘acorrentado’ (Rahula significa acorrentado), usando a imagem de um espelho.

O que você acha disso, Rahula? Qual é o propósito de um espelho?

Seu propósito é REFLETIR, reverendo senhor.

Mesmo assim, Rahula, algo deve ser feito com o corpo depois de muito REFLETIR; algo deve ser feito com a fala ... com a mente depois de muito REFLETIR.

A mente deve ser um espelho, ver a si mesmo sem se identificar com os próprios pensamentos, atos, sentimentos, como se estivéssemos vendo a outra pessoa.

A arte age maravilhosamente com o espelho para a auto-descoberta.

As técnicas de auto-conhecimento, de auto-observação, como também os sonhos e as viagens astrais, e a técnica suprema da meditação.

Compreender que não vemos o mundo como ele é, mas sim como imagina nossa mente é fundamental, o que vemos é uma imagem e não há realidade, para podermos compreender e vivenciar a realidade de algo, além do tempo e do espaço, de impermanência de todas as coisas, devemos transformar nossa mente num espelho, para alcançar a iluminação.

Continuando com os ensinamentos de Buda:

“Se você, Rahula, refletir assim: aquele ato que desejo fazer com o corpo é um ato de meu corpo que levaria ao mal de mim mesmo e dos outros, e ao mal de ambos; esse ato do corpo é impróprio, seu fruto é angústia, seu resultado é angústia – um ato do corpo assim, Rahula, você certamente não deve fazer.

Esta compaixão, ver-se em todos os seres, é o princípio da iluminação, é quando deixamos de ser uma parte e nos irmanamos com o todo, com todo os cosmos, os refletindo.

A dor e o prazer

“O prazer e a dor são representados como gêmeos, pois um nunca existe sem o outro, e é como se fossem unidos pelas costas, pois são contrários.

Continua assim o sábio da Vinci: “Se você escolher o prazer, saiba que ele tem atrás de si alguém que lhe trará atribulações e arrependimento.

Isto é o prazer junto a dor e eles são representados como gêmeos porque um nunca é separado do outro. São feitos com as costas voltadas, um contra o outro, porque são contrários; eles existem no mesmo corpo porque tem o mesmo fundamento, pois a origem do prazer é o TRABALHO COM DOR, e as origens da dor são PRAZERES VÃOS E IMORAIS. E, portanto, ele é representada aqui com o junco na mão direita, que é inútil e sem força, e as feridas por ele são envenenadas.”

Assim da Vinci descreve o desenho do Prazer e Dor, esses gêmeos que se entrelaçam e fazem toda a humanidade sofrer na miséria espiritual, devemos buscar o TRABALHO COM AMOR e o ÊXTASE ESPIRITUAL, invés do trabalho com dor (o trabalho material ligado apenas a querer possuir mais e dominar, cheio de inveja e cobiça) e o prazer imoral (luxúria, gula, preguiça, etc.) .

No trabalho com amor e no êxtase transcendental suplantamos a dualidade prazer-dor.

A arte objetiva é uma escada para o êxtase.

Na arte podemos chegar ao Shamadi.

Contemplando as mandalas sagradas os monges budistas entram em transe.

Escutando o mantra universal, a parte se une com o todo.

“A parte sempre tem uma tendência a se unir com seu todo para escapar da imperfeição” assim disse o sábio da Vinci.

“O imperfeito será perfeito”, está é a lei da compensação ensinada por Lao-Tsé.

Vencendo a dualidade, a ilusão, sendo reflexivos, eliminando os desejos, como já foi ensinado neste tratado atingiremos a iluminação e nos tornaremos bodhisatvas.

Você é um bodhisatva

“Enquanto não estivermos compromissados, haverá hesitação, a possibilidade de recuar e sempre a ineficácia em relação a todos os atos de iniciativa e de criação, existe uma verdade elementar cuja ignorância mata inúmeros planos e ideias esplêndidas: que no momento em que definitivamente nos compromissamos, a providência divina também se põe em movimento... todos os tipos de coisas ocorrem para nos ajudar, que em outras circunstâncias nunca teriam ocorrido.”

“Todo um fluir de acontecimentos surge a nosso favor como resultado da decisão, todas as formas imprevistas de coincidências, encontros e ajuda material, que nenhum homem jamais poderia ter sonhado encontrar, em seu caminho... qualquer coisa que você possa fazer ou sonhar, você pode começar, a coragem contém, em si mesma, a força e a magia .”

GOETHE

Compromissados com este caminho, com coragem para trilhá-los, compreendendo que somos um com o Universo (a inteligência cósmica, o macro e micro-cosmo, que possuem a mesma estrutura e estão unidos e se refletem um ao outro), caminhemos pela senda da auto-descoberta, do auto-conhecer através da arte transcendental, da ciência objetiva, da mística cheia de compaixão por todos os seres e plena de humildade, despojamento, desprendimento, sem se importar com a riquezas nem com a miséria, somente com o equilíbrio interior pleno e profundo, com a busca das virtudes que é o centro de toda a filosofia do Ser, assim nos vamos.

No budismo tibetano a figura do Bodhisatva é muito importante, ele abdica da iluminação total para ajudar aos outros seres a se libertarem.

A pessoa que almeja a senda do conhecimento, o candidato a bodhisatva (e a artista Universal), deve se comportar como se já estivesse livre de ego.

Para ser mais claro, ele deve agir (você deve agir) como se tivesse já alcançado o estado de Bodhisatva, isto é uma prática que podemos chamar de: ‘já cheguei’

Certa vez, um monge budista foi realizar uma viagem, auxiliado com um amigo que lhe fazia todos os favores, mas este amigo nunca relaxava, sempre ficava agitado esperando o fim da viagem, e nem sequer aproveitava a viagem.

O monge lhe falou que devia ser como ele: eu não estou viajando para tal lugar, simplesmente já cheguei.

Ora, se temos nossa mente na meta, tendo certeza absoluta que chegaremos lá, e que nada poderá nos impedir, nossa mente se torna tranquila, nos enchemos de coragem e força, afinal “todo o universo conspira a nosso favor quando tomamos a decisão.

Assim, o amigo do monge lamaísta (budismo tibetano) compreendeu a prática e aprendeu a relaxar, imaginando que estava em sua meta.

Sabemos que a imaginação tem um poder maravilhosa, a “imaginação é ver”.

O que impede o estado de iluminação, o estado búdico é Maya, que, como já estudamos, é a Ilusão.

Assim, desta forma, quando acreditamos profundamente, e praticamos também intensamente, se dissolverá a ilusão e, conseqüentemente, nós seremos o Buda, o desperto.

É uma ilusão o fato de não sermos Iluminados.

Portanto, meu amigo, você é um bodhisatva, comece a se sentir iluminado, e é claro, faça de tudo para que realmente atinja este estado, só não confunda imaginação com a realidade.

O fato de imaginar já ter chegado não quer dizer que já chegou realmente, mas que consegue ver seu futuro estado dentro do seu estado presente.

O caminho é muito longo, porque não diríamos, uma escada para o infinito, por mais perfeito que você consiga ser, mais perfeição existirá.

Portanto, sempre trabalhe, sempre se esforce, e acima de tudo e de todos, tenha um compaixão suprema por todos os seres, ame a tudo e a todos, e seja extremamente humilde, você é quase nada perto do Universo, apenas um grão de areia... mas seu brilho pode ser o reflexo da luz do Sol...

Eis o barco : a Gnose

Igual ao budismo, o auto-conhecimento (A Gnose, ensinada na época atual por Samael Aun Weor) é um barco.

O barco transporta do real para o irreal.

Quando realizamos a travessia, o barco é extremamente útil.

Porém, ao concluí-la, não sairemos carregando o barco nas costas, porque ele se tornou inútil, então os ensinamentos, o budismo, a gnose deverá ser abandonada.

“Nunca imites ninguém. Que a tua produção seja como um novo fenômeno da natureza”
Leonardo da Vinci

As teorias são abandonadas como roupas velhas quando retornamos ao mundo da verdade, nada pode explicar este mundo.

A verdade nua dispensa religiões, filosofias, ideias, ciências...

Ela é direta, cósmica, única, universal, e portanto, incompreensível a mente humana que se torna dispensável quando se atinge o nível da INTUIÇÃO CÓSMICA.

A Intuição Cósmica

Partindo da imaginação, subindo aos níveis da inspiração, por fim o iniciado comunga com o Universo no nível da Intuição Cósmica, este é o verdadeiro Shamadi.

“Tudo está em tudo”, esta verdade de Hermes só pode ser vivenciado em profunda meditação búdica.

O pensamento morre na porta da meditação.

Imaginemos que nossa mente é um computador, com seus programas, mas limitado, a intuição vem a ser a união de diversos computadores em rede, ou seja, semelhante a uma internet, nos conectamos a nossa mente a todas as mentes, quando maior a intuição, mais rápida a velocidade de conexão.

Por fim, ao atingir a Intuição cósmica, seria a mesma coisa que chegar A FONTE, um supercomputador capaz de realizar todos os cálculos e processos imagináveis, onde estão fundidas todas as possibilidades matemáticas, o todo, um computador que permite ver todos os lugares, tempos, espaços, acontecimentos, sentimentos, pensamentos, de forma simultânea como em diversas telas, um computador onisciente e onipresente, é ser Deus.

No filme Matrix Reloaded a Fonte, após muitas portas superadas, e com as chaves do auto-conhecimento, é atingido pelo Escolhido(o Bodhisatva), ali é possível ver tudo e compreender sua origem e seu futuro.

É claro que o Bodhisatva, renunciando a iluminação total, o caminho nirvânico, renuncia a esta ‘porta’, e retorna para salvar a humanidade, isto também ocorre no filme.

“O Amor é o princípio de toda a iluminação”, assim afirmo e sempre continuarei a afirmar, como disse o poeta Dante Alighieri.

“Somente o Amor me move, somente por ele falo”

CAPÍTULO TRINTA E DOIS – A ERA DE AQUÁRIO

A Era de Aquário já está em pleno andamento, nesta era ocorrerão tremendas mudanças na humanidade, e cada um de nós teremos que nos adaptar a ela, busquemos ser inteligentes e nos adaptar positivamente a elas.

A onda da Era de Aquário se chama Dioniso, esta onda dionisíaca se baseia em dois pontos primordiais:

a Revolução
o Sexo

Assim, na Era de Aquário que já se iniciou, e que durará até por volta do ano 4000, a humanidade terá que se revolucionar e aprender a dominar suas energias sexuais. Que durante a era anterior, a era de Peixes, foram reprimidas e complexadas dentro dos tabus e preconceitos.

Porém, como em tudo existe a dualidade, a humanidade terá que escolher de que forma se processará esta tremenda energia dionisíaca.

1. Revolução e Sexo

A revolução negativa e o sexo de forma negativa se desenvolvem nestes momentos de forma escandalosa, grupos rebeldes, mergulhados nas drogas e na música infernal, proliferam, o sexo se torna mercadoria e a libertinagem sem controle impera, cheio de taras e degenerações de toda espécie.

Esta revolução negativa levará fatalmente a humanidade aos abismos da degeneração, onde a espera apenas o sofrimento e o ranger dos dentes, prazer e dor são irmãos gêmeos, “a causa do dor é o prazer”...

A revolução positiva se desenvolve através de intensos sacrifícios, aqui estão as pessoas que amam a música clássica, espiritual ou reflexiva, que praticam intensamente a meditação transcendental, que vêem o sexo como algo intensamente sagrado e divino, como vimos nos templos hindus e gregos sendo colocado dentro da altar da adoração.

Reafirmamos, o sexo é sagrado, é divino, no Tibet o Universo é representado com a união de um homem e uma mulher.

O Sexo é parte do caminho que leva a Deus e não é contrário a divindade.

Na verdade, não se devem unir só os corpos, isso o fazem os animais que caem no prazer e parecem humanos, devemos comungar antes as almas, como Eros e Psique voando sobre o mar tempestuoso da vida de volta ao paraíso.

Esta revolução tem como objetivo a ascensão as dimensões superiores da natureza, ao nirvana, ao paraíso, ao Absoluto.

A humanidade se dividirá, todas as tentações procurarão corromper aqueles que buscam a Revolução positiva, a Revolução do Ser.

2. Profecia da Arte Universal

A arte do Despertar surge, e aparecerão gênios e mais gênios que plasmarão em suas telas as verdadeiras cores da aura, que pintarão as experiências astrais, que buscarão ver as coisas além da forma, esculpindo corpos sensuais que serão tremendamente divinos e eróticos ao mesmo tempo.

Surgirá também uma música inefável e maravilhosa, templos maravilhosos integrados a natureza, representações de dramas cósmicos edanças místicas como se reencarnassem neste mundo físicos as espirituais e sensuais dakinis.

“O Artista é um clarividente”

“O discípulo deve superar o Mestre” assim disse o sábio da Vinci.

Assim, superarei meus mestres não porque sou melhor que eles, mas, como disse Newton: “porque me apoiei em ombros de gigantes”.

Um filho, com a herança que recebe do pai, ficará mais rico que este se trabalhar sobre ela, isto é óbvio.

Assim, o novo Renascimento surgirá com artistas que irão além de Leonardo, além de Michelangelo, estes gênios surgem na terra de época em época, e às vezes são os mesmos seres renascidos.

Bosch renasceu como Johfra Boschart, e aumentou sua arte dez vezes...

E outros gênios renascerão ou despertarão, muitas flores surgirão entre o jardim cheio de horríveis ervas daninhas (a arte degenerada moderna) e estas ervas tentarão destruir estas novas flores.

Retornarão a beleza das esculturas gregas e renascentistas, porém numa nova oitava maior.

Surgirão novas músicas inefáveis, novos Beethovens sublimes de cabelos elétricos, os homens e as mulheres buscarão o seio da mãe natureza, de Gaia, e sentirão em seu coração um intenso e infinito amor por todos os seres, andarão descalços pelos rios e beijaram a terra COM PROFUNDO AMOR E TERNURA a tudo o que é vivo.

Porém o contrário também ocorrerá, artistas incentivarão os desejos e a violência, formas obscenas e músicas com ritmos cada vez mais idiotizantes se sucederão na televisão, meio de divulgação das larvas dos desejos, desliga-a , ó devoto, por favor.

Ligue seu som, coloque Enya, os mantras tibetanos, o som das cachoeiras, mas não assista as novelas com suas depravações, se afaste da droga e das orgias, busque a meditação e o amor espiritual, assim alcançará o que todos os seres humanos almejam: a Felicidade!!!

3. Um pouco de reflexão

Necessitamos de um sentido de urgência, já não podemos perder nosso tempo com discussões intelectuais que não levam a nada, com sonhos infantis e desejos egoístas, devemos abrir mão de tudo isto para nós dedicarmos a ajudar aos seres que sofrem, e de libertar a nós mesmos da cadeia do sofrimento.

Sabendo que todo o sofrimento é causado por um prazer, devemos buscar a não-identificação com as coisas da vida diárias, ver além da forma e do tempo, ver a realidade interna de cada objeto, pessoa ou acontecimento, e não a mera sombra que se apresenta diante de nossos olhos.

Na minha vida, encontrei-me com muitas pessoas, em vários destes encontros reagi equivocadamente, em outras situações, me calei quando era necessário falar ou falei quando era necessário se calar.

Poderia citar inúmeros nomes, fatos, pessoas, mas, no final de tudo, todos os seres humanos, que encontrei na minha curta existência, ou aqueles que entraram em contato

através do que desenhei ou escrevi, todos nós, sem exceção formamos uma grande família que é chamada humanidade.

Inúmeros retratos, desde moças e crianças até respeitáveis senhores, inúmeros quadros, desde as sacratíssimas anunciações e pietás até os eróticos nus aúricos e energéticos, tudo girou com o intuito de presentear está grande família.

Do que adianta pensar em si mesmo, se não se pensa nos outros, devemos procurar dedicar nossa vida e nossa alma para ajudar as pessoas, para entregar alegria, conhecimento e luz na vocação que escolhemos, seja esta nos campos da arte, ou da ciência, ou da medicina, justiça, comércio, agricultura, indústria, docência ...

Quero que se entusiasmem com o meu AMOR A ARTE e comecem a lutar para mudar o mundo em sua volta, seja com palavras de ternura, pegando o lixo que jogam no chão, ou procurando se alimentar da arte universal, como a música, a poesia, a pintura, entre outras artes...

Quiçá que todos que me leiam, simplesmente não aceitem o que está escrito, ou neguem estas afirmações, mas sim procurem colocar em prática todos os ensinamentos e práticas neste livro ensinados, para que, por si mesmos, possam ir ganhando por si próprios o seu conhecimento, sensibilidade e intuição.

Tudo que está escrito também se aplica a mim, afinal, como no começo do dia se anotam os principais compromissos, assim também este livro é uma meta, devo “sentir” mais intensamente as músicas e as poesias, “refletir” intensamente, contemplar a natureza com paciência, praticar o relaxamento, a concentração no coração e no cárdias, estudar os sonhos e compreender suas simbologias, tudo isto tenho que praticar, cada vez mais e mais!!!

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS – MENSAGEM FINAL

O que eu pensei enquanto você dormia no meu aniversário – sobre A Arte e a Mãe Divina

Dormes agora, minha amiga, estás cansada, hoje, no dia do meu aniversário (vinte e oito anos), durmas igual um anjo, tua imagem lembra a do próprio Buda em seu sonho cósmico, gravarei esta imagem em minha memória para fazer um belo desenho um dia.

Certamente, esta viagem nada é do que um mero reflexo de minha viagem interior, não é a ti que busco quando vim aqui, nem ninguém mais, senão a mim mesmo, sempre a mim mesmo, eternamente

Primeiro busquei o Amor, quando poeta, artista, e descobri que o Amor não é algo individual, mas Universal, a todos os seres, aos homens, aos bichos, as plantas, as montanhas, as pedras, as nuvens, as estrelas (sim, o amor as estrelas distantes), que ensinamento sublime me ajudou a encontrar com teu rosto reflexivo.

Depois, busquei a compreensão, como filósofo, uma compreensão profunda, e assim serviste de espelho para ver minhas debilidades, minhas fraquezas e egoísmos.

Venho falar agora do presente que me deste, um presente muito valioso, o mais valioso deverás...

Dar esta primeira conferência sobre ARTE OBJETIVA para teus amigos, desta instituição venerável a que pertences, falar sobre os fundamentos da Arte Universal, da música, da pintura, da poesia, mostrando as esculturas de Michelangelo e refletindo nelas.

Mostrando a PIETÁ de Michelangelo , onde a MÃE DIVINA se aparece tão esplendoroso, obra-prima que nós faz mergulhar na beleza do AMOR INCONDICIONAL, em seu rosto belo e sempre jovem, segurando o CRISTO morto em suas mãos ternas e carinhosas...

Mostrando as pinturas de Johfra e mergulhando igual golfinho no mar interior de suas simbologias...

Observamos a imagem de Stella Maris num quadro, jogando as flores do mar, e refletimos , o que significa as flores, virtudes? O mar... a vida? Refletindo... tudo isto maravilhoso...

A flauta zen suspirou silenciosa permitindo viagens além do corpo e da mente, assim começam: Ó timoneiro de ti mesmo! Prepara-te! Entramos na caverna de nós mesmos, já não temos medo! Estás comigo! Mãe Inefável!

“Sim! Sempre estarei contigo!” Ela responde.

Jogando as flores no mar, sendo a estrela guia de teu barco neste mar de trevas...

Teu caminho é o do coração, o da intuição, ternura, amor e imaginação, meu Filho”

Obrigado, Mãe Minha, Estrela Maior, posso ver-te sobre o mar tempestuoso, posso sentir a sua luz a iluminar minha caverna interior, no mar vejo as rosa, na caverna o tesouro escondido, igual Leonardo, Goethe, Hugo, Einstein, Platão, Blake ou Newton, sigo meu caminho, mas não vou sozinho...

PAZ-LUZ-AMOR

17 de julho de 2004 - Palmas – Tocantins – Brasil – dedicado a Emyka, minha grande amiga.

2. A Cachoeira do Cerrado e as Ondas do Mar e o jardim de Nietzsche

Pude observar claramente um belo arco-íris, enorme, ele deve começar na Praia Grande e terminar em Santos, seja como for, após a agitação de São Paulo, o contraste entre os impecáveis ternos na engraxataria defronte ao edifício do BANESPA e os mendigos dormindo em jornais na Sé, a asseada avenida Paulista e a confusão da 25 de março.

Tudo isto num mesmo dia de investigação.

Agora, observando as ondas do mar, que vem e depois retornam em seu refluxo, num movimento encantando, até onde meus olhos podem ver, reflito nesta arte, nesta beleza, não canso de contemplar as ondas nem o mar.

Poderia refletir na pequena cachoeira do cerrado, suas águas pequenas um dia chegarão ao Amazonas... como é lindíssima, em contraste com a magnitude desta mar revolto de infinitas ondas, no chão encontro algumas conchas e as seguro nas mãos.

Porém, onde o homem toca vem a sujeira, o lixo, os plásticos, latas, etc. emporcalhando a praia...

O choque das ondas querendo derrubar meu corpo, depois me puxam, me lembra a própria vida, a horizontal, este mundo que nos fascina ...

A cachoeira do cerrado, com suas águas límpidas, cristalinas, puras, intocadas, que caem fortemente sobre meus ombros e cabeça lembram a vertical, a inspiração que nos enche de energia.

A praia é acessível, fácil de achar, cheia de pessoas, porém, a cachoeira está fechada dentro da natureza é só minha amiga me saberia levar até ela, onde a borboleta azul voa.

Tenho um grande amigo, eu penso nele, ele se chama Maycon, e serve para confirmar minhas suspeitas: que arianos e cancerianos se dão muito bem, já que sou de câncer, e ele, de Áries.

Maycon estudou Nietzsche, e de Nietzsche tirou um ponto de vista muito importante, o qual me ensinou: imaginemos nosso interior como um jardim, com várias flores e ervas daninhas, as virtudes são flores, as mesmas rosas jogadas por Stella Maris – Iemanjá, devemos escolher apenas uma virtude para “cultivar” diariamente, a virtude que mais nos desponta.

Sua virtude? Maycon me disse que era a serenidade, a tranquilidade.

Perguntei a Maycon se sabia qual era a minha virtude, e eis que respondeu que minha virtude era a Imaginação, ora!? Não é que é mesmo!!!

De todos os milhares de retratos, centenas de poesia, a cachoeira que desce sobre minhas costas e quero viver é o Imaginar...

“Tudo que podes imaginar, podes também conseguir” disse o gênio Einstein.

Primeiro, procurei o Amor, segundo, a Compreensão, mas agora, sobre todas elas, encontrei a virtude suprema do Artista Universal: A Imaginação!!!

“Imaginação, Inspiração e Intuição são os três caminhos obrigatórios da Iniciação”

“De tanto imaginar o amador se torna a coisa amada” diz o poeta Camões.

“Imaginar é ver” diz o sábio, através da Imaginação, vemos o caminho que temos que percorrer e podemos afirmar: JÁ CHEGUEI!!! Antes mesmo de estar lá, isto é completamente zen, e não será compreendido com o intelecto normal.

De imaginar, vemos que não estamos separados, e sim unidos ao todo, da luz que se espalha para todos os lados flui o Amor Universal e pleno, igual ao de São Francisco de Assis ou Goethe...

Através da Imaginação advém a compreensão, a reflexão em todas as coisas e seres.

A Imaginação na natureza permite o mergulho da alma plena, oh amiga, lembra das Estrelas noturnas, lembra do sol queimando ao longe o lago de Palmas.

Oh Amigo! Lembra do lago noturno? Das sublimes poesias que escrevemos juntos com a crisálida da imaginação? A quatro mãos? Das viagens silenciosas no mistério da noite, imaginando o coração e concentrado no templo, imaginando antes de dormir ir nele, visualizando a viagem ao templo dos mistérios e quando a alma sai do corpo, indo ao lugar que tanto imaginamos?

Adentrando na Capela Sistina, o que dirias, se as figuras saíssem do teto e se movimentassem? Se tornassem vivas e mais intensas que o maior dos filmes, que vibração cósmica infinita?

Imagines, e tudo que possas imaginar, poderás fazer, oh devoto da Arte que é auto-conhecimento e auto-reflexão, auto-descoberta, é sentir e é refletir!

Aqui vai uma história que aprecio muito.

Conta a lenda que certa vez, estavam duas crianças patinando em cima de um lago congelado. Era uma tarde nublada e fria e as crianças brincavam sem preocupação.

De repente, o gelo se quebrou e uma das crianças caiu na água vendo que seu amiguinho se afogava debaixo do gelo, pegou uma pedra e começou a golpear com todas as suas forças o gelo, conseguindo quebrá-lo e salvar o seu amigo.

Quando os bombeiros chegaram e viram o que haviam acontecido, perguntaram ao menino:

Como você fez isso? É impossível que você tenha quebrado o gelo com essa pedra e suas mãos tão pequenas!

Nesse instante apareceu um ancião e disse:

Eu sei como ele conseguiu.

Todos perguntaram:

Como?

O ancião respondeu:

Não havia ninguém ao seu redor para lhe dizer que não poderia fazer!

Maravilhoso, não! Portanto, digam: já cheguei, vivam como bodhisatvas, seres de amor intenso e imaginação transbordante, aqui, na praia dos sonhos, siga os caminhos que Anchieta fez há quase quinhentos anos, é digo que “imaginar é ver”, desde que imaginemos e pratiquemos ao mesmo tempo, nada de fantasias, mas sim PRÁTICA, a cada instante, a cada

momento, pois vivemos o aqui e agora, nem o futuro nem o passado, o coração bate a cada instante como uma estrela que pulsa com todas as suas forças e não mais...

PAZ-LUZ-AMOR

Praia dos Sonhos – Itanhaém – São Paulo – Brasil – ao meu amigo Maycon
13 de novembro de 2004

3. A Vida é um sopro...

Vem agora a noite, senhora da inspiração, é a hora de terminar este livro, não sei como, mas o farei, pois já é a hora.

Um ciclo se fecha, outro se inicia, hoje faz exatos quinze anos que vi pela primeira vez a obra de Johfra, e que comecei a estudar o auto-conhecimento (gnose), porém, tudo isso não foi mais que um mero piscar de olhos.

Viva o momento, o presente.

Certa vez, um mestre zen reuniu seus discípulos e perguntou:

Quanto tempo vive uma pessoa?

Cada um falou uma resposta:

Cinquenta... sessenta.... setenta anos... arriscaram os discípulos.

Não – negou o Mestre , vocês erraram.

E serenamente respondeu:

A vida é apenas um sopro. Não se prenda nem ao passado, nem ao futuro. Viva o presente. Onde quer que esteja, e o que estiver fazendo, sinta as coisas belas ao seu redor.

SENTIR... e REFLETIR, é o fundamento da Arte Universal, do Homem Universal, SENTIR, somente isto, porém verdadeiramente, com o sentindo interno da auto-reflexão, e não mecanicamente.

Aqui me apresentei demasiado sério, porém, na verdade, sou um brincalhão, faltou a este tratado um pouco de humor e de alegria, faço sorrir a todos como uma grande criança, fazendo retratos e conversando ao mesmo, fazendo amizade com todo mundo e contaminando a todos com essa alegria, poderia terminar aqui contando algumas piadas para relaxar, ou simplesmente sorrindo com as palhaçadas (ah sim, e são muitas) que acontecem, afinal, o humor, rir dos erros é também uma arte.

Rir de si mesmo, de seus erros, de nossas tolices, e saber o momento de brincar e o momento de estudar é algo fundamental.

Ora, visitando minha amiga Emyka fiz de tudo para não cair nos barrancos do cerrado, tanto esforço de um paulista urbano, mas, no final, foi só se deitar na rede de sua casa, no final do dia, para descansar, e essa despencou no chão rasgada ao meio, e veio o “ai ai”, quantas minutos ficamos rindo da situação eu não sei, ela foi ver o que tinha acontecido e ficamos rindo por um tempo infundável.

Nos encontros gnósticos fiz caricaturas hilariantes, fiz meu amigo Áli segurando um monte de esfihas na mão, as oferecendo, um absurdo de esfihas!!! Como poderíamos comer todas? Isto ocorreu na estação do Tietê, em São Paulo capital, no início de 2004, no ano anterior fomos para Atibaia, onde desenhei o pessoal e nosso amigo Adauto praticando o seu terrível mantra ronc, que não deixou ninguém dormir nem praticar viagem astral, tamanho o seu poder.

Também na praia fiz caricaturas, e com meus alunos as aulas se passam em alegria, as vezes uns sujam os outros com os pastéis secos, como minha querida aluna e irmã Lais.

Muitas acontecimentos se processam de forma maravilhosa em nossa vida quando estamos preparados para eles.

Cada pessoa que surge pode nos fazer aprender novos e maravilhosos ensinamentos.

Em especial, àqueles que tem talento, que tem a semente guardada, esta procuro ajudar a florescer, igual à um jardineiro, essa é a função do professor

“Você ensina melhor aquilo que mais precisa aprender” isto é o que nos ensina um famoso ditado zen.

A arte faz a vida plena, abrimos os olhos para todas as maravilhas de Deus, e a vida cintila em nossos olhos como se fossem estrelas...

Como escrevi certa vez: A Luz do sol brilha nos olhos de quem ama a vida”, ou em espanhol: “La Luz del Sol brilla en los ojos de quien ama la vida.

Escrevi isto para que Melisa pudesse colocar em seu desenho, Imaginação, desenvolva a imaginação, minha querida aluna.

Nunca digas: “Eu não consigo!”

Mas sim: “Tudo que possas imaginar, podes conseguir”

Fiz um mangá com a imagem de minha aluna desenhando as belas fadas, e me lembrei da frase que coloquei junto ao desenho que fiz dela, quando estava parada sobre as árvores, contemplando a paisagem:

“Na semente já existem todos os frutos e flores da árvore futura, o máximo que posso fazer e regar a terra com água”

4. Castelos de Areia

Lembra?!? Melisa, quando eu estava lá na praça e havia terminado um desenho de uma mulher, uma nova versão do DESPERTAR, seus olhos se abriam, o terceiro olho soltando seus raios, e sua cabeça se levantava sobre o mar? duas crianças brincavam alegres construindo castelos de areia...

Os castelos de areia são uma história do meu próximo livro: A FONTE DAS SIMBOLOGIAS ONÍRICAS, este será meu segundo livro, meus amigos e leitores.

O menino eu imagino que sou eu – eu disse a ela , brincando, ai vem a menina e brincam o dia inteiro construindo castelos na areia , quando chega o final do dia o pai dela vem e a chama e o menino (que sou eu) fica triste...

Não fique triste – diz o pai, amanhã ela voltará para brincar.

Assim é a vida, construímos castelos, mas chega o final do dia, e vem a onda e destrói num só instante o castelo que levou a vida inteira para construirmos.

A vida é um sopro...

Porém, o menino vê no céu, nas nuvens, o castelo que construiu...

O que aqui fazemos é um reflexo... uma criança brinca de carro para depois, no futuro, dirigir, a menina brinca de boneca e no futuro será mãe, assim, construímos castelos de areia, criamos a arte para, quando amadurecermos espiritualmente, construirmos os castelos do Ser, seremos parte do Universo e de Deus, e partilharemos da construção de seus castelos: as estrelas são os grãos de areia com o qual Deus constrói os castelos que chamamos de galáxias na praia que é todo o Cosmos.

A menina é nossa essência, nosso ser que nós guia, no transitório, no passageiro, existe um reflexo do eterno, da criação divina.

A criação do artista é um reflexo da criação de Deus, brincando de criar ela amadurecerá para viver a criação e a vida de todo o Universo, comungará com todos os cosmos ao mesmo tempo, será as estrelas que brilham dentro dos seus próprios olhos...

Certamente, se faz correto, antes de terminar esta história, colocar o Decálogo do Artista, magistralmente escrito por Gabriela Mistral, uma grande poetisa chilena.

5. Decálogo do Artista (de Gabriela Mistral)

I . Amarás a beleza, que é a sombra de Deus sobre o Universo.

II . Não será uma arte ateia. Ainda que não ames ao Criador, o afirmarás criando a sua semelhança.

III . Não darás a beleza como isca para os sentidos, e sim como alimento para a alma.

IV . Não te será pretexto para a luxúria nem para a vaidade, e sim o exercício divino.

V. Não a buscarás nem nas feiras nem levarás tua obra a elas, porque a Beleza é virgem, e o que está nas feiras não é Ela.

VI. Subirás teu coração a tua canção e lá falará purificado ao teu Ser primeiro.

VII. Tua beleza se chamará também misericórdia, e consolará o coração dos homens.

VII. Criarás tua obra como se gera um filho: saindo sangue de teu coração.

IX. Não te será a beleza ópio adormecedor, e sim vinho generoso que te acenda para a ação, pois se deixas de ser homem ou mulher, deixarás de ser artista.

X. Toda a criação o deixará com vergonha, porque foi inferior a teu sonho, e inferior a esse sonho maravilhoso de Deus, que é a Natureza.

Assim, teu sonho será inferior ao sonho de Deus, assim como castelos de areia serão diante do castelo de estrelas... mas, não acho certo dizer vergonha, mas sim HUMILDADE.

6. CONCLUSÃO

Depois de comentar o desenho a Melisa, veio meu amigo Kleber, que na época estudava na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), e que gosta muito de filosofia, e lhe pedi para descrever o desenho:

Podes descrever para nós?!?

Sem hesitar um segundo sequer, Kleber começou a falar:

O terceiro olho representa que ela esta buscando algo a mais , a mulher que entra na água sozinha está triste, já os outros estão acompanhados, o barco no mar representa um caminho...

Ou seja, ele começou a falar completamente diferente de mim, aí Melisa se surpreendeu...

Como pode ser, tão diferentes opiniões???

A arte é um espelho, você vê nela aquilo que você é o que você busca !!!

Sim ! Meneou com a cabeça Kleber.

Neste momento minha aluna Melisa deve estar na Argentina, com sua família para passar o ano novo, e logo partirei também para a praia, dedico este livro a todos que buscam fazer sua luz brilhar, como me desejou minha querida amiga Larissa, e como escrevi naquela frase que escrevi junto ao desenho da moça contemplativa nos jardins de uma praça de minha cidade Natal.

“La Luz del sol brilla en los ojos de quien ama la vida”

PAZ – LUZ – AMOR

São Paulo – São Paulo – Brasil

Luciano Moraes